

PESQUISAS

História nr. 15

Ano 5.º

1961

Sargento-mór

DOMINGOS JOSÉ MARQUES FERNANDES

A PRIMEIRA HISTÓRIA GAÚCHA

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Porto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico
Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica
João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia
Inácio Schmitz, S. J. — Secretário de Redação

— — — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

História, nr. 15

Ano 5

1961

Sargento-mór
DOMINGOS JOSÉ MARQUES FERNANDES

A PRIMEIRA HISTÓRIA GAÚCHA



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

P R E F Á C I O

A primeira história do Rio Grande do Sul é de autoria de Domingos José Marques Fernandes e foi oferecida a D. João, em Lisboa, a 10 de setembro de 1804, como se vê da dedicatória do autor ao Príncipe. Seu título é o seguinte: **DESCRIÇÃO COROGRÁFICA, POLÍTICA, CIVIL E MILITAR DA CAPITANIA DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO DO SUL**, pretende (O Amigo do Estado) dar uma instrução acomodada ao aumento do Comércio, e recomendar ao Soberano e à posteridade os Varões célebres da mesma Capitania pelas suas ações em serviço do mesmo Soberano”.

Por que a primeira história gaúcha foi dedicada ao futuro D. João VI? e por que está datada de 1804, em Lisboa? A resposta é fácil, pois seu autor fôra a Portugal para pleitear junto ao Soberano a divisão da Capitania do Rio Grande em 4 municípios e era preciso mostrar ao Govêrno da Metrópole, o que representava então a mais meridional das Capitanias do Brasil, sua importância, seus feitos na defesa e alargamento das fronteiras, e o valor de seu comércio e pecuária.

O trabalho de Domingos José Marques Fernandes, que permaneceu inédito, depois de mais de século e meio, divide-se em quatro grandes Capítulos, subdivididos em parágrafos, e a cópia, que dêle possuímos, tem 112 páginas datilografadas, além de mais 3 de uma espécie de índice remissivo.

No 1º Capítulo “Mostra-se qual e quanta seja a Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, pelos efeitos da Criação, da Natureza e da Divina Providência”. É a descrição física da terra gaúcha, a sua primeira geografia em suma.

No 2º Capítulo “Mostra-se qual e quanta seja esta Capitania pelos efeitos da propagação indestrutiva e providência humana”. Temos aí a geografia humana e econômica do Rio Grande, sua Corografia.

No 3º Capítulo, “Mostra-se qual e quanta seja a Capitania

do Rio Grande de São Pedro do Sul, pela sua opulência e fôrças". Aqui temos uma ligeira notícia das origens do Rio Grande desde as demarcações, e lutas nas Missões, e com os espanhóis, até os feitos de Patrício Correia da Câmara, Manoel dos Santos Pedroso e Borges do Canto, em 1801.

São as gestas heróicas, que tanto enobrecem as raízes da História gauchesca. . .

No 4º Capítulo, "Mostra-se qual e quanta pode vir a ser a mesma Capitania". É uma antevisão do futuro do Rio Grande do Sul.

De que a exposição sôbre o Rio Grande do Sul, feita ao Príncipe Regente, não foi totalmente perdida, a melhor prova é a criação das primeiras Vilas gaúchas por determinação do próprio D. João, em que cita o nosso Autor, ordenando:

"Faço saber a Vós Governador do Rio Grande de São Pedro do Sul: que vendo-se no meu Conselho Ultramarino o que informastes em carta datada a 25 de março do ano passado, em cumprimento da Ordem que se dirige com data de 19 de abril de 1804, sôbre a representação do Sargento Mór das Ordenanças Domingos José Marques Fernandes, relativa à Criação de Novas Vilas, e vendo-se igualmente os mais papéis, que se mandaram juntar, respectivos sôbre o mesmo objetivo, e o que responderam os Meus Procuradores Régios, que mandei ouvir: Sou servido ordenar-vos: que de acôrdo com o Ouvidor da Comarca da Ilha de Santa Catarina procedais na Regulação das quatro Vilas e seus distritos indicados no Plano proposto no Vosso Ofício de 4 de dezembro de 1803. . ."

Quem era, porém, êsse Domingos José Marques Fernandes para tanto se interessar pelo Rio Grande do Sul, a ponto de ir a sua custa a Portugal para pleitear a criação dos primeiros municípios gaúchos? A resposta está num atestado dos Procuradores e advogados da então Vila de N. Senhora Madre de Deus de Pôrto Alegre, documento que nos foi gentilmente cedido pelo ilustre confrade dr. Gastão Abott, infatigável pesquisador das cousas do pago e que muito nos tem auxiliado em várias buscas históricas, pelo que aqui lhe consignamos os nossos sinceros agradecimentos.

O atestado em aprêço declara: "Atestamos em fé de nossos ofícios em como Domingos José Marques Fernandes veio criar nesta Vila o ofício de Escrivão de Sesmárias no ano de 1798". O documento é um eloquente elogio à sua capacidade e honorabilidade e traz a assinatura dos advogados e procuradores Ignácio de Souza Maciel, Salvador Lopes de Araújo, Manoel Luiz Fernandes da Silva e Francisco de Oliveira e Souza.

Deve-se, portanto, a Domingos José Marques Fernandes o início do Municipalismo gaúcho pela persistência com que se ba-

teu pela criação dos municípios de Pôrto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha, oficializados em 1809.

Com a vinda da família Real para o Brasil, em 1808, Domingos José Marques também retornou ao Brasil, onde era casado e então foi provido na Serventia do Ofício de Escrivão da Ouvidoria Geral do Crime, e depois da Correição do Crime da Corte e Casa, no Rio de Janeiro, cargo que largou em 1822 por cansado, indo residir em sua fazenda da Pedra Branca no Distrito da Ilha Grande, tendo sido Juiz de Paz da Câmara do Rio em 1828. O autor da primeira História Gaúcha, homem de letras, e perfeito observador, era natural do Couto de São Salvador de Pedralva, em Portugal e cremos que faleceu depois de 1842, pois ainda dêsse ano há um requerimento seu.



Com a invasão do Rio Grande do Sul em 1763 por D. Pedro Cevallos, o domínio castelhano em grande parte do território gaúcho perdurou até 1777, quando conseguimos retomar a vila de S. Pedro e expulsar definitivamente os intrusos.

O finado coronel Jônatas Rego Monteiro deixou-nos, dêsse período de 14 anos, o excelente trabalho **DOMINAÇÃO ESPANHOLA NO RIO GRANDE DO SUL**, publicado primeiramente em vários números da **REVISTA MILITAR BRASILEIRA**, e depois em separata, em 1937, numa edição muito reduzida.

Em fins de 1773, D. João José Vertiz y Salsedo excursionou pelo Rio Grande do Sul, com o intuito de tomar a fortaleza Jesus, Maria, José de Rio Pardo, reunindo para isso várias fôrças de Buenos Aires, Montevideu e Missões. Assumira êle o Govêrno de Buenos Aires em 1770 e era grande conhecedor das campanhas do Uruguai, pois desde 1749 chegara a Montevideu como Inspector de Tropas.

Sôbre a marcha de Vertiz, fundação do Forte de Santa Tecla em Bagé e sua chegada até as proximidades de Rio Pardo, tudo vem descrito no livro de Rego Monteiro supra citado. Uma cousa, porém, não só êste grande pesquisador omite, como também muitos outros historiadores modernos têm evitado tocar: É o estratagema de José Marcelino de Figueiredo, ao simular falsa chegada ao forte Jesus, Maria, José, fazendo embandeirar e dar salvas de artilharia seguidos, com desfile de praças em grande uniforme pelas ameias da cidadela.

O primeiro a tratar do episódio foi José Feliciano Fernandes Pinheiro — o pai da historiografia gaúcha. O futuro Visconde de S. Leopoldo, quando chegou ao Rio Grande (início do sé-

culo XIX), os fatos ainda estavam muito recentes e pôde apanhar muitas notas pela tradição oral. Talvez por isso tivesse sido posta em dúvida a narrativa feita nos ANAIS DA PROVÍNCIA DE S. PEDRO, a respeito do assunto:

“Na várzea, uma légua do Rio Pardo, alojou-se o exército (de Vertiz), bem devassado da fortaleza, colocada em uma eminência; ali aguardava por dois numerosos corpos de índios, com os quais projetava fazer uma diversão pelo passo do Jacuí, enquanto o exército atacasse pela frente”.

“Chega D. Bruno de Zavala com mui poucos dos seus, e com a notícia de que encontrando-se com aquela derrotada e fugitiva partida de Correntinos, não só foram baldados todos os esforços para reuni-los, mas ainda comunicaram tal terror aos do seu comando, que desentreadamente desertaram, e o desampararam. Este revés desconcerta o plano de Vertiz; perplexo vacilava no expediente, que adotaria; eis um dia ouve uma salva como de numerosa artilharia e embandeirada a fortaleza; era um estratagemma, que representava o Governador português chegado da capital, e a artilharia consistia realmente em um morteiro e dois falconetes de calibre 4, tomados ao comandante Catani, e em duas peças de ferro de calibre 2.

“Não pôde aquêle general disfarçar sua surprêsa, e é fama que, exprobando aos espias, se eram aquêles tiros de peças encravadas e incapazes, e aquela a fortaleza desmantelada e sem defesa, como o haviam informado, lhes dera digno castigo”.

Ora, êsse belo ardil de José Marcelino corria como lenda. Entretanto, o fato é verdadeiro e vem confirmado pelo Sargento-Mór Domingos José Marques Fernandes, autor da DESCRIÇÃO COROGRÁFICA, POLÍTICA, CIVIL E MILITAR, DA CAPITANIA DO RIO GRANDE DE S. PEDRO DO SUL, que ora publicamos e que assim refere o caso:

“Ali fêz alto no sítio chamado hoje de Ana Pedroza e alojado o exército mandou falar à fortaleza do Rio Pardo dizendo: — que aquêle país pertencia ao Rei de Espanha; e que êle trataria aos portugueses, que assim o não reconhecessem por ladrões e salteadores; ao que respondeu um que parecia ser o Comandante do forte; que êle não podia dar a S. Excelência a devida satisfação, sem ordem do Governador da Capitania, que havia de vir de Pôrto Alegre, e ali se esperava no dia seguinte a tantas horas; com êle poderia S. Excelência tratar o que quisesse. Dito assim e acomodado o caso por êste, que na realidade era o Governador da Capitania, cuidou logo de fazer peças de pau GIRIBÁ (sic!), muito mole, fácil a operar-se a machado e tórno, e apresentou no mesmo dia uma bateria formidável: no dia seguinte às ditas horas, servindo-se da única peça d’Artilharia, que havia na Capitania, deu uma salva, como devido obséquio à chegada do Go-

vernador, vindo de Pôrto Alegre; e se manobrou com tal velocidade, que pareceu ao Inimigo haver no forte tantas peças como os tiros que ouviu. Logo depois appareceu o Governador passeando no forte com a sua farda encarnada, em confirmação das idéias dadas. Tinha o General da Capitania, isto é, o mesmo Governador, sabido por um Índio, dias antes, da marcha do Inimigo, e despedido logo duas companhias de Dragões, que fôsem registrar aquella marcha e fazer de noite o estrago que pudessem no exército Espanhol”.

Como vemos, os relatos de dois cronistas contemporâneos confirmam o episódio acontecido nas muralhas do forte Jesus, Maria, José de Rio Pardo, graças à esperteza de José Marcelino de Figueiredo, que tanto atemorizou o arrogante Vertiz.

Assim arremata o resultado da ameaça do Governador de Buenos Aires à Fortaleza de Rio Pardo, o último cronista:

“O General inimigo havia entrado tão afoito nas nossas terras por lhe dizerem que nesta Capitania não havia artilharia com que os Portuguezes lhe houvessem de resistir: não lhe passou pela imaginação que os Portuguezes independentes de Artilharia podiam derrotar o seu exército e até aprisionar a sua pessoa: e reconhecendo enfim, à vista dos experimentados insultos, e da artilharia que ouvira, a sua temeridade, e que se mais se demorava chegaria pelo menos a não ter cavalos em que voltasse para Montevideú, de onde viera; tomou a resolução de retirar-se, pedindo por favor ao General Português que lhe não picasse a retaguarda!”

Dêste modo terminou a aventura da invasão de D. José de Vertiz y Salsedo até às barrancas do Jacuí, onde o forte Jesus, Maria, José do Rio Pardo, alcáçova do Sul do Brasil, foi uma atalaia permanente contra as pretensões castelhanas!



A cópia que ora publicamos foi feita do original existente no Arquivo Histórico Militar de Lisboa, a pedido do ilustre historiador mineiro Dr. Augusto de Lima Júnior e oferecida, no Rio, ao General Francisco José Pinto, então chefe da Casa Militar do saudoso Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas.

“Com autorização do Dr. Augusto de Lima Júnior, mandolhe junto a DESCRIPÇAM CHOROGRAFICA, POLITICA, CIVIL E MILITAR de autoria do sargento-mór Domingos José Marques Fernandes. O Dr. Lima Júnior que fêz copiar êsse documento no Arquivo Histórico Militar de Portugal, pede-lhe o favor de anotar o trabalho e fazê-lo publicar onde achar mais conveniente”.

Posteriormente, o General Souza Doca ofereceu-me a DESCRIPÇAM em aprêço por absoluta falta de tempo para anotá-la, o mesmo acontecendo conosco, pois só agora podemos publicá-la, o que, afinal, fazemos, com prazer.

DE PARANHOS ANTUNES.



O INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS agradece ao General Dioclécio De Paranhos Antunes pela cessão do manuscrito, que vai aqui pela primeira vez publicado. Transcrevemos o documento na ortografia usual. Omitimos o índice remissivo por ser muito incompleto. Em compensação inserimos um mapa do Rio Grande do Sul para que o leitor possa acompanhar mais facilmente o relato, deixando-lhe, porém, quanto ao mais, a sua feição original.

O AMIGO DO ESTADO

que, pela presente

DESCRIÇÃO COROGRÁFICA, POLÍTICA, CIVIL E
MILITAR

Da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, pretende dar uma instrução acomodada ao aumento do Comércio, e recomendar ao Soberano e à Posteridade os Varões célebres da mesma Capitania pelas suas ações em serviço do mesmo Soberano,

O SERENÍSSIMO SENHOR

DOM JOÃO,

PRÍNCIPE DO BRASIL E REGENTE DE PORTUGAL,
ALGARVES E SEUS DOMÍNIOS.

Etc., Etc., Etc.

AO QUAL

A — dedica seu autor e fiel Vassalo do mesmo

SENHOR

O Sargento-Mor

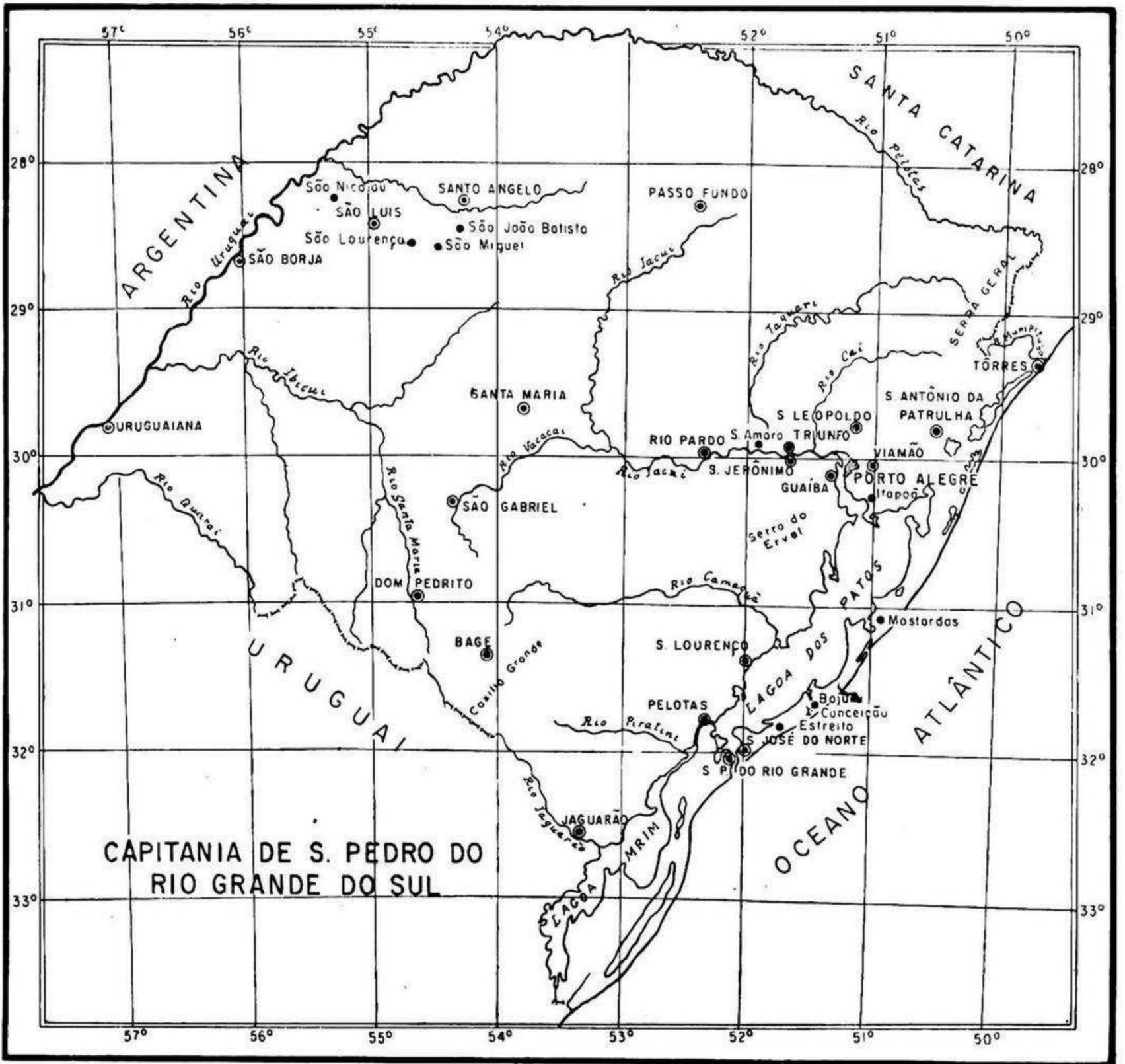
DOMINGOS JOSÉ MARQUES FERNANDES, natural da freguezia de S. Salvador do Couto de Pedralva, no Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas.

SENHOR

O Amor da Pátria, o zêlo da felicidade desta Monarquia, e os louváveis desejos de fazer serviços e merecer a graça e benevolência de V. Alteza Real, depois de me influírem na composição dêste discurso, êles me conduzem aos pés do Trono a oferecer e consagrar, com o mais profundo respeito, a V. Alteza Real êste fiel testemunho daqueles meus sentimentos. Êle contém a Descrição Corográfica, Política, Civil e Militar da Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul: se eu tenho a honra de que V. Alteza Real se digna aceitá-la, e atendê-la; verá, Senhor, quão vasto território, quão fértil, amena e deliciosa é a mesma Capitania; que nobres almas ali nascem e se criam; que hábeis engenhos; que generosos espíritos, e que fiéis vassallos alenta e vivifica aquêlê feliz clima, e Deus N. Senhor sujeitou ao domínio de V. Alteza Real; vassallos verdadeiramente portuguezes, amantes do seu Príncipe com preferência a todo o respeito humano, experimentados e provados em despesas, em resolução e em ações memoráveis. Verá, Sereníssimo Senhor, que tem renascido naquêles Seus Vassallos o mesmo valor portuguez, que em todos os séculos desta Monarquia se açoutou com os mais fortes inimigos na Europa, na África e na América. Entendi, portanto, que eu não devia deixar de informar a V. Alteza Real do que sei, que é aquêlê Capitania; porque a medi; e das façanhas dos Seus Vassallos, porque as presenciei; e de recomendar à posteridade os grandes milicianos e soldados, que as obraram: deduzindo, finalmente, quanto a mesma Capitania pelos serviços de seus habitantes e preciosidade de seus tributos se faz merecedora, de que V. Alteza Real se digne mandar promover as Providências, de que ella necessita para seu aumento, e do Estado.

Lisboa, 10 de setembro de 1804.

Domingos José Marques Fernandes.



DESCR I Ç Ã O C O R O G R Á F I C A

— da —

Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul

CAPÍTULO I

MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA ESTA CAPITANIA PELOS EFEITOS DA CRIAÇÃO, DA NATUREZA E DA DIVINA PROVIDÊNCIA

§ I — *Confronta-se a Capitania, aponta-se e descreve-se o seu único pôrto no mar Oceano.*

1. A Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul é a mais meridional de tôdas as do Brasil, e subalterna da Geral do Rio de Janeiro: parte pelo Norte com a de S. Catarina, da qual a divide o rio das Tôrres; o qual entra no Oceano, e tem uma fortaleza e guarnição posta pela mesma Capitania, que defende a entrada a alguma pequena embarcação, de que sòmente é susceptível; e serve de registo aos passageiros, que andam por terra de uma para outra Capitania. Parte pelo Sul com a de Montevidéu; pelo Oeste com a de S. Paulo; de que a divide a Serra Cordilheira; e pelo Este com mar Oceano. Tem um só pôrto, que é a foz do Rio Grande, a qual se acha a 32 graus e 7 minutos de latitude meridional: é mau pôrto; porque não tem de fundo

mais que vinte e quatro palmos; e pior porque esta mesma altura é inconstante e se altera e muda com qualquer enchente; e ainda mesmo pelo vazio fluxo, e refluxo das águas do mar que ali raras vêzes se move manso: de ordinário está sempre agitado furiosamente do Sul, Sueste e Sudoeste: pelo que costumam os navegantes esperar que abrandem êstes ventos; e ainda assim não acometem a entrada desta barra senão em embarcação que não precise mais que quatorze palmos d'água.

2. Êste pôrto é difícil de conhecer aos navegantes, por não ter terras altas, matos, nem edifício algum, que lhes sirva de baliza ou marca; o que obriga os navegantes a buscar o grau e minutos indicados costeando ao Norte e em tempo claro: assim mesmo a barra se não conhece em mais distância que duas léguas, na qual logo aparece o pilôto da mesma barra em uma embarcação média de duas proas, fazendo certos sinais com uma bandeira aos navegantes, que pelo conhecimento que dêles têm, guiam, e entram sem perigo pelo Rio Grande, até duas léguas acima da barra, quase sempre a rumo de Nordeste: ali se acha a povoação dêste pôrto, chamada de S. José do Norte; defronte da qual, em distância de uma légua, que o rio tem de largura está outra povoação, que se chama de S. Pedro do Sul.

§ II — *Extensão da Capitania e sua divisão, feita pela natureza com rios, que a cortam, pelo Poente do Rio Grande.*

3. Esta Capitania não é das maiores daquêle Estado, nem tão pequena, que não tenha mais de oitenta léguas de Nordeste a Sudoeste; e de dez até mais de cem de Noroeste a Sueste: é uma das mais férteis do Brasil; e com tais singularidades, que tôdas as demais dependem dela; e esta é independente de tôdas. A maior parte do terreno é campestre, o clima temperado e salutífero, os vales aprazíveis, pelas muitas águas, de que são regados, e regados de peixe, e das belas vistas que em tôda a parte se estimam, das águas entre as terras. O que neste artigo merece mais atenção e respeito é haver duas lagoas no centro do Continente, com tal excesso grandes, que uma, a qual se chama de Mirim, tem vinte léguas de comprimento, e sete até dez de largura: a outra é a Lagoa dos Patos, comprida quarenta léguas e larga dez até vinte.

4. Estas lagoas recebem as águas de vários rios que nelas entram e desaguam no Oceano pelo Rio Grande, o qual treze lé-

guas acima da foz recebe as águas da Lagoa Mirim, que lhe são comunicadas pelo rio de S. Gonçalo, o qual antigamente se chamava o Sangradouro da Lagoa Mirim. O mesmo Rio Grande no ponto, em que recebe o rio de S. Gonçalo, forma com êste uma enseada, que tem mais de duas léguas de largura; esta é cômoda a tôdas as embarcações que sobem do mar e da barra, por ter bom fundo, e ser abrigada aos ventos do Sul. As mesmas embarcações, que de ordinário são bergantins e sumacas, ali descarregam e carregam as fazendas, que descem pelo Rio de S. Gonçalo em hiates, que o navegam facilmente até entrarem na Lagoa Mirim; e dela passam a entrar em alguns de vários rios, que nella desaguardam.

5. O mesmo rio de S. Gonçalo desde a sua entrada no Rio Grande até a Lagoa Mirim corre trinta léguas, em que recebe em si vários rios mais pequenos; e com todo êste notável concurso de águas, se levam estas tão serenas e vagarosas, que facilitam a navegação a embarcações de remo e de vela, sendo pequenas, como hiates, em razão do pouco fundo do mesmo rio em a maior parte do seu curso: não tem pontes, mas tem três passos públicos em tôda a mencionada extensão, nos quais há passagem de uma para outra banda em canoas, que vendem à Coroa de Portugal os preços da rematação, feita em hasta pública, anual, ou trienalmente, conforme querem os procuradores da Fazenda Real. O primeiro passo se chama dos Negros, o segundo da Beca, o terceiro de Luís Cano: além dêstes passos há outros particulares, estabelecidos entre os moradores das beiras do rio, as quais de ordinário são matas, que êles possuem, e que não se alargam para a terra mais de um quarto de légua; e impedem tanto por si, pelos tremedais ou pântanos, que igualmente defendem a borda d'água, ser o rio vadeado fora daqueles passos certos e seguros, em que trabalham aquelas canoas.

6. O primeiro dos rios, que entram no de S. Gonçalo da banda do Norte, é o Rio de Pelotas, logo acima da mencionada entrada no rio Grande; pelo que também tem o nome de Pelotas aquella enseada, que se forma na união dêstes dois rios. (nº 4). O mesmo rio de Pelotas dá navegação a hiates quatro léguas, até cinco; e tem a sua origem no alto da serra dos Tapes. (nº 17). O segundo se chama de S. Bárbara, que só dá navegação uma légua no inverno, que no verão seca: tem a sua origem nas fraldas da dita serra; e corre desde a mesma origem até o rio de S. Gonçalo quatro léguas. O terceiro rio é o do Pestana, fica pouco acima, é maior, que o segundo, e recebe parte das suas águas da mesma serra dos Tapes, e parte de terras campestres. O quarto é o Paratenim, maior que todos os sobreditos três: recebe em

si vários ribeiros, que no inverno se não podem passar sem embarcação: a sua origem é no sêro de S. Maria (nº 26) vinte léguas acima da sua entrada no rio de S. Gonçalo; dá navegação duas até três léguas. O quinto é o rio da Palma, pequeno, corre pouco, não tem matos pelas beiras, o que é raridade naquele Continente; e só por elas se acham algumas palmeiras, de que toma o nome. O sexto se denomina o Chasqueiro, que admite navegação de pequenos barcos duas para três léguas, e tem a origem na Coxilha, por êste nome se entende naquela capitania qualquer serra sem arvoredos, fácil por isso a transitar-se, a qual sobe para o Erval (nº 21) crescendo em grandes cerros de pedra sete léguas acima da entrada no rio de S. Gonçalo.

O sétimo tem o nome de Arroio Grande, posto que é mais pequeno, que o rio descrito em quarto lugar: tem a sua origem nos serros de Erval, com extensão de dez léguas de corrente: é muito célebre em tôda a Capitania pela notável fertilidade das terras, que êle rega, para a produção de trigo, em o que excede as demais de todo o Brasil. Dá navegação coisa de três léguas. O oitavo é o arroio das Bretanhas, um pouco mais pequeno que o sétimo; e entra já acima do rio de S. Gonçalo, na Lagoa Mirim: também se origina em os ditos serros do Erval. O nono se apelida dos Arrombados, um dos mais pequenos desta ordem; mas como corre pouco e tem muitos lagos, permite navegação só uma légua. Na sua entrada tem uma porção de mato de madeiras delgadas, ao qual mato chamam ali o Barba negra. Décimo é o arroio do Juncal, maior que os últimos dois; tem o seu princípio em um sêro, que parte das do Erval, e corre pouco mais de dez léguas. Undécimo o rio Jaguarão, o maior de todos os sobreditos. Dá navegação cinco até seis léguas; tem o seu princípio em uma Coxilha, que sai da Coxilha Grande e corre para Missões: (nº 73), as quais Coxilhas separam as vertentes do dito rio dos do rio Negro; o qual corre para Uruguai e Rio da Prata. Êste rio Jaguarão recebe em si outros vários rios mais pequenos, a saber o Candiota, Estaqueador e outros que se dão a conhecer por primeiro galho, segundo galho, terceiro, etc.

7. O Jaguarão, de que temos falado, desde a guerra de oitocentos e um, serve a dividir as terras de Portugal das de Castela, começando esta divisão na sua foz em a Lagoa Mirim, e continuando pela corrente do mesmo rio até à Coxilha dita, aonde nasce, na altura de vinte léguas; e é o último dos rios que desaguam na mesma Lagoa da banda do Norte, e em todo o discurso do comprimento desta. Porém das terras em que ao presente estão os Castelhanos, pelo Poente e Sul recebe a mesma Lagoa mais três rios que vêm a ser Tamari, Gui e S. Miguel: pelo comprimento meridional nem recebe rio algum; mas for-

mando o círculo ovado da sua figura, vai gradualmente correndo e fechando até o rio de S. Gonçalo por onde desagua para o Rio Grande e para o Mar; o qual com a mesma Lagoa e êstes dois rios faz uma península, que desde a barra do Rio Grande até à foz do rio de S. Gonçalo tem de extensão treze léguas; dali até à Lagoa Mirim trinta léguas; e ao sul desta terá trinta léguas até onde a terra, tendo diminuído a sua largura, vem a ficar no estreito de duas léguas, que corre entre o bojo d'água da Lagoa e o Oceano; avistando-se naquele sítio umas e outras águas perfeitamente. Neste estreito de terra se acha a fortaleza de S. Teresa, edificada pelos portuguezes; a qual na divisão de limites, feita por Gomes Freire de Andrade, ficou dividindo as terras de Portugal das de Castela: *depois a entregou o Governador Tomaz Luís Osório, que morreu por isso justicado em Lisboa.* O sargento-mor, e outros officiais foram morrer a degrêdo por culpados na mesma entrega, feita em 1763. Esta península tem muitas lagoas mais pequenas, que se comunicam com a Mirim: a maior se chama Curral Alto. Há na mesma península um grande pântano ou tremedal, que a divide quase ao meio, em todo o seu comprimento; o que dá motivo a que se chame Albardão ao terreno, que corre firme entre o mesmo tremedal e o mar grosso.

§ III — *Descrevem-se os rios ao Poente do Rio Grande, dito, e Lagoa dos Patos, até o rio de Camaquã.*

8. Passada a bôca do rio de S. Gonçalo, e subindo o Rio Grande, a primeira corrente d'água, que neste se mete é o arroio de contagem, que divide quase ao meio a fazenda de Pelotas, sita no ângulo que lavam os dois descritos rios de S. Gonçalo e Grande (nº 6), a qual se supõe de quatorze léguas superficiais. O segundo é o arroio de Correntes, em que termina pelo Norte a dita fazenda. O terceiro se chama Cangussu, e também arroio grande; porque é um dos maiores daquela parte; dá pois navegação algumas léguas da sua corrente. Quarto é o arroio de S. Lourenço, que corta ao meio a fazenda do mesmo nome; a qual se supõe ter de terreno campestre nove léguas superficiais, em figura quase quadrada: além disto tem três léguas de mato, ao lado do Poente. Quinto é o Boqueirão, mais pequeno que todos êstes; os quais nascem na costa oriental da serra dos Tapes, e todos desaguam na Lagoa dos Patos; na qual acima dos ditos arroios entra o rio Camaquã, quase no meio do comprimento dela.

9. Corre o Camaquã do Poente para o Nascente, cortando a Capitania na extensão de quarenta léguas com pouca dife-

rença desde a Lagoa dos Patos até a Coxilha Grande, perto da fortaleza de S. Tecla, onde nasce: no inverno é furiosíssimo, pela quantidade das águas que recebe: é o mais caudaloso da Capitania, posto que não é dos maiores. Tem muita cachoeira e corre muito precipitado: as suas margens são serros aspérrimos de pedra em quase tôda a sua extensão: o seu leito é profundo e escuro: e a sua entrada na Lagoa dos Patos é por cinco bôcas, que formam ilhas, não tão pequenas que a maior não tenha quase uma légua por base: não admite navegação acima de quatro léguas em razão das cachoeiras e despenhadeiros no inverno; pois no verão seca êste rio de maneira, que se passa a vau nos sítios onde não há maiores fundos; dêstes é que se derivou o nome, que os índios lhe haviam dado, a saber: Icabaquam, que significa rio fundo. As vertentes, que para êle correm do sul, têm mais de dez léguas de curso, as do Norte mais de cinco.

10. Os rios e ribeiros, ou arroios que correm do Sul para o Camaquã vem a ser. Primeiro de Bernardo José Pereira, tem a sua origem na ponta do Norte da serra dos Tapes; acima das ilhas ditas da sua foz. Segundo de João Cardoso de Gusmão. Terceiro do Evaristo. Quarto do Meireles. Quinto Arroio Grande, que entra junto com o arroio da Çapata, que também se chama do Caraba: ambos êstes são grandes e procedem assim como os quatro sobreditos da Serra dos Tapes. Sexto é o arroio das Pedras, também grande. Tem o seu princípio ao pé do Guatemim, que é certo lugar, onde estêve uma guarda para defesa dos Castelhanos, e se deixou por ser lugar doentio, semelhante a outro da Capitania de S. Paulo, muito nocivo à saúde, e chamado Guatemim, nome que pela mesma razão se adoptou para o lugar de que falamos. Sétimo é o Pantanoso, pouco mais pequeno. Oitavo, de Jerônimo d'Almeida. Nono Arroio Grande, que tem o seu princípio ao pé da guarda de S. José. Décimo arroio Velhaco. Undécimo de Pedro Fagundes: dêstes dois se deve dizer que correm por sítios fragosos, despenhando-se em grandes saltos. O décimo é grande e um dos maiores dêste lado, e mui soturno: tem o seu princípio na Coxilha Grande, de que já falamos, ao pé do sêrro do Bahú. O undécimo é pequeno, corre menos de cinco léguas da sua origem. Duodécimo de João Rodrigues Alves, chama-se assim por correr pela fazenda dêste, também despenhado, rápido e espumoso na distância, que só corre de cinco léguas, e desagua no Camaquã pouco acima do passo dos Enforcados. Décimo terceiro é o arroio da Palma, grande, belo e aprazível, corre muito sereno, tem grandes poços e muitos, e portanto se navega, bem que em embarcações pequenas: tem várias qualidades de peixe e muitas capivaras, isto é porcos d'água, que se encontram a bandos pelas suas margens, em número de cinquenta até

cem, e tanto vivem nágua, como em terra. Décimo quarto é o Camaquã-Chico; também corre devagar, e tem grandes lagos; recebe vários outros arroios dos quais um se chama do Tigre; e os outros pelo nome galho, primeiro, segundo, terceiro, quarto, etc. Os campos que por êles são regados, precisamente são planos e aprazíveis e também férteis, pois, produzem muito trigo, e todo o gênero de legumes.

11. Os rios, ribeiros ou arroios, que correm do Norte para o rio Camaquã, segundo a ordem praticada com os do Sul, para cima das ditas ilhas da foz, são: arroio de Joaquim Gonçalves; arroio Grande; Passo dos Ladrões Negros: todos três nascem na Serra do Erval; posto que o Passo dos Ladrões Negros recebe a maior parte das suas águas das vertentes da Encruzilhada, que é certa povoação, e sêro da Vigia. Além dêstes entram no Camaquã mais doze arroios no resto da sua carreira; mas nenhum dêles é memorável. Concluimos êste discurso advertindo que o Camaquã nas primeiras cinco léguas da sua foz na Lagoa dos Patos para cima admite navegação de hiates, que ali entram a carregar os grandes efeitos da fazenda do Capitão Vitoriano José Centeno, chamada o Brejo, por ser muito plana em tôda a sua extensão, que terá dez léguas superficiais; e que vem a ser pouco mais de três à face do Camaquã, outras três à face da Lagoa dos Patos, e a mesma quantidade assim pelo Norte como pelo Poente.

§ IV — *Descrevem-se outros rios que entram na Lagoa dita dos Patos, e Rio de Pôrto Alegre, entre os rios de Camaquã e Rio Pardo. (Figueira braba).*

12. O primeiro se chama do Duro, tomou êste apelido de um colono que habitou entre dois galhos do mesmo rio, acima da sua foz quatro ou cinco léguas; é raso com a terra, corre quase igual com ela, e não tem nas margens matos, como têm quase todos os outros rios: tem grandes poços e forma alguns lagos; divide pelo Norte a fazenda mencionada do Capitão Vitoriano José Centeno.

O segundo é o Velhaco, consideravelmente grande, e as suas margens são matos, corre mais veloz, que o antecedente. Terceiro é do Passo Grande, corre pouco, tem nas margens alguns matos, e neles árvores chamadas figueiras brabas, em tudo semelhantes às figueiras da Europa, com a diferença de ser a sua fôlha, naquela Capitania, mais miuda; cultivava-se porque cresce muito, conserva a fôlha quase todo o ano, e serve a fazer sombra principal-

mente nos currais ao gado; produz seu fruto, que comido e desovado pelos pássaros fecunda-se a grainha, e nascem novas figueiras; e quando sucede depor a ave a mesma grainha em uma árvore; cinge-se a esta uma raíz, que vai descendo até entranhar-se pela terra: depois vai alargando até vestir ou fechar dentro em si a árvore e a cobre a ponto de a consumir, por maior que ela seja, ficando figueira o que dantes havia sido árvore de muito diversa natureza.

Quarto, Araçá, chamado também Salgado, por lavar pelo Norte a fazenda do Padre João Batista Salgado: êste rio desagua acima da Lagoa dos Patos, no rio de Pôrto-Alegre; e é o primeiro cujas águas êste recebe; nasce em a ponta da serra do Erval para o Norte; e os antecedentes do corpo da mesma serra.

Quinto é o arroio de Antônio Alves, engrossa na sua corrente com o arroio chamado Douradilho, que se lhe ajunta acima três léguas da sua foz no rio de Pôrto-Alegre: é um dos maiores desta costa; e dá navegação a hiates, que nele entram a carregar os efeitos da fazenda do dito Antônio Alves, e de várias xarqueadas. Esta fazenda toma todo o terreno entre êste arroio e o Araçá; tem de extensão nove até dez léguas; e os animais que cria são pequenos. Sexto é o arroio do Petim, no qual também entram os hiates a carregar os efeitos de várias xarqueadas: conserva o nome que tomou de seu primeiro colono. Sétimo é o das Pedras Brancas. Oitavo o Carniça, êste serve de pôrto à fazenda do Capitão José Francisco da Silveira Casado. Acima dela não há outra corrente, senão a de Rio Pardo, de que passamos a discorrer.

§ V — *Descreve-se o Rio Pardo e os que com êle entram no grande lago de Pôrto Alegre (Pinheiros).*

13. O Rio Pardo antes dêstes próximos vinte anos passados se chamava o Rio Gaíba; tomou o nome que agora tem de outro rio, que nêle entra, e que sempre se tratou pelo mesmo nome de Rio Pardo, por serem as suas águas turvas e muito fundas, e entre rochas. Dá navegação até doze léguas do seu curso a embarcações que não demandem mais fundo que de quatorze palmos d'água, bem como a barra do Rio Grande (n.º 1) e a hiates até trinta léguas do mesmo curso dêstes dois rios, onde fica a povoação que também se chama de Rio Pardo: e ainda para cima se navega mais doze léguas em embarcações mais pequenas, que os hiates, as quais, conforme podem, levam e trazem todo o gênero de mercadorias: principiam suas águas a correr da serra Cordilheira, por três diversas partes, até que se unem e compõem uma só corrente, a qual depois engrossa com vários arroios, que vai recebendo:

os principais da banda do Sul se chamam: Rio dos Ratos, Arroio de Luís Vicente, Arroio de Jerônimo d'Aviz, Arroio do Curral Alto, Arroio do Francisquinho, Arroio Capivari: êste é grande. Arroio Tabatinga, Arroio S. Marcos, dois chamados Pequeri e Irohi se juntam antes que entrem em Rio Pardo, e correm unidos quatro léguas. Irapuá é muito grande, tem o seu princípio próximo à guarda da casa de pedra, na altura ou distância de vinte léguas, em cujo discurso recebe muitos arroios, que se apelidam pelo nome galho, primeiro, segundo, terceiro, etc. Só um tem nome próprio, que é o Capané. As águas dêstes arroios são um tanto salobras, muito frias e turvas; pelos lados do Irapuá se encontra em muitas partes uma espécie de pedra negra e mole, com toques brancos, que parecem prata; arde como cêpa, e então lança cheiro de enxofre, e finalmente fica em carvão muito leve, e para nada presta.

Acima do Irapuá entra no Rio Pardo o Vacaí Grande, navega-se em canoas, quase vinte léguas, bem que com alguma dificuldade, por se achar o curso impedido com várias árvores, que para êle têm caído: é o maior desta ordem; tem a sua origem no sêro de Batovi, e corre muito mais de vinte léguas: também recebe vários arroios, dos quais dois, a saber, de S. Bárbara e Sansapé não são tão pequenos, que dêem passagem a vau, senão quando levam pouca água. Quase iguais a êstes são outros dois; isto é o Cambaí e o Salso. Entra mais no Rio Pardo o Vacaí Mirim: êste é pequeno, bem que corre dezesseis léguas desde a sua origem, que é no lugar do acampamento e fazenda de R. Ambrósio José de Freitas: corre manso, não tem saltos, e é por isso fácil a navegar-se.

Da banda do Norte, o primeiro rio, que entra em Rio Pardo é o Taquari, doze léguas acima da sua foz em Pôrto Alegre: êste mesmo Taquari se navega dez léguas em hiates; nasce no alto da Serra Geral: as suas margens são fecundíssimas, e tem muitas madeiras boas, e alguns pinhais, nunca semeados, mas produzidos pela natureza; as suas árvores são diferentes dos pinheiros da Europa, ou ao menos dos de Portugal em serem muito mais altos, muito direitos, e muito grossos; não abundam tanto de resina; e sendo boa madeira, não provam bem no ministério de mastros; são copados, como os pinheiros mansos, as pinhas maiores que as de Portugal, e os pinhões do mesmo feitio, porém tão grandes como aquela espécie de castanhas que são mais compridas do que largas; e a casca da mesma natureza e da mesma côr que estas; e mais deliciosos ao paladar que os da Europa.

Outro é o arroio do Couto: Segue-se o rio que pròpriamente se chama Rio Pardo, cujo nome se estendeu a significar o rio, cujo lado setentrional estamos descrevendo, desde aqui para baixo até o Lago de Pôrto Alegre. Também tem o seu nascimento

no alto da Serra Geral, e a corta ao meio: em ocasião de cheias é caudaloso e temível; não admite navegação; mas sofre uma ponte de madeira logo acima da sua foz. O mesmo rio que temos descrito desde o dito lago de Pôrto Alegre até esta altura, perde o nome de Rio Pardo, e se chama desde aqui até à sua origem Rio Jacohi. Neste desagua o Botucarahi, pelo mesmo lado do Norte, com o seu nascimento na dita serra Geral, onde corre dez léguas: também tem sua ponte de madeira. Correm finalmente para o mesmo Jacohi várias outras correntes do mesmo lado; mas nenhuma delas é memorável.

§ VI — *Descreve-se o lago de Pôrto Alegre e as correntes que nele entram, além da de Rio Pardo.*

14. O lago de Pôrto Alegre terá de comprimento de Leste a Oeste quase meia légua, e de largura de Norte para Sul um quarto de légua: recebe as águas de quatro diversos rios, que nele desaguam por cinco fozes na dita extensão de meia légua, e estas águas unidas das ditas correntes com as do lago são semelhantes a qualquer mão de corpo humano com a diferença de ser vista pela palma, ou pela costa. Dos mesmos rios o mais meridional é o mencionado Rio Pardo, o qual por ser mais grosso que os outros, representa o dedo pólice: o segundo é o mesmo Rio Pardo entrando neste lago por outra foz mais estreita: O terceiro é o rio Cahí, o qual corre de Nordeste mais de vinte e cinco léguas desde a sua origem, que fica para cima da Serra Geral, a quem êle corta com a sua corrente: esta admite navegação de hiates nas primeiras léguas da sua foz acima, e de embarcações mais pequenas em grande parte do resto do seu curso.

O quarto é o rio do Sino, maior que o Cahí, corre também do Norte; porém a maior parte das suas águas manam de Leste, e Lés Sueste de uma serra de bosque inculta; a qual é a mesma Serra Geral, onde por outro lado nasce o Rio Tramandahi. (nº 15). Recebe em si vários arroios de uma e outra banda; dos quais o rio de S. Maria e o Rolante são os mais consideráveis, e ambos correm do Norte do mesmo rio do Sino; cujas margens são as que mais abundam de madeiras, e entre estas há alguns pinhais da natureza que dissemos. (nº 13).

O quinto enfim é o rio d'Aldeia, 1)*, corre de Nordeste, admite navegação de hiates nas primeiras cinco léguas da foz acima; além destas corre mais de doze léguas, desde a sua origem

1)* O hodierno Rio Gravataí.

que é na serra Geral, onde também nascem as vertentes, que correm para a Lagoa, que também se chama da Serra. Este rio d'Aldeia é o mais pequeno e estreito curso, que desagua em Pôrto Alegre, e o mais setentrional; em todo o sentido representa com propriedade o dedo mínimo da mão humana. A corrente desde este lago, até a Lagoa dos Patos, representa com a mesma propriedade o pulso e braço do corpo humano: desta semelhança vem chamar-se Viamão ao território de Pôrto Alegre e seus contornos.

§ VII — *Notícia das águas, que correm do Nascente para a Lagoa dos Patos, Rio Grande e para o Oceano. (Peixe miraguaia).*

15. Não há no Continente, de que se trata, águas correntes em grande quantidade da parte oriental, assim como temos mostrado, que correm no lado ocidental: contudo tem êle muitas águas, porque são muitas as suas lagoas. Antes de tudo concebamos a idéia da figura, que tem o mesmo Continente ao lado oriental do Rio Grande e Lagoa dos Patos. E começando pela barra, nela forma o terreno um ângulo agudo, e vai alargando gradualmente até três léguas, onde está a povoação de S. José do Norte, em um ângulo obtuso. Dalí começa a largura de terreno a diminuir, e continua cada vez a menos pelo discurso de sete léguas, até a povoação chamada o Estreito, pela pouca largura de terra, que há entre o Rio Grande e o mar Oceano. Logo torna o terreno a alargar, lavado sempre pelo Rio Grande e Lagoa dos Patos até o mencionado território de Viamão. Para a mesma lagoa corre o rio Capivari, maior que outros arroios, que também entram por este seu lado no inverno, pois no verão de todo secam; bem como aquêle rio, sendo êle o sangradouro da lagoa da Serra, que tem cinco léguas de comprimento paralelo à Serra Geral, e uma até duas de largura. Para o Oceano desagua a lagoa de Mostardas por um sangradouro, que a natureza abre, e fecha todos os anos: nela entram várias qualidades de peixe, mas em maior quantidade o que se chama Miraguaia, o qual se pesca facilmente, por ser a lagoa muito baixa, posto que muito extensa; a maior altura de água é cinco até oito palmos: a miraguaia é semelhante ao bacalhau, o mesmo feitio, o mesmo gosto, ordinariamente maior, seca-se como este, e em tal quantidade, que supre tôda a Capitania de peixe sêco para a quaresma e dias de abstinência de carne: e seria maior a quantidade do mesmo peixe, se no tempo em que êle entra do mar para a lagoa a desovar, em

março até maio, se limpasse o canal ou sangradouro e se fechasse, quando o mesmo peixe quer sair.

Ao Norte desta lagoa corre o rio Tramandahí para o dito mar: a sua pequena barra admite hiates; mas não é freqüentada pelo que tem de perigosa, e não haver comércio naquele sítio. Serve de sangradouro às águas de cinco ou seis lagoas grandes, encostadas à Serra Geral. Uma delas tem três léguas de comprimento; e as outras pouco menos: são entre si distintas; mas comunicam as suas águas por estreitos canos de umas para outras.

Enfim o rio das Tôrres, que divide esta Capitania de Santa Catarina 1)* como se disse (nº 1) desagua no mar Oceano e desce do centro da Serra Geral; admite navegação de hiates, com a mesma dificuldade e perigo, que o Tramandahi. Há vários outros arroios em tôda a Capitania, dos quais não fazemos menção; tanto porque não são freqüentados, nem prestam às terras por onde correm; como porque nem se lhes tem dado nomes; por isso mesmo que dêles não dependem o trato dos homens pelos sítios, onde êles correm.

§ VIII — *Ilhas entre as águas desta Capitania.*

16. Não admira que em lagos de vinte até quarenta léguas de comprimento haja ilhas; mas é para notar que não se vejam nas lagoas de que temos falado, e se achem nas correntes do Rio Grande, e de outros, como vamos indicar. Com efeito, logo três léguas acima da barra do Rio Grande se encontra a primeira das ilhas mencionadas, e se chama dos Marinheiros; tem cinco léguas de comprimento, e tem quatro até meia légua de largura: esta ilha é plana, e por tanto muito úmida e inabitável; serve de criar lenha para consumo das povoações vizinhas, como são a Vila de S. Pedro, e o lugar de S. José do Norte e outros: e ainda mesmo para as embarcações que ali entram. Tem preciosos olhos d'água doce, que é preferida pelos povos à de terra firme; e principalmente pela gente náutica para embarque. É a mesma ilha um admirável viveiro de papagaios, que ela cria diferentes dos de fora dela, tanto em figura, como em serem mais dóceis e galantes que os outros. Além desta ilha se seguem várias outras até Pôrto Alegre; mas não há que dizer de alguma delas.

Em Viamão, que é, como dissemos, (nº 14) o território ao redor de Pôrto Alegre, há muitas ilhas; porque além das terras, que ficam entre os rios, que entram no lago do dito pôrto; há para

1)* hodierno Mampituba.

trás delas outras ilhas, que lhes sucedem entre as correntes dos mesmos rios; vindo tôdas a fazer o número de doze, tôdas à vista uma das outras, e divididas por uns pequenos braços, ou estreitos canos d'água, por onde se comunicam os ditos rios, que correm entre elas. Tôdas são baixas, planas, sujeitas a inundações, e umas por outras, de meia légua até uma légua de extensão por base: são fecundas tanto em arvoredos silvestres, naquelas partes, em que se acham incultas, como em tôda espécie de frutos, que produzem copiosa e notavelmente, onde são cultivadas. Pelo Rio Pardo, que também desagua em o mesmo lago, por duas fozes (13 e 14) se encontram outras ilhas: as mais dignas de memória e mais célebres entre outras são: Rasa, Santa Cruz, Paciência, e a de Lunal Alto. Esta tem quase duas léguas de comprimento: a Paciência tem três léguas: são tôdas igualmente férteis, como as de Viamão.

§ IX — *Serras e Montes da Capitania, a que ali chamam Coxilhas.*

17. Já dissemos que é difícil conhecer a barra do Rio Grande, por não ter altura de terra ou de pedra, que lhe sirva de sinal, ou uma torre de marca, em tão lastimosa falta: êste defeito se sente em tôda a extensa praia da Capitania do Rio Grande; de maneira que do mar não se avista naquela altura elevação alguma de terra, senão a Serra Geral, a que os Castelhanos chamam a Cordilhera: e esta só é vista por alguma embarcação, infelizmente governada por um mau pilôto, em evidente perigo de perder-se; por ser aquela costa muito combatida e desabrigada, sem outro refúgio, senão o Rio Grande, distante sessenta léguas da mesma altura, em que se avista a dita Serra; que é onde desagua o rio Tramandahi, e o rio das Torres (nº 15) e nada presta a tal vista à dita barra pela enorme distância em que totalmente se perde. E supondo bem governada uma embarcação, que vá com direita descarga à dita Capitania; ela não deve avistar terra, senão a praia rota pela corrente do Rio Grande.

Dentro dêste, três léguas acima da barra, a primeira serra, que se vê, se chama Serra dos Tapes; corre paralela ao Rio Grande e à Lagoa dos Patos, bem que distante destas águas, em baixo a respeito do rio, sete léguas, e acima onde o bojo da lagoa mais se aproxima à Serra, três até quatro léguas: tôda a extensão da mesma serra é de quinze léguas, e a largura cinco até seis, onde é mais ampla: principia e acaba em figura ovada e comprehensível à vista. Esta Serra é consideravelmente alta e invencível a chegar-se em um dia desde a falda de um lado à do outro da mesma serra.

18. A segunda serra se chama do Erval, semelhante à dos Tapes, e também paralela à Lagoa dos Patos; posto que em mais distância, e também mais comprida. Acima destas duas se vê a Serra Geral que vai cercando a Capitania; e dividindo-a por aquela banda da de S. Paulo. E não há na mesma Capitania do Rio Grande outra altura de terra conhecida por êste nome. Chamam pois *coxilhas* aquelas terras, que não sendo tão altas como as ditas serras, são muito mais extensas que elas, e produzem ervas boas ao pasto dos gados, livres dos arvoredos, silvestres, que cobrem as serras: e não tem isso naqueles povos a palavra *monte* nem *oiteiro*.

19. A principal delas é a Coxilha Grande, que corre quase de Norte a Sul entre as vertentes que de si lança para o Rio da Prata e para o Rio Grande; posto que em muita distância dêste, e a êle conduzidas pelos extensos rios que temos descrito; e com outros nomes, antes que cheguem a entrar em qualquer dos mesmos rios. Dela pegam três outras coxilhas, que se entranham pela Capitania de que tratamos. Primeira, começando pela parte austral, se chama Coxilha do Erval, que vai correndo entre as vertentes dos rios Paratenim, e o de S. Gonçalo (nº 4 e 6) com a Lagoa Mirim, até que na sua extremidade é levada pelo mesmo Paratenim entrando no de S. Gonçalo.

20. Segunda é a coxilha do Paratenim, que saindo da coxilha grande, ao pé do sêro de S. Maria, vai comunicar-se com a serra dos Tapes, correndo entre os rios Camaquã e dito Paratenim. A terceira se chama Babiraqua, sai da coxilha grande ao sul do sêro de Batovi, corre até a serra do Erval, entre as vertentes para o dito rio Camaquã e o Vacahi, e outros, que ao Sul de Rio Pardo e Vacahi o fornecem. Há muitas outras semelhantes coxilhas entre as quais naturalmente correm os arroios e rios desta Capitania, e de que êles nascem, ou se fornecem de águas: porém estas três são as principais, assim como são maiores os rios, que delas e por entre elas correm, a saber de S. Gonçalo, Camaquã e Rio Pardo. (4, 9, e 13).

§ X — Serros

21. Há na mesma Capitania outras elevações de terra e de pedra, que são tratadas e conhecidas pelo nome *Sêro*, por terem diversa figura das serras e das coxilhas. *Sêro* pois é mais alto, que as serras; a sua figura, redonda e aguda; e a sua constituição, por ser de pedra ou de terra sêca, é estéril, incapaz de produzir algo que preste. Êstes serros servem na Capitania de distinguir as diversas partes dela e de fazer conhecer os sítios par-

ticulares de cada uma. Alguns dêles têm servido às vigias em tempo de guerra, por descobrirem o campo até grandes distâncias; e o sinal, que um dêles fizer com bandeira pode ser visto e conhecido em uma hora em todos os serros da Capitania. Deve reconhecer-se por obra admirável da Providência a criação dêstes serros; porque, sem encarecimento, podem servir a comunicar em breve tempo todos os movimentos da Capitania. E principiando também pela parte austral se acham os serros mais célebres na forma seguinte:

I — O Pelado, sito na margem do Norte do rio Paratenim.

II — O Sêro do Erval, sito encima da coxilha do mesmo nome e em cabeceiras do Arroio Grande.

III — O Sêro da Vigia, sito ao sul daquêle e em vertentes do Jaguarão ao nascente.

IV — O Sêro de Santa Maria, ao pé da Coxilha Grande e cabeceiras do Paratenim.

V — O Sêro Bahu, sito em cima da mesma Coxilha Grande, em vertentes do arroio Velhaco.

VI — O Irassajé, êste é um dos mais altos, fica ao Poente da Coxilha Grande, e em vertentes do Rio Negro.

VII — O Batovi, em cima da mesma Coxilha Grande e cabeceira do rio Vacahi.

VIII — Também se chama de S. Maria, está em uma ponta da Serra Geral e cabeceiras do Vacahi Mirim.

IX — É o sêro chamado de Maria Pinto, sôbre a coxilha de Babiraquá, e cabeceiras austrais do Irapuá.

X — Tem por nome o Pelado da Encruzilhada, levantado sôbre as cabeceiras do Irohi.

XI — Vigia da Encruzilhada, em cima da coxilha de Babiraquá, chamada naquele sítio a Encruzilhada.

XII — É o sêro de Mateus Simões, na margem do Sul do Capivari.

XIII — O sêro Botucarahi, o qual se acha na margem do rio do mesmo nome.

XIV — Monte Alegre, na margem do Norte de Rio Pardo.

XV — Monte Negro, na margem do rio Cahí, e na fazenda do mesmo nome.

XVI — Sapucaia, está em outra ponta da Serra Geral, e margem do Sul do rio do Sino.

XVII — Itacolomim, em pouca distância daquêle na mesma ponta da Serra Geral e vertentes do arroio de Ferreiros. Dêstes serros se vêem alguns na distância de vinte léguas: a maior parte se avistam de dez léguas uns aos outros. Há mais serros; porém pela sua posição e por não terem figura, que se admire por alguma circunstância ou raridade, como sucede nos outros; assim como não são célebres, também não são conhecidos.

§ XI — *Trato interior da Capitania, assim pela navegação como por estradas.*

22. Temos dito, que a primeira povoação, que se acha acima da barra do Rio Grande, se chama de S. José do Norte, e de frente dela ao Sul a Vila de S. Pedro. Daqui para diante a principal navegação é para a Vila de Pôrto Alegre; na qual está o Govêrno e tôda a Jurisdição Real. Não se deve prosseguir nesta viagem sem bons práticos dela; por lhe obstarem muitos baixos perigosos, além daquêles, por serem certos, firmes e conhecidos se acham marcados. Dêstes há dois mais difíceis de passar; a saber: Cangoçu e a Porteira, quase unidos; porque suposto são conhecidos e certos; têm contudo grande alteração e inconstância de fundos, conforme os ventos; o que obriga muitas vêzes os navegantes a demorar-se um e dois meses a esperar ventos, que façam crescer as águas naquele sítio; e isto sucede com freqüência às embarcações, que vêm de cima, por trazerem maior carga e pêso, que as que sobem da barra: ali pois já não chega a maré, e só os ventos podem impelir e juntar as águas, fazendo assim maior a altura dela: pode parecer que só os do Sul seriam capazes disto havendo águas do mar até aquêle sítio; mas na realidade e com admiração dos experimentados, sucede, que são os Nordeste, que juntam as águas da Lagoa dos Patos para aquêle canal, com tal excesso que se eleva a altura dágua de dez até quinze palmos; e então é que as embarcações, que descem continuam a viajar; e as que sobem, aproveitando-se do mesmo Nordeste e crescimento dagua, passam os ditos baixos, e conservam-se no mesmo canal em quanto não há vento Sul; de maneira que umas e outras embarcações, por sua diversa razão, têm ali demora ordinariamente; e não lhe é penosa, senão pelo empate; pois à pouca distância há povoações, onde suas lanchas, que tôdas levam e lançam fora, acham tôda a provisão que querem. Os mesmos baixos não são os mais perigosos por serem os seus fundos moles e de grande altura de lado; tanto que algumas embarcações arrastam por êle um palmo, e passam bem.

23. A êste canal se segue a Lagoa dos Patos (nº 3) assim chamada pela multidão destas aves, que os primeiros ali acharam; e ainda são nela freqüentes, e se estimam pelas belas peles de arminho, que deles se tira, e que hoje supre a falta das que na Ásia se tiravam do animal quadrúpede assim chamado. A Lagoa dos Patos diz-se ter de comprimento quarenta léguas 1), não se deve

1) Mede, na média, 250 km. de comprimento e 50 de largura (Amyr Borges Fortes).

entrar na sua navegação sem ventos certos; pois os que unicamente lhe fazem feição vêm a ser o Sul, Sudoeste e Sussudoeste. A razão é porque o fundo da dita Lagoa é muito duro, onde não pegam as âncoras com a necessária segurança; e em ocasião de ventos adversos e temporais, é de temer um naufrágio, o que tem acontecido a muitos, tanto pelas ditas razões, como pelos muitos baixos, que há na dita Lagoa, os quais fazem maior a dobra das águas, e a sua inquietação se não pode fazer sem agulha; porque em grande espaço dela se perde a terra de vista, e não pode navegar-se fora daquele centro; porque os baixos da mesma Lagoa são muito extensos e se cruzam uns com os outros em tôda a sua largura de vinte léguas, e só naquele centro se conhece pela serenidade ou igual movimento das águas a planície do seu fundo; o que convida a seguir aquêlê único rumo. Do que tudo se infere que esta navegação depende de um prático vigilante, que governe bem, sôbre muita experiência e muito estudo daquela carreira e da mesma navegação.

Passada a Lagoa dos Patos se entra no rio de Pôrto Alegre, o qual corre dez léguas, desde o Largo de Viamão, que também se chama de Pôrto Alegre até à mesma lagoa: a entrada dêste rio tem duas léguas de largura; mas não pode navegar-se senão por um estreito cano cingido à terra, pelo lado do Norte, onde se acha um alto monte, chamada Itapuã, que tendo muito mato no resto da sua extensão, é contudo uma rocha à borda dágua no... de um quarto de léguas; e medonho por muito dependurado sôbre o rio com pedras de desmedida grandeza, e tão propínquas, que das embarcações se lhes toca com qualquer vara. Dali para cima vai a dita largura diminuindo, até o dito lago, continuando em baixo e em canais perigosos a quem não é bem prático no estudo e no conhecimento dêles.

Enfim se acha a vila de Pôrto Alegre, erigida em um terreno que se levanta das águas, que o lavam pelo Sul, pelo Poente e pelo Norte; e só pelo Nascente é unido e continuado com a terra firme. As embarcações que sobem da Lagoa dos Patos e rio de Pôrto Alegre, a primeira face que avistam da Vila é a do Sul. Fazem-se na volta desta ao Nascente, e tendo dobrado todo o terreno dela, acham pela face do Norte o Lago do Pôrto Alegre, e nele tôdas as comodidades que se podem desejar em um pôrto; muita altura dáguas, fundo fácil à penetração das âncoras, pouca distância para descarregar, águas abrigadas, quietas, claras e permanentes, por estarem baixas e encobertas aos ventos, receber águas frescas, contínuas e perenes, lançando-as com o mes-

mo contínuo movimento para a Lagoa dos Patos e para o mar; verdadeiramente pôrto alegre até pelas suas aprazíveis extremidades; pois o que resta da formosa Vila são terras de preciosa cultura e matos, alternadas com cinco diversas fozes de rios, por onde entram e saem inumeráveis embarcações com semelhante continuação e notável freqüência e concurso.

Temos pois mostrado que são muitos os rios, que engrossam aos quatro mencionados que entram neste lago, e que quase todos admitem navegação, da qual se vale e se aproveita quase tôda a Capitania; porque é raríssimo o sítio dela, que não tenha navegação ao menos na distância de seis léguas. E posto que as viagens do Rio Grande para Pôrto Alegre são as mais importantes e freqüentes; com tudo não interessam menos as do rio de S. Gonçalo e Lagoa Mirim, por desaguarem por ali muitos rios de navegação, que à proporção é também muito útil, assim aos particulares, como à Coroa.

Quanto às estradas, posto que mais custosas e difíceis, que a navegação, elas são acessíveis a carros em todo o Continente da mesma Capitania: e, começando pelo Norte, como o terreno é baixo e plano, são as estradas cômodas em tempo sêco: dali se vai, isto é de Pôrto Alegre, por terra sem subir, nem descer altura de consideração até S. José do Norte e à praia do mar, em distância de sessenta léguas: e costeando a Serra Geral, se entra na Capitania de S. Catarina até à Laguna, distante de Pôrto Alegre oitenta léguas, com a mesma comodidade.

Outra estrada há para a banda do Norte, que sobe a Serra Geral, e se chama estrada de S. Antônio da Guarda Velha; por ela sai todo o gado que esta Capitania exporta para as outras do Brasil. Virando ao Sul, quem quiser viajar por terra necessariamente há-de passar, estando na vila de Pôrto Alegre, além do Lago para o lugar da Picada; dali pois se pode ir para qualquer parte do Sul da Capitania, com mais ou menos volta, subindo aos altos das coxilhas, e seguindo as estradas, que por êles correm, o que é impossível pelos baixos ou faldas das mesmas coxilhas, onde a cada passo se encontram rios sem pontes, nem barcos para o necessário transporte; quando sem passar água pode um cavalo ou uma carreta, depois que tiver ganhado a coxilha Babiraquá, chegar a tôda a parte daquela banda da Capitania; e passar fora desta até Montevidéu, distante de Pôrto Alegre duzentas léguas: e êste é o caminho, que tomam os soldados e os escravos, que desertam; e são continuados os caminhos para tôda a parte, como dizemos, porque as três descritas coxilhas procedem da Coxilha Grande, e os altos delas são livres, continuados, planos e tratáveis.

CAPÍTULO II

MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA A MESMA CAPITANIA PELOS EFEITOS DA PROPAGAÇÃO E DA INDÚSTRIA E PROVIDÊNCIA HUMANA

§ I — *Orça-se o número dos habitantes, indicam-se as principais povoações e trata-se da mais antiga.*

25. Haverá nesta Capitania cinqüenta mil almas, distribuídas em vinte e uma freguesias, cujas igrejas paroquiais são quatorze matrizes e sete filiais; e subordinadas, quanto à Religião, a cinco vigários de vara, postos pelo Excelentíssimo Bispo do Rio de Janeiro, que é o Ordinário do lugar, em cinco comarcas eclesiásticas, denominadas de S. Pedro do Sul, Pôrto Alegre, Rio Pardo, Triunfo e da Conceição do Arroio. E quanto ao estado secular e monárquico sujeitas ao governador da Capitania ou a três delegados, que, em razão das grandes distâncias dela, residem um na vila de S. Pedro do Sul, outro em Rio Pardo, e outro em Pôrto Alegre. Na ausência do mesmo governador, que por não poder ouvir e acudir a todos os queixosos e requerentes, delega os seus poderes em certos casos naqueles três confidentes, dos quais cessa totalmente a jurisdição, cada vez que se acha presente o governador.

26. A maior parte desta gente está reduzida a povoações; destas são três as principais, a saber: S. Pedro do Sul, Rio Pardo e Pôrto Alegre. Começando pela mais antiga e pela barra do Rio Grande, dentro da qual se acham logo lavradores a uma e outra banda desta. A primeira freguesia e povoação é a Vila de S. Pedro do Sul, fundada por Gomes Freire de Andrade no ano de 1750, e pelo mesmo constituída Capital da Capitania do Rio Grande, estabelecendo nela praça de armas, e justiças; e fazendo-a habitar por casais, que fêz conduzir para esta nova povoação, além dos habitantes, que já por ali havia, sujeitos à vila da Laguna, cujo território até aquêlê ano tinha sido da Capitania de S. Paulo; e depois de criada esta do Rio Grande, ficou sendo subalterna da do Rio de Janeiro; bem como a de S. Catarina, em cujo distrito ficou a dita Vila da Laguna e seu têrmo.

27. Estabelecida a vila de S. Pedro do Sul, se foi conservando e aumentando até os anos de 1763, em que as armas espanholas a surpreenderam: então passavam os Portuguezes para Viamão, por haver ali uma ermida de N. Sra. da Conceição, que aproveitaram para igreja paroquial: ali se estabeleceu o Govêrno

e tôda a Jurisdição, que havia na vila de S. Pedro do Sul. Alguns Portuguezes, que não puderam fugir aos inimigos, foram enviados por êstes para Maldonado, Córdova, Mendoza, etc. e alguns permaneceram na mesma habitação entre os mesmos inimigos, até verem como êstes fugiram aos Portuguezes.

Correndo pois o tempo, succedeu, que no ano de 1776 foi a mesma vila e praça surpreendida pelos Portuguezes, lançados os Espanhóis à espada de todo o terreno, que haviam tomado no dito ano de 1763: ficou então a vila possuida e habitada pelos Portuguezes; mas sem a regalia de ser ela a capital, como havia sido da mesma Capitania; porque o governador achou o novo estabelecimento de Viamão mais cômodo e seguro do que o podia ser na vila de S. Pedro, que sendo populosa, de bom clima e mais comodidades necessárias à vida, tem contra si abundar em areia tão fina e leve, que qualquer vento a levanta, e leva a encher as ruas e as casas dos moradores, que em dias de vento não podem comer sem areia.

Nesta vila não há ministros de justiça e lhe fazem falta considerável; porque precisa êste povo ir a Viamão, sessenta léguas distante, queixar-se e requerer. É guarnecida pela legião da cavalaria e um batalhão de artilharia e infantaria; e governada pelo brigadeiro Manuel Marques de Sousa, por comissão do governador, que reside em Pôrto Alegre, e é um dos três delegados dêste; e comandante em chefe de tôdas as corporações militares, que lhe são subalternas: e, na falta de ministros da justiça, recorrem a êle as pessoas, cujo comércio e direito precisa de um juiz; e êle com notável prudência e natural eqüidade, bem como um pai de famílias entre filhos desavindos e discordes a todos compõe e acomoda na forma possível; não segundo as leis jurídicas e civis, que não são da sua profissão.

A mesma vila é cabeça de comarca eclesiástica; nela reside um vigário da vara do Exmo. Bispo do Rio de Janeiro. A freguesia desta vila tem por distrito uma terça parte da Capitania, nenhuma das outras lhe é igual, por ser tão extensa, que chega desde o mar até o rio de Camaquã, com o qual parte pelo Norte; pelo Sul com o mar Oceano; pelo Nascente com o Rio Grande e Lagoa dos Patos e pelo Poente com terras que ocupam os Espanhóis. A grande extensão desta freguesia tem obrigado a criar-se quatro paróquias filiais. A primeira e mais antiga é Povo Novo, sita três léguas ao lado do Poente do Rio Grande e ao Norte da Vila de S. Pedro sete léguas; segunda é Cangussu, sita na ponta do Sul da serra dos Tapes, e no mais alto da coxilha de Paratenim; a terceira de N. Senhora dos Casais, na mesma coxilha de Paratenim, sete léguas a Poente da dita de Cangussu: e, finalmente, a de Arroio Grande, sita na margem do nascente do rio dêste mesmo nome, na falda da coxilha do Erval.

28. Há mais duas freguesias pertencentes a esta comarca eclesiástica de S. Pedro do Sul: uma é a freguesia do Estreito, cujo orago se diz Nossa Senhora da Conceição sita na margem do Norte do Rio Grande. Chama-se do Estreito pela pouca largura de uma légua de terra que há naquele sítio entre as águas do Rio Grande, o qual tem ali três léguas de largura, e a do mar Oceano. É uma das freguesias mais pobres da Capitania, por ser todo o seu distrito areal e menos fecundo: tem uma filial, que é S. José do Norte, sita na dita margem defronte de S. Pedro do Sul, distante desta a largura do Rio que ali é pouco mais de uma légua; e da sua matriz sete léguas. É também areal o seu terreno; contudo promete vir a ser rica esta povoação; porque na sua altura dão fundo e entrada tôdas as embarcações que sobem da barra; posto que hajam de continuar a sua direita descarga para Pôrto Alegre, ou qualquer outro da Capitania e além disto serve de pôrto à Vila de S. Pedro do Sul naquela dita distância d'água, por haver por aquela banda do Rio Grande mais fundo e não poderem as embarcações chegar à dita Vila; posto que estejam fundeadas à vista dela. Outra freguesia da mesma comarca é a de S. Luís de Mostardas, sita no mesmo terreno em distância da do Estreito para o Norte vinte e uma léguas: o seu distrito é também areal, e se estende desde o Oceano até a Lagoa dos Patos: todos êstes areas são planos e quase todos descobertos, por poucos matos: os seus povos são pobres que apenas vivem dos frutos das terras que cultivam entre os mesmos areas, e criação de gados de que elas são capazes; como também da pescaria da Lagoa de Mostardas. (Nº 15).

§ II — *Cria-se a Vila de Pôrto Alegre, Capital do Rio Grande.*

29. Pela entrada dos Castelhanos em a Vila de S. Pedro do Sul, saíram dela aquêles habitantes, que puderam, com o governador e subiram, como dissemos, para Viamão, onde se aproveitaram da ermida da N. Sra. da Conceição para Igreja Paroquial, e se estabeleceram. Como porém fôsse mostrando a experiência, que não era próprio para residência daquêles, em cujo ministério estava a satisfação de tôdas as dependências do Estado, um sítio retirado três léguas de trato marítimo, onde se não podia chegar a pé, nem a cavalo sem incômodo e prejuizo, com a necessária freqüência, sucedeu que, sendo governador da Capitania José Marcelino de Figueiredo, varão de singular talento, aptidão e capacidade para criar e estabelecer tudo o que se acha de grande, de cômodo e de interessante naquela Capitania; teve

êste a previdência de criar a Vila de Pôrto Alegre, para cuja fundação escolheu o sítio melhor que há naquele Continente; por ficar bem no centro dêle, onde não pode chegar o inimigo, senão por navegação; e ser por esta mesma fácil ao comércio, dependência e interêsse de tôda a Capitania; porque é o terreno que se levanta do lago de Viamão (nº 23) que depois adquiriu o nome de Pôrto Alegre, cujas águas o lavam pelo Norte e pelo Poente; e pelo Sul a buscar o giro e canal para a Lagoa dos Patos, na forma que também se disse; muito espaçoso e superior a inundações, de bom clima, desafogado, e de extensas vistas d'águas e de terras; e finalmente o mais próprio para a capital da Capitania. Já ali havia alguns moradores, cuja povoação se chamava de S. Francisco dos Casais; e se serviu dêstes, tanto para abrirem os fundamentos da grande obra que meditava, como para agasalharem e guardarem a ferramenta dos primeiros operários dela.

Passou portanto a desenhar praças, ruas, edifícios, corpo da guarda, quartéis de soldados, casa da fazenda real, palácio do governador, igreja paroquial, a que deu o orago de N. Sra. da Madre de Deus; e enfim tudo quanto cumpria ao serviço real do Soberano e ao público: fomentando ao mesmo passo o estabelecimento e comodidades dos particulares, convidando-os a edificarem, animando-os com oferecimentos de desenhos, ajudas de custo e proteção; de maneira, que em pouco tempo veio a estabelecer ali o govêrno e tôda a jurisdição ordinária, dando a esta nova povoação o nome de Vila, e ao lago que a lava, o de Pôrto Alegre; hoje se chama uma e outra coisa Pôrto Alegre.

30. As principais ruas desta Vila correm paralelas do dito lago do Nascente para o Poente, a melhor e mais preciosa é a Rua da Praia 1), muito plana, igual, mais próxima ao cais do embarque, e onde gira o maior comércio daquêle pôrto. A segunda se chama da Ponte 2), que serve de inverno às águas da chuva que o terreno ajunta em certo sítio dela: a terceira é a Rua Formosa 3), que corre pelo mais alto do mesmo terreno; ali se acha a igreja paroquial, a casa do real erário e o palácio do governador no meio de um e outro edifício. A frente olha para o Norte e para uma bela praça, talvez maior que a do Rocío de Lisboa, declinada um pouco para o mesmo Norte. Avista o lago e todos os rios que nele entram, e para Noroeste até vinte léguas, ou coisa semelhante, em cuja distância lhe aparecem os giros das águas entre as terras e os matos com admirável graça. Outra tal vista tem para o Sul, das águas e rio de Pôrto Alegre, até entrada na Lagoa dos Patos, pelas janelas que o mesmo palácio abre para aquela banda.

1) Hoje rua dos Andradas. 2) Atual Riachuelo. 3) Rua da Igreja e agora Duque de Caxias.

Há outras ruas igualmente largas, limpas, feitas à linha como as sobreditas, e correm do Norte para o Sul. Os seus nomes são Rua de Bragança 4), Rua do Ouvidor 5), Rua Clara 6) e Rua das Virtudes 7).

O desenho público tem rompido outras muitas ruas, mas ainda não tem edifícios, nem conseguintemente moradores, ou se alguns, não certamente os que pode vir a ter. E assim como a mesma Vila é a maior povoação da Capitania, é também a que tem maiores edifícios; e a única, em que há justiças ordinárias de jurisdição real, com gravíssimo incômodo e prejuizo dos moradores na distância de setenta, oitenta e noventa léguas; e até do mesmo Estado, que perde muitos vassallos por falta de ministros de justiça, a quem temam e respeitem, e a quem recorram quando lhes é necessário: pois desertam para terras de Espanha, ou por criminosos ou por vexados da prepotência dos poderosos da Capitania, naquela distância de Pôrto Alegre, das justiças e do governador.

31. Todo o mencionado estabelecimento e aumento da Vila de Pôrto Alegre não tem maior antiguidade, que pouco mais de vinte anos; e se deve à capacidade do governador, que soube aproveitar aquêlê sítio a benefício dos povos e do Estado; onde todos assim por terra, como pela navegação acham tudo o que querem, como em centro que na realidade é da Capitania e de tudo o que ela tem de satisfação e felicidade para todos.

Já dissemos que de Pôrto Alegre se navega para cinco diversas partes da Capitania, agora dizemos que qualquer delas é mais vantajosa que em Portugal a Navegação do Ribatejo; com princípios que prometem aumentar a mesma Capitania com excesso e vantagem a qualquer das outras do Brasil, pela facilidade que temos exposto do seu comércio por aquêles cinco rios para muitas terras e mui distantes; se contudo permitir Deus N. Senhor uma necessária e indispensável condição, e vem a ser, que esta Capitania tenha a felicidade de que o Soberano lhe envie, para governadores, varões bem provados de espírito, de honra e de virtude: José Marcelino de Figueiredo, governando a esta mesma Capitania teve habilidade de a defender, só com astúcia militar e com palavras, de um exército inimigo, capaz de a conquistar; e mantendo-se livre e seguro do mesmo inimigo, fêz nella obras, que só vistas, se pode compreender a preciosidade dos serviços e o merecimento daquele governador.

4) A moderna Marechal Floriano. 5) General Câmara. 6) João Manuel.
7) Hoje Bento Martins, primitivamente Dos Sete Pecados Mortais por causa de sete casas de má fama, ali existentes.

Criou pois a maior parte das freguesias e povoações; fundou e erigiu as igrejas paroquiais a elas respectivas; levantou a Vila de Pôrto Alegre, e nela as grandes obras que temos mencionado; e abriu ao comércio e à vida daqueles povos os meios pelos quais se têm aproveitado e enriquecido muitos: não podia desejar-se mais, senão que o mesmo governasse enquanto vivesse; para começarem mais tarde os mesmos povos a sentir a ausência e a saudade daquele, a quem amavam como ao pai da Pátria, e como ao mais digno delegado, que o Soberano lhes podia enviar.

32. Presentemente governa Paulo José da Silva Gama 1), o qual parece discípulo da escola daquele mestre; tem sido pouco o tempo do seu govêrno. Com tudo é visível o aumento da Capitania pelos esforços que o governador tem feito por aproveitar os homens, as terras e as mais cômodas vias de comércio, a benefício dos povos; pronto em audiências, fácil e humano em atender os Vassallos do Seu Soberano, de tôda e qualquer condição que sejam, e finalmente um varão próprio a elevar a Capitania do bom princípio, em que está, ao maior auge de opulência, de fôrças, de poder e de felicidade; em o que trabalha excessivamente para que ela prevaleça à negligência, em que a foi achar dos próprios interêsses, com gravíssimo dano e descaminho dos direitos e fazenda real, a que tem dado tal providência, que se estende a promover os interesses dos particulares e o benefício geral a todos.

33. A residência do governador é ordinariamente em Pôrto Alegre, dali dá ordens a vários delegados, dos quais são principais dois, que residem, um na Vila de S. Pedro, e outro em Rio Pardo. Também ali se acha estabelecido o senado da Câmara, e não há outro em tôda a Capitania, com gravíssimo prejuizo dos povos distantes daquela Vila. Como cabeça da comarca eclesiástica vive nesta o vigário da vara. Não há na Vila outras igrejas senão a paroquial; a freguesia é pouco extensa, mas a maior em o número das almas. É da correição da Capitania de S. Catarina; mas isto não obstante há em Pôrto Alegre um corregedor.

Em nenhuma parte há melhores madeiras para a construção naval como na Capitania do Rio Grande. Há por isso nela vários estaleiros em contínuo exercício, e nove mestres da mesma construção. Das ditas madeiras são as melhores ipê e guarapiapunha, das quais abundam os matos nas margens dos rios, por onde se conduzem cômodamente para os estaleiros, que não têm sítio

1) Governou desde 1803 a 1809.

certo, mas são armados onde ficam mais perto as madeiras, e é fácil a navegação para as conduzir.

A mesma qualidade de madeiras, que nascidas naquela terra são de natureza favorável à conservação das ferragens e muito duráveis; em qualquer das outras terras do Brasil são más madeiras; porque comem o ferro, e não são as embarcações de tanta duração. Por estas razões, e também por serem as madeiras do Rio Grande melhores de obrar, se fazem nos seus estaleiros todos os anos até nove embarcações de armação redonda: não são grandes navios; porque a barra o não permite; mas são vasos de dez até dezesseis arrobas: alguns se têm feito maiores; que têm saído em meia carga para o serviço de outros portos; nos quais se reputam de mais valia trinta por cento, que as embarcações feitas em outra parte. Além das mencionadas embarcações se fazem outras mais pequenas para o tráfego interior dos rios e lagoas da Capitania.

34. As freguesias que esta comarca eclesiástica tem fora da vila de Pôrto Alegre são: N. Senhora da Conceição de Viamão, uma das mais antigas povoações daquela Capitania, sita em uma alta planície, distante de Pôrto Alegre mais de três léguas: o seu distrito é pequeno, e a sua povoação descaiu muito pela fundação daquela Vila, onde se estabeleceu o Govêrno, e tôda a jurisdição ordinária, o comércio e tudo o que havia de mais importante em Viamão.

Tem mais a freguesia de N. Senhora dos Anjos na margem do Norte do Rio da Aldeia, donde também toma o nome: situada em outra extensa planície; posto que não tão alta como a de Viamão: foi fundada pelo governador José Marcelino de Figueiredo, que se empenhava excessivamente no aumento desta povoação e freguesia, onde fêz recolher grande quantidade de casais de índios, estabelecendo-lhes para patrimônio, de que vivessem numa grande fazenda de gados vacuns, chamada por isso mesma dos Povos: não têm sido grandes os progressos desta povoação; porque os índios, que conservam a índole bárbara de seus avós e maiores, se espalharam pela Capitania, e são poucos os que permanecem no dito estabelecimento: e a maior parte das famílias daquela povoação é hoje em dia gente branca. O terreno desta freguesia não é dos mais extensos; apesar disso promete que ela venha a ser uma das mais ricas da Capitania, porque, o que é campestre cria melhores pastos que as outras terras, e o que é reduzido ou que pode reduzir-se à agricultura, produz com vantagem notável ao resto daquelas terras, açúcar; pelo que já tem fábricas de água ardente, e demais todos os melhores frutos; ao que acresce ter navegação para Pôrto Alegre, e para tôda a parte, e consequentemente exportação e comércio.

§ III — *Trata-se da povoação de Rio Pardo.*

35. A terceira das povoações maiores é a de Rio Pardo, sita na distância de Pôrto Alegre trinta léguas de navegação pelo mesmo rio, o qual pròpriamente é o rio Jacohi, ao qual dá o seu nome de Rio Pardo, desde ali até Pôrto Alegre, como dissemos. (n.º 13). Nesta povoação se acha de quartel um regimento de dragões, cujo chefe é comandante em tôda a fronteira daquela repartição, onde há guardas que êle fornece com destacamentos, que continuamente manda para diversos sítios dela. Tem igual jurisdição sôbre os milicianos, que atualmente andam em diligência ao real serviço. O mesmo chefe supre a falta de justiça ordinária; a êle recorrem os ofendidos e queixosos, que precisam valer-se do poder judicial contra os seus agressores e inimigos: e êle todos os dias dá audiência e sumàriamente defere, fazendo as vêzes de um juiz de fora, juiz do crime, corregedor e provedor; não segundo as leis, que nunca leu, nem são da sua profissão; mas na forma que lhe inspira a razão, a equidade e a religião: e é felicidade daquêle Estado ao presente estar tão ampla jurisdição em um varão como aquêle, é de probidade, inteligência, muito prudente e bem intencionado, que a todos compõe, a todos agasalha e acomoda.

36. O sítio é alto e a povoação muito dispersa, maior que a de S. Pedro do Sul, e pouco menor que a de Pôrto Alegre: foi princípio desta povoação um antigo forte que houve naquele sítio, dedicado a S. Lourenço. A sua única freguesia tem o orago de N. Sra. do Rosário, e foi instituída, bem como outras, pelo governador José Marcelino de Figueiredo. Tem uma filial que se chama de S. Bárbara da Encruzilhada, sita em cima da terceira coxilha que só naquele sítio tem êste mesmo nome da Encruzilhada; está distante da matriz doze léguas; a sua situação é plana; a sua povoação pequena; o terreno é o mais alto da Capitania; e excede a tôdas as terras dela na qualidade de dois alimentos, que ali são incomparavelmente melhores e vem a ser, pão e água.

37. A povoação de Rio Pardo é cabeça de comarca eclesiástica, ali reside o vigário da vara: a sua jurisdição se estende além das ditas freguesias de Rio Pardo e S. Bárbara, à de N. Sra. da Conceição da Cachoeira, sita na margem do Norte do Rio Jacohi, em distância do Cêrro Butucarahi duas léguas, e de Rio Pardo dez, por terra, que por água é muito mais longe. A sua situação é bela, bastantemente superior às enchentes do rio, descoberta, plana, extensa, e o terreno macio e fértil: consta de ruas

abertas à linha, largas, claras e limpas: a sua igreja é a mais bem construída de toda a Capitania, muito grande, segura e bem ornada: esta povoação dá esperanças de muito aumento pela grande aplicação que ali se observa dos seus habitantes à agricultura e capacidade do território para a produção; tem uma filial que se chama de N. Sra. do Caçapava, distante daquela freguesia, e parochial de N. Sra. da Conceição da Cachoeira, sua matriz quase vinte léguas; sita sobre um grande monte e cabeceiras do arroio S. Bárbara; fundada no ano de 1800 a requerimento dos povos daquele sítio: este lugar também é muito elevado.

§ IV — *Das povoações: Triunfo e Conceição do Arroio.*

38. Na margem do Norte de Rio Pardo, no sítio, onde antigamente se chamava Rio Gaíba, doze léguas distante de Pôrto Alegre, está uma povoação e freguesia denominada do Bom Jesus do Triunfo, sita na margem sobredita e bem próxima àquela corrente: é cabeça de comarca eclesiástica e da jurisdição militar de Rio Pardo; a sua extensão não é igual a qualquer das três povoações principais; mas é maior que as outras da Capitania. O seu distrito em razão de freguesia é muito grande, em figura retangular, com trinta léguas para o Sul, e dez até doze para o Norte: e em razão de comarca eclesiástica é muito maior; porque tem mais duas freguesias: a primeira é de S. José de Taquari, sita na margem do Nascente do rio dêste mesmo nome (nº 13) que vai entrar em Rio Pardo próximamente à freguesia do Triunfo. É uma das freguesias mais pequenas da Capitania; os seus habitantes vivem só da agricultura, e, por terem muitas terras e boas para a mesma agricultura, prometem aumento por este ramo. A segunda freguesia é de S. Amaro; fica na margem de Rio Pardo ao Norte em uma alta planície, que é um dos lugares mais aprazíveis da Capitania depois de Pôrto Alegre, de que fica distante quinze léguas.

39. A povoação e freguesia de N. Sra. da Conceição do Arroio, fica na costa da Serra Geral, distante de Pôrto Alegre dezessete léguas em uma baixa planície e intratável por ser o terreno todo areia e doentio, não só na povoação, mas em todo o seu distrito, na parte que compreende da dita costa e Serra Geral. Ali reside o vigário da vara desta comarca eclesiástica, a cujo distrito pertencem as freguesias de S. Antônio e de N. Sra. da Oliveira da Vacaria. A primeira sita em uma terra alta que sai da costa da Serra Geral e cabeceiras do Rio d'Aldeia: esta é uma das bem povoadas da Capitania; a segunda está em cima da Serra Geral, em uma grande campina, extensa mais de trinta léguas; e supposto que o seu distrito é muito grande e campestre, contudo é

uma das mais pobres da Capitania, por não criar gados, assim vacuns, como cavalares sem se lhes dar a comer sal em espécie ou derretido em água; e berram os animais intoleravelmente se lhes falta êste alimento e emagrecem, até que morrem: além é muito difícil a exportação dos efeitos da mesma freguesia porque não tem navegação, e é inacessível a carros.

§ V — *Dos colonos que possuem terras na Capitania e da criação de gado bravo.*

40. Até 21 de fevereiro de 1803 havia quinhentos e trinta e nove fazendeiros e lavradores de terras próprias, medidas e demarcadas judicialmente, e haverá outro igual número sem medição. Entende-se por fazendeiro aquêle que cria gados vacuns e cavalares; e lavrador aquêle que cultiva terras e cria o gado necessário para seu uso e gasto; uns e outros são possuidores ordinariamente de mais de duas léguas de terra quadradas: porém os fazendeiros da primeira ordem têm oito léguas, dez, doze e mais de terra.

41. Os animais que criam aquelas fazendas pela maior parte são vacuns: em um campo de três léguas podem criar-se quatro até cinco mil cabeças; e a proporção os que são maiores ou menores; com atenção também à qualidade do terreno; porque os pastos não são igualmente bons em todos. Criam-se os gados com tal doutrina, que seis homens podem costear uma fazenda de cinco mil animais; costumam pois ajuntar êste número de cabeças em um lugar dos mais altos da fazenda, e que em cima seja plano, e capaz de receber o gado todo, e isto fazem ao menos uma vez cada semana. Chama-se a esta função: parar o rodeio.

O modo de se fazer é distribuirem-se os pastores de cavalo ao redor do gado gritando-lhe com a voz: rodeio, rodeio; e logo o gado ensinado obedece, caminhando a trote para o rodeio, e sempre em fileiras diversas de cinqüenta até cem cabeças, na forma em que pasta, até que chega ao sítio do rodeio. Então entram os pastores montados por entre o gado, deitando laços às pontas e às pernas de certos dos ditos animais, que devem ser os que aparecem no rodeio a primeira vez; os que têm um ano de idade e os que têm dois anos. Os que vêm ao rodeio a primeira vez levam com uma faca um golpe em uma orelha ou na papada, para sinal de duas inteligências; a primeira é de que o animal já tem aparecido no rodeio; a segunda de que o animal é do mesmo fazendeiro, que o feriu, e não do seu vizinho; para

o que tem cada qual seu modo próprio e particular de sinalar o gado; e é crime furtar um sinal do outro.

Os animais que têm um ano de idade, marcam-se com um ferro quente, pelo qual se faz conhecer seu dono com mais certeza, pelos caracteres que ficam impressos na pele do animal, os quais são próprios de cada fazendeiro. E em fim os que têm dois anos de idade sofrem a operação de se castrarem: isto o mais ordinário; porque alguns são castrados de mais idade. O modo de se castrar é diferente do que se usa na Europa, e ainda em muitas partes fora desta, e na mesma América. Dêsse jeito: rompem-lhe o bôlso com uma faca pela extremidade inferior, tiram-lhe os grãos e largam-no, sem mais cerimônia de qualidade alguma: esta obra é feita por qualquer homem desembaraçado e capaz, como muitos, de capar em um dia trezentos ou quatrocentos touros: e não há homem honrado, que se dedigne dela, como na Europa, em que o ridículo prejuizo, de que fica mal, faz desprezarem-se os lavradores de capar o seu gado.

42. Todo o animal que entra no rodeio é bravo, nascido e criado no campo ao sol, à chuva, ao frio e ao calor; e fora do rodeio, não consente que pessoa alguma se lhe chegue; pois lhe foge enquanto se vê perseguido. Devem os pastores no ato de ajuntar o gado para o rodeio, ver que alguma cabeça não fique escondida; porque uma vez que escape, continua a esconder-se no seguinte dia de rodeio, e com ela outras cabeças, que depois dificultosamente se reduzem ao costume que tinham de acompanhar o gado para o rodeio; e no ato do rodeio, em que há demora para as mencionadas operações, se acaso foge dêle alguma cabeça, logo os pastores a perseguem para tornar ao rodeio, e se cansa de andar, a matam, e êste é o verdadeiro remédio do mau exemplo, que todo o resto do gado pode tomar; e nunca animal algum arremete aos homens, senão quando o largam da operação de o marcar ou capar.

43. Uma fazenda de quatro mil cabeças precisa de um cento de cavalos, pelo menos, para se costear, posto que os pastores sejam somente seis. O modo de os conservar é em matilhas ou em tropilhas, como vulgarmente se diz na Capitania, de vinte cavalos, pois a não deixam; quando na falta dela, foge cada um contudo são acariciados com uma égua mansa, a qual os acompanha em ocasião de marcharem; e prêsa ela, podem soltar-se os cavalos, pois a não deixam; quando na falta dela foge cada um para sua parte e dificilmente se apanham em uma campina de léguas de extensão. Os mesmos cavalos vivem no campo, no qual têm nascido da mesma sorte que o gado vacuum, só com o benefício e favor da natureza, e só do pasto da terra, não se gasta com êles alimento algum, nem forragem, nem curativo de doen-

ças; o que já não sucede em outras partes da América. São mais fogosos e ligeiros que os da Europa; assim como difíceis de amansar.

44. Todos os fazendeiros vendem gado à proporção da sua fazenda e criação; e vem a ser tôdas as cabeças de quatro anos de idade; pela razão de que em passando a viver mais tempo, fazem-se os animais rebeldes, não querem obedecer ao rodeio, fogem e desordenam todo o resto do gado; e até custa muito separá-los então do rebanho, se êles querem conservar-se nele. Há outra razão de se vender o gado, que é de não exceder aquêl número de cabeças, que a fazenda pode alimentar; do contrário emagrece o gado, não se vende por mal nutrido, e perde-se a fazenda; a qual sendo de três léguas de terra pode e costuma sustentar tal número de cabeças, que cada ano marca mil novilhos, entre machos e fêmeas.

§ VI — *Criação de gado manso.*

45. Os mesmos fazendeiros criam também gado manso: há tal que tem trezentas vacas de leite, mas de ordinário se acha um cento delas em poder daqueles, que têm quatro mil cabeças de gado bravo; nasce como êste, no campo, sem abrigo de qualidade alguma: costumam as vacas buscar alguma cova ou sítio baixo e encoberto onde hajam de parir e conservar a cria escondida; o que assim vem a suceder, e a cria lhe obedece, não se levanta e permanece oculta oito dias a ganhar fôrças para poder correr e acompanhar a mãe; a qual durante êste tempo anda pastando, procurando a cria repetidas vêzes, para lhe dar de mamar enquanto é dia; e de noite dorme com ela. Porém sucedendo notar o fazendeiro que tal vaca tem parido, parte a todo excesso pela campina a buscar a cria, antes que alguma fera lha rape; e achando-a, faz que se levante da cama, e ande até um curral, onde a conserva prêsa seis meses, oito e às vêzes um ano, em cujo tempo o fazendeiro tira à vaca todo o leite, e não desfruta a cria outro mais senão aquêl que se lhe não pode tirar.

Esta é a maior conveniência do fazendeiro na criação do gado manso, porque do leite faz queijo, manteiga e certas viandas, que prestam a maior parte do sustento da sua casa. A familiaridade das crias com os homens as conserva em mansidão; e crescendo elas, servem; os machos ao trabalho da lavoura e carretos; e as fêmeas à criação da sua espécie. O gado manso não é criado com fartura, como o bravo, que goza de todo o leite da mãe; contudo cresce tanto como êste e engorda mais; o que se atribui

a que o gado bravo anda continuamente assustado, fugindo de qualquer cão ou animal que lhe apareça; e o gado manso vive sempre socegado, come menos e só de dia, fica sempre no hábito de se chegar para o curral, e para a gente; e assim como calca menos o campo, desperdiça menos pasto; de maneira que uma fazenda, que alimenta quatro mil cabeças de gado bravo, pode sustentar oito mil de gado manso; mas não é possível tratar-se de um tal número, como de cem cabeças: pela mesma razão de socêgo do gado manso; a sua carne é mais deliciosa, que a do bravo. O pasto de todo o mesmo gado é a simples produção da terra inculta, e todo ano é verde, só com a diferença, que na primavera é mais viçoso, que no estío; e não há outro.

46. Os mesmos fazendeiros criam também gado cavalari e muar. E porque êste é mais útil ao fazendeiro, pois vale mais que o dôbro do cavalari; é maior a criação das bestas muares que dos cavalos; e os fazendeiros de mais trátego criam cada ano duzentas bestas muares e mais. Tôda a mula de idade de dois anos deve vender-se ou separar-se da manada; porque vendo ela a cria de uma égua, se chega a angariá-la até a fazer sua; e vindo a mãe da cria a buscar a filha, a mula morde e a faz fugir; ao que se segue que a cria morre, porque a mula não tem leite com que a sustente; e a mãe não lhe aparece, nem pode valer-lhe. Os cavalos e machos são castrados na idade de dois anos, e os mesmos, como também as fêmeas, são marcados de um ano; e estas operações, feitas com a mesma facilidade que no gado vacum, e só têm a diferença de se lhes lavar a rotura do bôlso com água fria.

47. Êstes gados vacum e muar são dois dos três principais ramos de comércio da Capitania; porque o primeiro é carne de vaca, ou salgada; o segundo são bestas muares; e o terceiro é o trigo. Temos dito o principal dos dois gados.

Falemos do trigo: êste é um dos frutos mais próprios daquelas terras; tôdas o produzem excelente; e algumas com diferença para melhor; e a cultura dêle nem é difícil nem prejudicial aos lavradores: há terras que produzem cinquenta por um; e de ordinário vendem vinte por um. A produção dêste gênero seria muito maior se não fôsse perseguido pela ferrugem, que costuma dar na criação do grão. E porque êste mal procede da água que os nevoeiros ou a chuva deixam na espiga, o remédio é passarem duas pessoas com uma corda tôda a seara, de modo a fazer-lhe cair a maior parte da água, facilitando-lhe assim a secura de alguma que fique, e evitando que o grão se recosa e apodreça.

48. Também criam carneiros os mesmos fazendeiros, cujo rebanho em alguns chega a mil cabeças: são de tal natureza, que é rara a ovelha, que não pare dois filhos de cada barriga. Para

pastores dêste rebanho criam dois cães de casta grande, pelo modo seguinte. Logo que nasce o cão matam os borregos a uma ovelha que prendem, e obrigam a dar leite ao cão; abrindo êste os olhos, se vai criando, conhecendo por mãe a ovelha, e brincando com os seus iguais, que acha no rebanho, como se fôsse um da mesma espécie; não se lhe dando de comer senão pela manhã ao sair o rebanho do curral, e ao recolher-se para êste, pondo-se o sol. Chegando à idade competente, capa-se o cão, e tendo já fôrças para acompanhar o rebanho se solta no curral onde se tem criado prêso sempre, e se lança com o rebanho ao campo; e fica tendo tal afeição ao rebanho, que jamais se aparta dêle. Dois dêstes cães são os pastores dêsse gado, suprindo bem o tempo, e o trabalho de um homem ou dois: quando sucede parir alguma ovelha, e por isso ficar no campo, um dos cães se deixa ficar com ela, e o outro acompanha o rebanho para o curral. Se a cria não pode andar e seguir a mãe para o rebanho ou para o mesmo curral; o cão a toma na bôca e a conduz sem a molestar. Ambos os cães não consentem que se chegue pessoa desconhecida ao rebanho, e muito menos alguma de várias feras que costumam acome-tê-lo.

§ VII — *Exportação dêstes gêneros.*

49. A Capitania de que falamos exporta cada ano um milho de arrobas de carne salgada, a que chamam xarque, para o Rio de Janeiro, Pernambuco e Baía: conseguintemente exporta mais de trezentos mil couros; cujo negócio é mais antigo, que o da carne, que começou a ter extração haverá vinte anos. Pertence a êste artigo o sebo, que andarà por trinta mil arrobas; a graxa, que se extrai dos ossos dos bois e se recolhe em bexigas dos mesmos, depois de bem lavadas e sêcas; nelas coalha esta espécie de manteiga, e se prende atando-se as bôcas das bexigas muito bem, depois de bem cheias; e se conduz para os mesmos portos, onde serve para adubar feijão, arroz e outros alimentos, de que ordinariamente se sustentam os pobres. Queijos grandes de cinco até dez arráteis, 1) * cada um, e em quantidade anual de vinte mil.

50. Exporta outro gênero, que é trigo; o qual, segundo um cálculo prudente e provável, andarà por 390\$816 alqueires da medida particular da Capitania, que corresponde a quase três de Lisboa, e se vende a 1:000 cada um. O mesmo trigo sai para o

1) * Arrátel equivalente a 429 gramas.

Rio de Janeiro ordinariamente em grão, e para a Baía em farinha. Exporta mais, de boi, peixe salgado e outros artigos de menor representação; e também dinheiro em metal e em letras, que no ano de 1803 exportou: 126:923\$607 réis. O que tudo faz valer a exportação marítima desta Capitania de 1:428:917:421.

51. A exportação terrestre consta de gado vacum, cavalos e muar: o número das bestas muares é de vinte até trinta mil cabeças cada ano, para tôdas as Capitánias daquele Estado de Portugal; excetuando as do Pará e Maranhão: nelas servem aos grandes transportes do comércio de centos e centos de léguas desde os portos do mar até os mais distantes sertões; e esta é uma das dependências, que as ditas Capitánias têm da do Rio Grande; quando esta é independente das outras: porém maior que esta dependência é a que elas têm da carne salgada, sem a qual passariam muito mal; principalmente as Capitánias do Rio de Janeiro, Baía e Pernambuco, as quais se não fizessem provimento da mesma carne salgada para seu sustento, vinda do Rio Grande, precisariam aplicar os seus campos para criação de gado, que houvessem de comer; e não exportariam a quantidade que êles produzem de açúcar, tabaco, algodão, café, cacau, goma, várias especiarias, drogas, etc.

Também exporta igual número de cavalos e bois para a Capitania de S. Paulo, da qual se distribuem, da mesma sorte para as outras Capitánias: isto é os cavalos, porque os bois todos se dirigem ao Rio de Janeiro; e vão para terra por terem sempre pastos tais ou quais, de que se sustentam; e não ser tão fácil o transporte por mar, em embarcações pequenas, dum tão grande número de cabeças daquela espécie de gado.

52. Há mais três feitos, que por ora se consomem na terra, e chegam para o seu gasto; mas podem vir a ser objeto de grande exportação e utilidade, a saber: lã, algodão e manteiga. Há outros três artigos, que presentemente não chegam para o gasto da mesma terra; mas podem vir a superabundar de maneira que se exportem com muita conveniência dos fazendeiros; e é: água ardente de cana, farinha de mandioca e arroz; artigos de lã, excelente qualidade nesta Capitania, que excedem aos melhores de tôdas as outras.

A importação tem por objeto: vinhos e águas ardentes de Portugal, chapéus e tôda a espécie de tecedura e ferragem, aço, e ferro para obrar. Dos portos vizinhos da mesma América recebe escravos, algum açúcar, alguma água ardente de cana, por não ter ainda a que precisa; e outras espécies, que não merecem referir-se.

§ VIII — Animais ferozes adversos aos gados.

53. Há na mesma Capitania do Rio Grande várias espécies de brutos ferozes, prejudiciais aos gados, e vêm a ser: guarás, em tudo semelhantes aos lobos da Europa; guarachains e iraras, que são, com pouca diferença entre si, semelhantes aos cães: há também cães bravos em grande quantidade: além destes há jaguaratericas, espécie de onça, ou gado grande: onças supuranas, e onças pardas; chamadas leões: onça pintada e tigre: estas duas espécies são as mais perigosas e terríveis; porque os mesmos cães que guardam o gado lhes têm medo: com tudo lhes ladram e as acometem e fazem fugir, bem que com dificuldade. A mesma onça pintada e o tigre se atrevem a matar o cavalo mais bravo e o boi mais robusto: o modo de os acometerem é buscá-los pela parte oposta ao vento, o qual haja de impedir que lhes dê o faro daquelas feras; as quais, além deste benefício, que procuram do vento, molham as mãos e os pés com a língua para trilharem macio; e muito surrateiras se vão aproximando a um cavalo ou boi até poderem dar um pulo acima dele; e então se fazem firmes, ferrando-lhe os dentes nas cruzes e as unhas dos pés e das mãos no corpo e no pescoço: e sendo natural, que o cavalo ou o boi anda com a bôca a alguma das partes doridas; para qualquer dos lados que volte a cabeça, lhe deita a fera a mão mais próxima e lha puxa para si, até lhe quebrar o pescoço: então cai por terra a prêsa atormentada; e logo a fera lhe rompe o sangradouro, quanto baste, para lhe sugar o sangue todo, sem perder gota dele. Depois por ali mesmo começa a comer-lhe a carne; e chegando a fera a fartar-se, cuida de esconder o resto da prêsa, ou arrastando-a para o mato, se fica perto, ou cobrindo-a com as ervas, palhas ou fôlhas, que para isso vai buscar onde as acha; e continua nos dias seguintes a ir comer, enquanto a carne lhe dura incorrupta. É necessária a estas feras a mencionada sagacidade em acometer aquêles animais; isto é cavalo ou boi; porque estes, percebendo as feras perto de si pelo cheiro ou pela vista, fogem; e as feras os não alcançam; porque correm muito menos que um cavalo ou um boi, que, sendo já crescido, não é acometido pelas feras senão depois de castrado; de maneira que estas só perseguem aos mesmos animais enquanto crescem, depois de castrados, e as fêmeas daquelas duas espécies vacum e cavalhar.

54. Os mesmos, tigre e onça pintada, na falta de cavalos e bois, acometem a todos os outros animais bravos, que não são da sua espécie: e os que lhes custam mais a caçar são os porcos montezez; porque estes sempre andam em bandos de cinquenta até cem cabeças e mais; e correm muito com excesso de velocidade às ditas feras, que por estas causas não têm partido com

esta caça. Contudo a vão seguindo a ver se podem apanhar algum porco separado dos outros; o que às vêzes sucede; porém, se gritando êste, os outros acodem, o que é ordinário, já o tigre ou a onça larga a prêsa, e se põe em salvo.

Estas mesmas feras também correm seu risco em caçar a anta; porque esta, em vendo sôbre si a qualquer delas, parte a correr com suma velocidade e fôrça pelo mato adentro, fazendo bater a cabeça e o corpo da fera em quantos paus pode encontrar na carreira, até a fazer desagarrar de si, caindo a fera às vêzes morta da pancada ou encontro, que teve. Enfim triunfa o tigre e a onça muitas vêzes, e de todo o animal pela sua sagacidade, de maneira que nem o macaco lhe escapa; que, ainda vivendo pelas árvores, onde nasce e se cria; sendo visto pelo tigre ou a onça, qualquer dêstes o sabe afagar de jeito que o atrai a si e o mata.

Há contudo um animal, que mata a qualquer destas feras; e muitas vêzes morre com elas. E é o tamanduá-bandeira, que encontrando o tigre ou a onça, deita-se de costas, sôbre os braços e pernas, e fica imóvel; chega-se a onça ou tigre, lança-se nele e o abraça. Também o tamanduá-bandeira abraça a fera, encima de si, e se cravam mutuamente as unhas até morrerem; e se algum dêles escapa à morte é sempre o tamanduá.

55. Mas não triunfam dos homens: êstes, pois, percebendo que anda no bairro tigre ou onça, por verem morto algum animal; logo o buscam e rastejam com cães, até duas e três léguas; e achando a fera, a perseguem até que ela suba para alguma árvore, que sempre é de casca grossa e áspera para a fera se poder apegar; e inclinada para algum lado, para a poder montar e subir, o que é muito difícil sendo a árvore direita, e levantada a prumo. Estando encima qualquer das feras, cuida de observar os caçadores, virando-se para êles; os quais por isso lhe atiram a seu salvo, o que não sucede no chão; porque como sucedeu a Manuel dos Santos Pedroso, pode errar-se o tiro e refilar a fera no caçador. Êste sujeito pois encontrou-se com uma onça pintada, atirou-lhe e errou o tiro. Corre a fera para êle, que largando a espingarda, puxou por uma faca e cravou na fera com tôda a boa vontade em cada um de repetidas vêzes, que ela o acometeu, a qual, depois de muito ferida, o deixou. Ficou o homem maltratado, e todo em sangue das unhas da fera pela frente. Contudo vive e terá de idade trinta anos.

56. A onça-parda e a suçuarana também matam animais vacum e cavalaes; mas gostam mais de cavalos que de boi. Não lhes chupam o sangue, começam a comê-los pela anca, e matam os animais umas vêzes por fome e outras por mera maldade: e são também perseguidas e mortas pelos homens, como o tigre, e a onça-pintada.

Há outro animal, que come galinhas e ovos delas e das aves,

que criam pelo chão, e a estas mesmas, se as apanha. O modo de se defender dos homens e dos cães, é mijar em uns e outros; porque os cães lhe fogem ganindo, como se fôsem escaldados com água fervendo. E os homens da mesma sorte fogem e lançam de si o vestido, meias, sapatos ou botas, e tudo onde chegou a mija; porque fede em têrmos, que ninguém a pode suportar. Este animal é no tamanho e feitio semelhante a um gato; difere em ser mais delgado, é de côr de pulga com riscas brancas em todo o seu comprimento e se chama zorrilho.

§ IX — *Da caça e fruta da mesma Capitania.*

57. São aquêles habitantes muito regalados de caça tanto volátil como terrestre; pois têm porcos montezez de várias qualidades; veados de várias espécies; capivaras, que são porcos anfíbios, criam e vivem nos rios, e são nocivos às searas vizinhas: têm inumeráveis gêneros de quadrúpedes, que se caçam e comem; dos quais com tudo não abunda tanto aquela terra, como dêstes três mencionados. As aves são também de inumeráveis espécies, e de muito vária grandeza; as maiores são as emas, que ali têm o nome de avestruz, não voa alto; mas correndo se ajuda das asas e se leva com tal velocidade, que é raríssimo o cão, que a apanha: essas aves andam sempre em bandos de vinte a trinta. Tôdas se servem de um ninho para depor os seus ovos; e acabado não aparecem mais em o ninho, e um macho é que fecunda os ovos, dos quais excetua dois, aos quais quebra logo que nascem os pintos, e êstes se sustentam de moscas, que apanham dos dois ovos quebrados, onde continuamente se estão pondo; até êles poderem acompanhar ao pai, que os leva e agazalha enquanto crescem.

58. Há outra ave, a mais preciosa de tôdas, porque vive de comer cobras, que naquela capitania são perigosíssimas: conhecem-se várias viúvas de homens, que elas mataram. Chama-se esta ave seriema, tão grande como um peru: vive no chão, posto que dá vôos altos, ordinariamente quando apanha alguma cobra, porque a leva pelo ar acima, e chegando a grande altura a larga e deixa cair à terra, para assim a matar, o que sucede pela repetição de quedas; e depois de bem moída e morta a cobra, a engole. Há mais várias aves de rapina de diversas espécies, das quais algumas também matam cobras. Além das aves há abelhas ordinariamente mais pequenas, que as da Europa e diversas espécies, no feitio do corpo, na fatura dos favos, e qualidade do mel; e nos sítios de criarem; porque tôdas buscam buracos, umas em

pedras, outras em árvores, outras no chão, outras em ribanceiras e valos.

59. Quanto à fruta, são muitas e mui várias as espécies deste regalo; tanto as que são conhecidas e naturais da Europa, como as que são próprias daquele terreno: tem laranja, melancia, melão, maçã, marmelo, pêsego, ameixa e uvas. As laranjas, marmelos e pêsegos são mais deliciosos que os da Europa, e a abundância de espécies é incomparavelmente maior.

As espécies particulares da Capitania são inumeráveis.

CAPÍTULO III

MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA A CAPITANIA DE S. PEDRO DO SUL PELA SUA OPULÊNCIA E FÔRÇAS

§ I — *Referem-se alguns progressos de que se deduz esta matéria.*

60. Desde o princípio daquele domínio da coroa de Portugal, serviu o Rio da Prata de divisão e limite entre as terras da mesma coroa e das de Castela; aproveitaram-se os dois Monarcas; isto é o de Portugal e o de Espanha, daquela corrente majestosa, que bem parece ordenada pelo Autor da Natureza, para separação e têrmo daqueles domínios das suas coroas; e ficaram possuindo, o de Portugal as terras do Norte, e o de Castela as do Sul do mesmo rio; e assim o seguraram pelo tratado de 1681, no qual El Rey de Espanha renunciou solenemente a todo o direito que a Nação espanhola tivesse ou pudesse vir a ter nas terras da banda do Norte do dito Rio da Prata; e declara por estas palavras: “que o território do Norte do Rio da Prata pertence ao Rei de Portugal, e seus herdeiros e sucessores”.

Possuindo o Rei de Portugal as mencionadas terras, mandou ali edificar a praça d'armas, chamada Colônia do Santíssimo Sacramento, defronte da de Buenos Aires da coroa de Castela, sita defronte ao Sul do mesmo Rio da Prata. Correndo o tempo foi a dita praça d'armas surpreendida pelo governador de Buenos Aires. Constando ao Rei de Castela, Carlos II, êste excesso, mandou restituir a Portugal a mesma praça com tôdas as suas pertenças, perdas e danos, em virtude do tratado, celebrado em Lisboa a 7 de maio de 1687, como também mandou castigar ao governador que invadira a mesma Praça.

Aquela divisão de limites foi de novo assinada mais firmemente a Portugal pela Grã-Bretanha; primeiramente pelo artigo 21 da liga defensiva de 16 de maio de 1703: depois pelo artigo 5 da outra liga, assinada ao mesmo tempo, e pelo artigo 20 do tratado de Utrecht, em 1723, entre Inglaterra e Espanha, formalmente confirmado pelo pacto de garantia, passado pelo Sêlo Grande de Inglaterra a 3 de maio de 1715.

61. Correram os anos até o de 1741, em cujo mês de dezembro o Santo Padre Benedito XIV, expediu um Breve, dirigido imediatamente aos Arcebispos e Bispos do Brasil, clamando contra a escravidão dos índios e violências, que se lhes faziam, proibindo-as debaixo de excomunhão *latae sententiae*: excitando a exímia piedade de El Rei D. João V, de feliz recordação, para coibir pelos seus ministros e oficiais aquelas extorsões. Foi notável a impressão que fêz no pio ânimo daquele monarca êste Breve, o qual excitando o nunca assás compreendido zêlo da propagação da Fé Católica, que resplandecia na Augusta Majestade daquele Soberano, o estimulou eficazmente à execução do mesmo Breve. Porém, como havia índios nas terras que pertenciam à sua Coroa e nas da Espanha, em sítios, aonde não tinham chegado demarcações, foi necessário concordar com El Rei Fernando IV de Espanha sôbre os limites daquelas conquistas, cujo tratado se veio a celebrar a 16 de janeiro de 1750.

Um funesto acidente, que havia demorado anos, a execução do mencionado tratado a suspendeu até que falecendo o mesmo Soberano em 31 de julho daquele ano, lhe sucedeu seu filho, o Senhor Rei D. José assim na coroa, como na piedade, pela qual de acôrdo com El Rei de Espanha para execução do mesmo tratado fêz expedir desta e daquela Côrte as ordens necessárias aos generais e ministros das suas fronteiras no Continente de Rio Grande de S. Pedro do Sul, as ordens necessárias para executarem as mútuas demarcações e entregas, que haviam sido os objetos do sobredito tratado. Em consequência marcharam dois exércitos um de Montevidéu, comandado pelo Marquês de Valdelirios, à ordem de S. Majestade Católica; e outro do Rio Grande, comandado por Gomes Freire de Andrade, à ordem de S. Majestade Fidelíssima, determinados ambos êstes generais, comissários das ditas Côrtes de Portugal e Espanha a avançar-se no país, supondo-o de boa fé, para fazerem as mútuas demarcações e entregas; e despedindo adiante oficiais que procedessem nas mencionadas demarcações, sucedeu que chegando a S. Tecla no dia 28 de fevereiro de 1753, acharam que os índios lhes impediam a passagem, obrigando-os e aos destacamentos, que os seguiam, a retirar-se ao respectivo exército, que os havia expedido. Os oficiais, apesar de não poderem sustentar o seu partido, se adiantaram a cominar

aos índios com a indignação do Soberano; e êles responderam com inaudita insolência e intrepidez, que os Reis estavam muito longe e que êles tinham quem os governasse e defendesse.

62. Foi isto presente aos ditos generais, que se admiraram grandemente de acharem quem se lhes atrevesse a opor-se, onde supunham tudo humilde e pacífico: e passaram a deliberar sôbre o sucesso experimentado em repetidas conferências pelo discurso daquele ano e parte do seguinte; assentando enfim de evacuar à fôrça d'armas aquêlê território dos indivíduos sublevados que o infestavam.

Com efeito se puseram em marcha, saindo o Marquês de Valdelirios de Montevidéu, dirigido a S. Tecla; e Gomes Freire de Andrade, de Rio Grande para Rio Pardo, em 28 de julho de 1754. Provocado pelas notícias, que havia tido, durante as mencionadas conferências, de que os índios tinham atacado duas vêzes a fortaleza de Rio Pardo, sendo sempre rechaçados pelos Portuguezes, que a defendiam, e aprisionados e remetidos ao Rio de Janeiro, onde deram as informações que se desejavam da origem desta guerra.

Alí chegou êste nosso general no dia 30 do mês de julho; e passando adiante ao principal pôsto de Jacuí (nº 13) aonde não davam, achou aos índios fortificados com duas trincheiras, depois de o terem incomodado muito na marcha, que êle com o nosso exército havia feito com o inimigo sempre à vista e as armas na mão. Mandou o mesmo general falar aos índios, e lhe foi respondido, que o general espanhol se havia retirado e os Portuguezes não deviam passar daquêlê sítio sem nova determinação das Côrtes: crescendo outras notícias, que conferidas com esta resposta forçaram ao general Gomes Freire de Andrade a uma trégua com os índios, tendo passado em guerra viva até o dia 16 de novembro do sobredito ano de 1754.

63. Chegaram enfim as novas ordens das duas Côrtes aos generais a tempo que já lhes haviam concordado juntarem-se em S. Antônio Velho para entrarem por S. Tecla a sujeitar os povos rebeldes; o que se viu cumprido e executado no dia 16 de janeiro de 1756. Partiram contra os índios, os quais três vêzes apareceram entrincheirados e fortificados contra os dois exércitos em diversos sítios; e três vêzes foram atacados, batidos, desalojados e postos em fuga restando milhares dêles mortos; além de se atreverem a travar escaramuças com as guardas e corpos avançados, que os exércitos despediam continuamente, como é costume. Admirando Gomes Freire de Andrade a regularidade das trincheiras e arquitetura militar, que se sabia e se professava entre homens bárbaros, ignorantes e inertes, de quem se não esperava mais senão que fugissem e se escondessem. Finalmente chegou Gomes Freire

de Andrade a conquistar as sete povoações de Missões, e dali não quis passar além do Uruguai por lhe parecer que havia tomado tudo o que segundo o tratado, que se executava, pertencia à Coroa de Portugal.

§ II — *Continua a mesma relação.*

64. Conveio o Senhor Rei D. João V, e depois o Senhor Rei D. José em aquêlê tratado, e quanto por êle cederam de terras até o Rio da Prata, que são centos de léguas, outro tanto deram pela paz em que um e outro Monarca determinou ter sempre aos Portuguezes apesar da enormidade daquela perda. Assim mesmo não pôde El Rei de Espanha suportar a cólica que lhe causava a paz, meia dúzia de anos; porque em 1762 rompeu em guerra com Portugal; e então invadiu na América o general D. Pedro Cevallos, general de Buenos Aires as terras da Capitania de S. Pedro do Sul, que discorrem desde o Rio da Prata até o Rio Grande; as quais foram novamente restituídas a Portugal pelo tratado de Paris de 10 de fevereiro de 1763: e ainda então novamente garantido pela Côrte de Inglaterra, como se vê do artigo 62 do mesmo tratado; cuja execução foi logo ordenada por um decreto de 3 de junho do mesmo ano, assinado por El Rei de Castela e dirigido ao dito gov. de B. Aires. Êste, porém, o não quis cumprir; sem embargo de se lhe apontar o artigo 2 do tratado de Paris, o qual expressamente declara, que os tratados entre as duas Coroas de Portugal e Castela, de 13 de fevereiro de 1668; de 6 de fevereiro de 1715, de 12 de fevereiro de 1701, de 11 de abril de 1713 com as garantias da Grã-Bretanha serviam de fundamento e base para a paz e tratado presente de Paris, e para êste fim êles estavam renovados e confirmados do modo mais amplo. Às cegas respondeu êste governador, com reflexões e com dúvidas frívolas, que assás deram a conhecer a má fé de seu procedimento com o objeto do dito decreto; e por tanto ficaram aquelas terras em poder dos Castelhanos e continuaram as desordens sôbre aquela parte da Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul: até que no ano de 1767 propôs Castela a Portugal um tratado de composição, que fêz expedir ordens de uma e outra Côrte aos respectivos governadores, para suspenderem todo o movimento de armas e restituirem de parte a parte, o que tivessem tomado. Assim o cumpriu, por esta vez, e por entretanto; havendo a solenidade de Reversal, tudo praticado no dia 12 de outubro daquele ano. Ficaram os povos em paz, enquanto permaneceu no govêrno de Buenos Aires, Mr. de Bucarelli, até o fim do ano de 1773. E sendo êste rendido por outro governador, tornaram os

povos portugueses a experimentar as insolências dos Castelhanos; e parecendo-lhes a princípio meros efeitos do natural ódio, que uns têm a outros, bem depressa vieram a conhecer, que o mal era maior, vendo êles o general D. Juan José de Vertiz y Salcedo à testa de um exército de seis mil homens de tropa de linha, e de um muito maior número de índios armados, rompendo pelas nossas terras até à margem meridional do Rio Jacuí, sem resistência alguma em tôda a sua marcha; ali fêz alto no sítio chamado hoje de Ana Pedrosa, e alojado o exército mandou falar à fortaleza do Rio Pardo, dizendo que aquêle país pertencia ao Rei da Espanha, e que êle trataria aos Portuguezes, que assim o não reconhecessem, por ladrões e salteadores. Ao que respondeu um que parecia ser o comandante do forte: que êle não podia dar a S. Excelência a devida satisfação sem ordem do governador da Capitania, que havia de vir de Pôrto Alegre, e ali se esperava no dia seguinte a tantas horas; com êle poderia S. Excelência tratar o que quisesse.

Dito assim, e acomodado o caso por êste que na realidade era o governador da Capitania, cuidou logo de fazer peças de pau jeribá, muito mole, fácil a operar-se a machado e tórno, e apresentou no mesmo dia uma bateria formidável. No dia seguinte às ditas horas, servindo-se da única peça de artilharia que havia na Capitania, deu uma salva, como devido obséquio à chegada do governador, vindo de Pôrto Alegre, e se manobrou com tal velocidade, que pareceu ao inimigo haver no forte tantas peças, como os tiros que ouviu. Logo depois apareceu o governador passeando no forte com a sua farda encarnada, em confirmação das idéias dadas. Tinha o general da Capitania, isto é o mesmo governador sabido por um índio, dias antes, da marcha do inimigo, e despedido logo duas companhias de dragões, que fôsem registrar aquela marcha, e fazer de noite o estrago que pudessem no exército espanhol. Os oficiais que as comandavam eram os capitães José Carneiro e Rafael Pinto Bandeira. Êste havia servido nas milícias e delas passou para tropa de linha, porque o governador o achou capaz de tôda ação de honra e de valor; e parecendo ter menos razão de desempenhar o comando do que o outro capitão seu companheiro; com tudo, sem haver tido criação de soldado, fêz maiores proezas e maiores serviços ao Estado.

Com esta ordem foram êstes capitães aparecer ao inimigo na sua marcha; porém, dividida a gente em escoltas por diversos altos de terra, de onde podiam ver e ser vistas do inimigo: em anoitecendo chegavam-se a êste, e lhe davam em cada noite repetidas descargas, espantavam-lhe a cavalaria e a faziam fugir, e aos gados que levava para comer. O modo mais notável por que o fizeram, foi prender a um potro bravo um coiro sêco de boi, em

figura de um tubo ou cortiço, que por ser redondo fôsse fácil a rolar e tivesse algum som, tocando em qualquer corpo, que encontrasse: depois fazer correr para a cavalaria inimiga o mesmo potro, à fôrça de quatro fortes chicotadas. Era isto o que bastava para fazer mêdo à cavalaria, que estranhava o som do coiro sêco, e corria porque via correr um semelhante, fogoso e perseguido pelo mesmo coiro e estranho som, que mais e mais o fazia correr, batendo-lhe na anca, e nas pernas: não havia portanto cavalo na tropa inimiga, que não se alterasse de mêdo e fugisse também.

65. Depois de muito insultado o exército espanhol por êstes capitães, que tudo faziam a seu salvo, pelo conhecimento que tinham do terreno; no qual o inimigo ainda de dia não andava seguro; veio a ter um encontro com êles, que por bem pouco lhe não caíram nas mãos: porém, vendo-se qualquer dêles entalado, e reconhecendo que não tinha partido com o inimigo; fugiram-lhe, José Carneiro com a sua companhia para o mato, em cuja entrada se apearam, escapando para dentro os homens; e perdendo-se os cavalos fora, onde logo o inimigo os tomou.

Rafael Pinto Bandeira partiu à rêdea sôlta para o campo largo a buscar um tremedal, que êle com a sua companhia foi rodeando encoberto ao inimigo, com certo alto que ali havia; pelo que o não podia ver dar a volta que precisava para poder dálém do mesmo tremedal subir e aparecer ao inimigo em sítio descoberto, onde enfim fêz alto. Pôs-se a observar a marcha do mesmo inimigo, e viu que êste, chegando ao tremedal por ignorar o terreno, se atolou e submergiu em grande parte. Então voltou atrás o mesmo Rafael Pinto Bandeira, aprisionou os inimigos e os cavalos dêles que não estavam atolados, e veio entrar na fortaleza de Rio Pardo com êste triunfo.

O general inimigo havia entrado tão afoito nas nossas terras por lhe dizerem que nesta Capitania não havia artilharia com que os Portuguezes lhe houvessem de resistir; não lhe passou pela imaginação que os Portuguezes independentes de artilharia podiam derrotar-lhe o seu exército, e, até aprisionar a sua pessoa; e reconhecendo enfim à vista dos experimentados insultos, e da artilharia que ouvira, a sua temeridade, e que se mais se demorava chegaria pelo menos a não ter cavalos, em que voltasse para Montevidéu, donde viera; tomou a resolução de retirar-se, pedindo por favor ao general português, que lhe não picasse a retaguarda.

66. Neste mesmo tempo, que era o ano de 1774, infestavam o mar da mesma Capitania várias embarcações de guerra espanholas, que fazendo fora da barra o possível dano aos na-

vios Portuguezês, passavam a insultar os povos pelo Rio Grande dentro até o sítio que se chamava de Patrão-mor, e hoje S. José do Norte; porque aquella barra não tem defesa alguma. A isto succedeu observarem os Portuguezês, que os Castelhanos recebiam cada vez mais munições de guerra, e que se aumentava o número das embarcações, que nos tolhiam a entrada e saída da barra: de tudo isto fêz aviso à Côrte o Marquês de Lavradio, como Vice-Rei, que era então do Rio de Janeiro. Conseguentemente entrou El Rey de Portugal no projeto de negociar com o de Castela amigável composição, e perpétua paz. Ao tempo que se tratava disto, fêz o mesmo Vice-Rei novo aviso, de que os Castelhanos tinham levantado seis fortes no Rio Grande e segurado os passos mais dificultosos e tomado quantidade de navios portuguezês.

Então se deixou El Rey D. José de uma negociação que o de Castela tratava com aleivosia e dôlo; e tomou o recurso nas armas, e nelas o despique. Mandou logo expedir as fôrças que lhe pareciam bastantes para reprimir por mar e por terra a insolência dos Castelhanos; ao que se seguiu, que, achando-se junto a S. José do Norte o exército portuguezês, em uma noite de nevoeiro passou êste em tôda a sua largura de uma légua d'água o Rio Grande, avançou e surpreendeu os fortes dos Castelhanos, principalmente o de S. Pedro do Sul; de maneira que sendo dia, se viram arvoradas belas bandeiras portuguezêsas; fugindo os Castelhanos a tropel, deixando armas, tôdas as munições, e quanto possuíam, assim os militares como os paisanos; e foram refugiar-se no forte de S. Tereza, onde se entrincheiraram. Succedeu depois que em março de 1777 morreu El Rey de Portugal, e succedendo a Rainha sua filha, Nossa Senhora, que Deus, no govêrno dêste Reino e seus Domínios, se compôs com El Rey de Castela, seu tio, bem à satisfação dêste. Porém consistiu a composição em certa divisão de limites que, a não haver mapa exacto daquele território, não podia fazer-se, senão à vista dêle. Pelo que foi necessário mandar uma e outra Côrte comissários e engenheiros, que na Capitania fizessem a divisão tratada, segundo as instruções, que lhes deram.

Foi primeiro comissário por parte de Portugal o governador, que era da Capitania, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara; e segundo o coronel de engenharia Francisco João Rósio, além de outros subalternos. Entraram êstes na diligência de dividir as terras à vista dos espanhóis, e em conferência com êles. Porém uns e outros encontraram tais objeções, que se nas ditas Côrtes não puderam ser prevenidas, muito menos êles as puderam decidir; pelo que, em umas partes ficou-se conhecendo o que era de Portugal, e o que podia ser de Castela; em outras partes ficaram indecisos os limites, depois de quinze anos de tra-

balho e despesas; e assim ficaram até à declaração da guerra de 1801.

§ III — *Move-se a guerra de 1801 entre os Portugueses desta Capitania e os Espanhóis.*

67. Na mencionada indecisão de limites se achavam os povos da Capitania do Rio Grande, quando nesta se rompeu a alegre nova de que Espanha tinha declarado a Portugal guerra. Veio esta notícia por uma embarcação da Baía em 15 de junho de 1801 e se confirmou por outra de Pernambuco a 22. Sentia o governador que lhe não chegasse carta de ofício a êste respeito; e como se capacitou, que as ditas notícias eram verdadeiras, mandou que os povos portugueses reconhecessem a nação espanhola por inimiga, fazendo afixar editais nos lugares públicos desta resolução, enquanto chegasse correio, que o obrigasse a fazer a declaração de guerra com a formalidade do estilo, como com efeito sucedeu, aos 16 de agosto daquele ano.

Então assentaram os povos da mesma Capitania que era ocasião de fazerem êles, em obséquio e serviço da Coroa, de que se reconheciam e prezavam de fidelíssimos vassallos, a verdadeira divisão das terras de Espanha das de Portugal. Não saberão aquêles povos a doutrina cristã, por viverem longe de párocos e do culto divino, ouvindo Missa uma vez cada ano, por ocasião de os ir o pároco desobrigar dos preceitos pascais; porém o direito da Coroa de Portugal àquelas terras e os tratados que têm havido sôbre a divisão delas, é coisa que êles conhecem perfeitamente; a êste conhecimento juntam êles o escândalo, em que vivem da insolência e atrevimento, com que os Espanhóis têm entrado as nossas terras, e da má fé com que as possuem e da injustiça e iniquidade, com que em todos os tempos quiseram afligir aos Portugueses, sem embargo de tirarem sempre mau fruto do seu trabalho. E estimulados os Portugueses por êstes princípios, assentaram agora de levar à espada ou a pau os Espanhóis até às suas terras além do Rio da Prata.

Não há palavras, pelas quais se expresse cabalmente o alvoroço daqueles povos em tôdas as partes da Capitania com a declaração da guerra, porque em todo o tempo lhes pareceu que os espanhóis deviam conter-se além do Rio da Prata; e que os Portugueses deviam viver separados dêles com o mesmo Rio: achavam esta divisão natural, justa, racional, própria de homens de boa vontade e digna da fé, que uns e outros professam; porque as conseqüências disto era uma paz e amizade perpétua. Do contrário resulta o ódio e inquietação de espírito continuado de

uns para os outros e disposto à funesta permanência de inimizade, em que vivem e morrem pais, filhos e descendentes. Não se articulou palavra no Rio Grande, que significasse covardia, nem medo de qualidade alguma; antes se ouviam tôdas as expressões, que podiam excitar os homens e provocá-los a tomarem as armas e a marcharem para emprêsa de fazerem passar os Espanhóis para a sua terra, com o que contavam de certo os Portugêses.

§ IV — *Providências do governador, declarada a guerra.*

68. Achava-se o general, governador da Capitania, na Vila de S. Pedro do Sul, quando ali chegaram as primeiras notícias da guerra. E como esta lhe não dava cuidado, que lhe tirasse o sono, sem embargo de não ter immediato aviso do Vice-Rei, mandou, como dissemos, que se reconhecesse a nação espanhola por inimiga; e êle próprio em pessoa, vestindo a sua mais preciosa farda encarnada e a mais bem guarnecida com largos e pesados passamanes de oiro; e, armando-se com as insígnias do seu pôsto, appareceu em público e disse na presença dos officiais de maiores patentes, dos maiores do povo e de um grande concurso de gente, convidada pela novidade e excesso de apparecer o general em um traje de que ordinariamente não usa: disse que êle, em nome de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, e seus Domínios, perdoava a todos os desertores que se quisessem recolher à Capitania, fazendo afixar editais desta resolução.

Dali passou com os mesmos officiais de guerra a dar revista aos armazéns reais, viu armas, reparou no estado e na qualidade delas, achou pólvora e bala de sobejo, e notou que as armas eram poucas para a gente que havia, sem elas. Expediu ordens pelas quais fazia aprontar as tropas assim pagas como de milícias de cavalo. Deu comissão para Pôrto Alegre ao brigadeiro Francisco João Róscio; e para Rio Pardo ao tenente-coronel Patrício José Correia da Câmara para fazerem semelhante diligência de revista das armas nos respectivos armazéns. Ao que responderam que havia muita pólvora e bala, mas que armas precisavam ser concertadas, e ainda assim não seriam bastantes para os que se ofereciam a pegar nelas.

Advertiu o general que os soldados pagos não recebiam sôldo havia tempo, e que estavam descalços e nús desde os pés até à cabeça. E como tinha observado que os povos estavam contentíssimos com a guerra, contou com esta disposição de ânimos para vestir a tropa com a generosidade dos mesmos povos; e ordenou aos ditos comandantes de Pôrto Alegre e Rio Pardo

e na mesma Vila de S. Pedro do Sul ao coronel Manuel Marques de Souza, que êstes convocassem os maiores do povo, e lhes expusessem a necessidade em que estava a tropa, naquela distância do Soberano, a cuja providência se não podia recorrer, para que cada um concorresse como pudesse para munir as tropas de maneira que pudessem marchar para o campo no rigor do frio, que então se sentia, e naquele ano mais que nunca excessivo: recomendando-lhes que fizessem coonestar esta vontade dêle general governador a tôdas as partes e pessoas, de quem se pudesse esperar semelhante concurso.

69. O mesmo espírito de patriotismo, que havia feito gostar da guerra, declarada contra os Espanhóis, foi bastante para que dentro de oito dias se visse tôda a tropa da Capitania guarnecida de tudo o que se podia desejar; porque os que não puderam dar dinheiro, panos, coiros, bois, cavalos, escravos e as próprias pessoas, ofereceram-se a trabalhar naquilo que cada qual sabia por ofício, a benefício da tropa e do Estado. E logo fêz o governador marchar um exército, dividido em dois corpos, um para as fronteiras respectivas ao Rio Grande; e outro para as de Rio Pardo. E depois desta marcha do exército para as mesmas fronteiras, continuaram os homens abonados da Capitania a abastecer as tropas do que lhes constava que elas precisavam; e como o que mais se lhes pedia eram cavalos, houve fazendeiro que chegou a mandar um cento dêles; e outros, semelhantes importâncias, à proporção das suas possessões.

70. Depois de tudo isto chegou ao general a carta de ofício, pela qual o Vice Rei do Rio de Janeiro lhe certificava a declaração de guerra. Então segunda vez se vestiu de gala o mesmo general governador e mandou publicar a guerra por um bando a toque de caixas, clarins e trompas; e mandou que os dois chefes se agregassem aos seus lugares nos dois corpos de exército respectivamente: isto é o tenente-coronel Patrício José Correia da Câmara ao da fronteira de Rio Pardo, e o coronel Manuel Marques de Souza ao da fronteira de Rio Grande.

Nesta ocasião se alvoraçaram outra vez os povos, com a certeza da guerra, e não podendo conter-se, a cada passo estavam chegando ao governador e aos ditos chefes, vários homens poderosos da Capitania em sua só pessoa cada um; e os de menos posses incorporados em rancho; todos a pedir licença para levantarem companhias de gente de cavalo armada contra os Castelhanos: todos levavam licença, e é incrível o que entrou a concorrer para o exército de gente inumerável, tôda luzida, valente, resoluta, constante e forte; com faculdade, que também pediram e obtiveram para passar adiante a fazer hostilidades ao inimigo.

Estes homens foram os que fizeram mais sensível a guerra aos Espanhóis; porque êles saquearam tudo, gados, alfaias, mantimentos, etc. fizeram-nos desertar para as povoações centrais da sua gente e nação, e tolheram ao inimigo a marcha que quisesse intentar contra os Portuguezes; êle pois não poderia fazer caminho por terras, em que não achasse cavalos descansados para mudar, nem gados para comer.

§ V — *Ações do capitão Simão Soares da Silva, e do tenente José Antunes da Porciúncula.*

71. Desta maneira se viu à testa dos Espanhóis um exército formidável sem despesa alguma do Estado, diferente do que há no tempo da paz; porque a maior parte da tropa era miliciania, e esta menos viciosa, menos mole, menos doente, mais exercitada com o trabalho, nutrida, robusta, valente e atrevida, na qual portanto os povos confiavam com mais certeza o triunfo. Vendo os espanhóis os movimentos dos dois corpos do exército português, que marchavam dirigidos às guardas, com que êles defendiam as terras da Capitania, que haviam usurpado, transgredindo e excedendo a inteligência da última divisão de limites; prevendo que elas seriam avançadas; se anteciparam a desertar delas, de maneira que chegando os Portuguezes às ditas guardas as tomaram sem resistência alguma, e as demoliram logo. Começando da Lagoa Mirim para o Norte, a primeira guarda se chamava da Lagoa; segunda, do Quilombo; terceira, de S. José; quarta de S. Rosa. Estas eram da fronteira respectiva ao Rio Grande; as que se seguiam ficavam já na que foi guarnecer o corpo de exército de Rio Pardo. Elas eram: a fortaleza de S. Tecla, que vem a ser a quinta na ordem das outras, e que já na guerra de 1776 tinha sido tomada pelo comandante Rafael Pinto Bandeira; a sexta era de Taquarimbó; e a última de Batovi: além de outras guardas mais pequenas, para as quais, as sobreditas mandavam escoltas por tantos dias, ficando-lhes subordinadas na distância de três até quatro léguas, e tôdas estas guardas defendiam uma parte da fronteira, que terá de extensão cinquenta léguas.

Isto da Lagoa Mirim para o Norte: e da mesma Lagoa para o Sul, no estreito de terra, que corre entre ela e o mar Oceano, havia e há duas fortalezas que se chamam de S. Tereza e de S. Miguel, nas quais havia grandes fôrças inimigas; e se faziam ainda mais fôrças com uma cidadela, que muito adiante das mesmas fortalezas impedia o passo aos Portuguezes da Vila de S. Pedro do Sul para as atacarem, e não restava outro caminho,

porque pela esquerda flutuava o dito mar, e pela direita a Lagoa sobredita. Estas triplicadas forças dos inimigos naquele Continente faziam ciúme ao general vigilantíssimo; previa que êles meditariam a surpresa da Vila de S. Pedro do Sul, onde êste se achava dispondo e influindo na guerra; pelo que expediu para o mesmo Continente a Simão Soares da Silva, capitão de milícias e José Antunes da Porciúncula, tenente de dragões, com cento e trinta e seis soldados, dos quais menos da terça parte eram dragões, o resto milicianos, incumbidos da defesa dos passos de Taim e Albardam; únicos pela mesma razão das águas, para a marcha que era fácil lembrar ao inimigo estando a tropa na fronteira: porém depois tiveram ordem de atacarem a mesma cidadela, deitar-lhe fogo e desalojar ao inimigo daquela parte do Continente, que avançara para diante das suas mencionadas fortalezas, até aquêle sítio chamado Chuí.

Marcharam os nossos oficiais comandando cada um a gente da sua ordem. Esta marcha era feita em um terreno todo igual, plano e descoberto à vista pela extensão de muitas léguas, com pouca diferença como as águas do mesmo Oceano. Ao mesmo passo convinha que ela se fizesse oculta aos exploradores, que o inimigo trazia no campo continuamente. Marcharam enfim nestes extremos, e, sem serem vistos, puderam observar como se recolhia do mesmo campo ao forte de Chuí uma partida de Espanhóis, que andavam de vigia; porém, como êstes não tinham visto aos Nossos, foram dizer que o campo estava limpo de tudo o que podia temer-se.

Esta notícia causou sono aos Espanhóis do forte, e todos êles se deitaram a dormir com todo o descanso. Enquanto êles dormiam, marcharam os Portugêses, que antes de amanhecer encontraram dois bombeiros do inimigo, e os aprisionaram para que êstes o não fôssem acordar. Desta sorte fizeram, bem a seu salvo, cêrco ao inimigo, com tal presteza que, quando a sentinela gritou às armas, já os Nossos os tinham debaixo das suas armas, de maneira que não puderam valer-se para defesa alguma. E assim estiveram até ser dia. Contudo a capa da noite encobriu a fuga de alguns do inimigo para um pequeno bosque pouco distante; outros deitaram as armas de fogo a um rio que borda o sítio de Chuí: sendo dia descobriram os Nossos êstes dois fatos. Não puderam tirar da água, nem salvar as armas, que enfim lá ficaram. Quanto aos emboscados, foram picados pelos Portugêses para fora do mato, com tal desembaraço e intrepidez, que cada um dêstes trazia adiante de si cinco e seis espanhóis, e isto com tôda a precisa vigilância, que não escapasse algum a dar conta disto às fortalezas de S. Tereza e S. Miguel, antes que os Nossos se retirassem; o que fizeram deixando ir livres duzentos e noventa e tantos prisioneiros; e trazendo só nove dêstes para

a condução dos despojos, que consistiram em seiscentos cavalos, e seiscentas cabeças de gado, que os inimigos tinham furtado aos fazendeiros portugueses, e o armamento que apareceu.

Não se fêz saco ao inimigo do seu fato, do cavalo de cada indivíduo e daquilo que servia à decência pessoal de cada um. Se se retiraram os Portuguezes, deixando aquêlo alojamento reduzido a . . . ; completando-se a ação sem mortes de parte a parte, pelo juízo, discrição e prudência dos sobreditos oficiais. O tenente José Antunes da Porciúncula procedeu sempre como militar perito e disciplinado nos conhecimentos da sua profissão; por isso, fazendo grandemente o seu lugar não causou admiração: porém o capitão Simão Soares da Silva, que nunca se tinha visto em ardis de guerra, tem admirado a todos os inteligentes, levar êle esta emprêsa segura desde o seu princípio até desarmar mais que um número dobrado de soldados inimigos, a respeito dos seus; e os mandar em paz para a sua casa, sem os descompor, nem os injuriar, nem ferir ou matar algum: portando-se, quando encoberto o mais rasteiro, subtil, sagaz e astuto; quando descoberto, o mais atrevido, intrépido, resoluto e arrogante; quando finalmente satisfeito, o mais humano, liberal, generoso e sempre com acôrdo e circunspeção: pelo que tudo ficou sendo tratado, assim entre os Portuguezes que o acompanharam, como entre os mesmos inimigos, pelo grande Capitão.

§ VI — *Ações de Antônio Alves, de Manuel dos Santos Pedroso e de José Borges do Canto.*

72. Saindo os Espanhóis das guardas descritas, se foram reunir a Sêrro Largo no centro das suas possessões além do Rio Jaguarão, excetuando os da guarda de Batovi, que experimentaram diversa fortuna. Marchavam e se encontraram com uma partida de dragões portuguezes, em menor número que os espanhóis; que por tôdas as razões puxaram pelas espadas para os acometer. Comandava os Portuguezes um alferes por nome Antônio Alves, muito gordo, e segundo parecia, inábil por natureza para pelejar. Porém, vendo que era ocasião de mostrar que era um soldado, tirou também da espada, dispôs a sua gente, esperou ao inimigo e o bateu fortemente, até pôr em fugida a muitos; porque então aprisionou quantos lhe não puderam fugir; e lhes tomou a bagagem, e nela seis carretas, setecentos cavalos, duzentos bois mansos, um caixão com instrumentos de Matemáticas, vários livros desta faculdade e de outras matérias, alguma pólvora e bala, enxadas, machados, várias ferramentas, etc. Não houve mortes; e dos prisioneiros deixou ir livres os soldados com

o respectivo cavalo; pois ninguém pode andar a pé naquelas terras, nem se consente, e até com os mesmos inimigos se pratica esta humanidade; e só ficaram os peões e carreiros, que eram necessários para conduzir a prêsa para o nosso exército.

73. Entre os fazendeiros que se ofereceram a levantar gente armada contra os Espanhóis, e que pediram licença para ir fazer hostilidades ao inimigo, foi Manuel dos Santos Pedroso, soldado miliciano, que dissemos brigara com uma onça (nº 55) trazendo consigo trinta e tantos homens de cavalo, armados parte à custa dêle, e parte à custa de si próprio cada um; porém todos livremente sujeitos ao mando do mesmo Manuel dos Santos Pedroso. Obteve facilmente a licença pedida, e partiu para a fronteira de Missões, superior àquela cujas guardas já estavam em poder dos Portugêses, e se dirigiu à guarda chamada de S. Martinho; sem trabalho a atacou e tomou posse dela; e dali passou a saquear várias fazendas, que se seguiam para o centro dos inimigos.

74. Dos desertores, que se recolheram e apresentaram confiados no perdão publicado da parte do Exmo. General, foi José Borges do Canto, o qual tinha sido soldado do regimento de dragões; e por lhe ficar mais perto, se apresentou ao chefe Patrício José Corrêa da Câmara, na fronteira respectiva a Rio Pardo, dizendo que êle tinha perfeito conhecimento das terras de Missões daquém e dalém do Uruguai, e das fôrças dos Espanhóis; pelo que tinha tôda a certeza que podia fazer um grande serviço ao Soberano e ao Estado, se houvesse gente que o acompanhasse a fazer hostilidades ao inimigo em serviço do nosso Soberano, êle a pedia a Êle Comandante daquela parte do exército português.

Respondeu o chefe que só lhe daria pólvora e bala, indo êle buscar gente armada, que o quisesse acompanhar. Assim sucedeu; foi José Borges do Canto dar uma volta, e veio apresentar ao mesmo chefe quarenta homens de cavalo, com espadas, pistolas, espingardas e guarnições para os corpos e cabeças. Recebeu do chefe pólvora e bala, e com a licença pedida uma santa bênção e marchou para a povoação de S. Miguel de Missões, mais ambicioso da conquista para o Estado, que do saco para interêsse e aproveitamento próprio. Na marcha sucedeu encontrar um índio, que fugia do poder dos Espanhóis para os Portugêses; e porque era seu conhecido, o tratou com favor, apreendendo dêle o que lhe convinha, isto é: que os índios viviam muito descontentes no domínio dos Espanhóis, e que estimariam qualquer ocasião de sacudir o jugo dêles uma vez que tivessem abrigo e defesa nos Portugêses.

Animado José Borges do Canto com esta instrução, lhe pediu que voltasse para trás em sua companhia, para de noite ir dizer aos índios, que ali vinha um formidável exército português e os alvoraçasse com esta nova entre os Espanhóis, segurando-lhes, que, pela ruína destes, todos os índios ficariam livres da escravidão, em que estavam. O que tudo assim executou o índio, e estando os Espanhóis já em desassocêgo, tinham feito uma trincheira por diante da povoação, guarnecida com dez peças de artilharia e comandada por um tenente-coronel de dragões.

Chegaram os Portugêses de noite perto da trincheira, e sendo pressentidos da sentinela, gritou esta, e primeiro que os Espanhóis acudissem, acometeram os Portugêses, e postos aquêles em susto e desordem, fugiram para a povoação, onde estava o seu comandante; sem mais obstáculo algum tomaram os Nossos a trincheira, guarnição e munições que havia nela: e os índios que já estavam advertidos do referido encontro e viam que os Espanhóis fugiam, sem receio chamaram na trincheira: "Viva o Príncipe de Portugal, Nosso Senhor, e o seu Comandante das Fôrças do Sul José Borges do Canto".

Logo êste mandou tomar a água, de que tôda a povoação se alimentava, pondo guardas em certos sítios, de maneira que o comandante espanhol no fim de três dias, vendo a falta que sentia de água e que o português, pelo muito que se inculcava intrépido e independente, parecia ter às suas ordens o poder de todo o mundo; resolveu-se a entregar tudo por capitulação e sair para as suas terras com tôda a tropa, ficando só os que não eram militares e os índios.

Concordou José Borges do Canto na capitulação; reconhecendo que faziam um grande negócio em sair da povoação o tenente-coronel e a tropa espanhola, antes que lhe chegasse o socorro, que esperava; ou viesse no conhecimento das poucas fôrças, com que êle o acometera. Saindo os espanhóis tomou posse da povoação José Borges do Canto. Então se viu repetida naquele teatro uma cena de alegria, representando os índios aos Israelitas livres da escravidão do Egito. Marchando os espanhóis, que saíam desta povoação, casualmente se encontraram com o sobredito Manuel dos Santos Pedroso, e muito poderoso pelo imenso saco que havia feito: e agora com os poucos, que o acompanhavam acometendo aos espanhóis de que falamos, destes lhe disse o comandante, que êle vinha de defender a povoação de S. Miguel e seu forte; o qual lhe foi surpreendido por José Borges do Canto; e êste, pondo de sítio aos espanhóis, que presentes estavam, trataram os dois comandantes a capitulação que apresentava.

Viu Manuel dos Santos Pedroso a capitulação, viu que os

homens eram muitos, pois só os de armas cento e oitenta, e que iam armados; e por tudo o que observava disse que não estava pela capitulação: primeiramente, porque José Borges do Canto não era oficial de guerra, que tivesse autoridade para semelhante capitulação; e quando o fôsse, não deveria ceder em prejuizo do seu Soberano daquelas fôrças e daquelas armas. Portanto, que tornassem para S. Miguel adiante dêle Manuel dos Santos Pedroso, como prisioneiros de guerra.

Assim se cumpriu; e chegando à povoação de S. Miguel foram logo presentes a José Borges do Canto, dizendo: Manuel dos Santos Pedroso, que lhe entregava aquêles prisioneiros protestando pela retenção daquelas fôrças e armas inimigas; enquanto algum dos chefes do exército português não dispusesse delas: e o tenente-coronel espanhol, que lhe fizesse José Borges do Canto boa e valiosa a capitulação. Êste lhe respondeu que, como Manuel dos Santos Pedroso não era oficial do seu mando, não tinha êle autoridade para anular as suas resoluções, e a providência que podia dar era escrever logo ao Excelentíssimo General Governador da Capitania do Rio Grande e dar conta de tudo o que se passava entre êles, ficando entretanto, êle, tenente-coronel, com os seus espanhóis militares em prisão. Assim o cumpriu prontamente José Borges do Canto; relatou ao governador tudo o que êle e Manuel dos Santos Pedroso haviam obrado, autorizando tudo com a remessa, que lhe fazia do estandarte real espanhol da povoação de S. Miguel, e dos artigos da Capitulação, feita com o tenente-coronel espanhol; e pedindo-lhe que dispusesse dos prisioneiros.

74. Respondeu o governador que êle aprovava a capitulação, menos no artigo em que concedia aos inimigos a artilharia, e mandava que ficasse esta; e se cumprisse o mais em tudo. E atendendo aos serviços de José Borges do Canto à Sua Alteza Real, em nome dêste Senhor o fazia capitão de uma nova companhia de cavalaria miliciana; e tenente dela ao portador do real estandarte, ficando livre a êle capitão nomear alferes. O que tudo se cumpriu.

§ VII — *Continuam as conquistas de José Borges do Canto.*

75. É de notar que aquêle aviso feito por José Borges do Canto ao general governador, e a sua resposta até ficar entregue precisavam de dez dias, fazendo caminho direito pela Coxilha Grande. Porém, como êste era arriscado, foi o portador a Pôrto

Alegre, rodeou a Lagoa dos Patos, e veio a S. José do Norte passar o Rio Grande para a Vila de S. Pedro do Sul, onde se achava o general; e gastou portanto dobrado tempo, com a segurança precisa do real estandarte, e de todo o negócio do mesmo aviso. E como por onde quer que passasse êste correio dava notícia das façanhas de José Borges do Canto e de Manuel dos Santos Pedroso, não havia pessoa da ordem dos milicianos, que não gostasse e celebrasse que, sendo êles uns meros particulares, licenciados para as hostilidades, faziam serviços tão relevantes ao Estado.

E pelo tempo que se seguiu continuaram os louvores a respeito de José Borges do Canto, de maneira que êle era visto como um herói pelas nobres ações que foi praticando. Porquanto logo que os espanhóis saíram da povoação de S. Miguel, passou a fazer livres os índios, que nela se achavam em número de 1900. Não lhes tirou coisa alguma, nem se aproveitou do saco, sendo êste proibido por êle, até a respeito dos habitantes espanhóis, que ficaram na povoação, por ausência da tropa. O miserável estado em que viviam os índios em poder dos espanhóis era pior que o dos nossos escravos, porque eram mal tratados de sustento e de vestido, obrigados a uma tarefa penosíssima, que mal podiam completar em cada dia, e as suas faltas eram castigadas públicamente com açoites, assim os homens como as mulheres e obrigados a dizer, por fim do castigo, e como agradecimento desta boa esmola "Deus te pague".

Estinguiu José Borges do Canto esta inumana tirania; e tiveram os índios a consolação de serem vistos nesta melhoria de fortuna e de condição, pelos soldados espanhóis, quando foram reconduzidos à povoação por Manuel dos Santos Pedroso; e os moradores da mesma povoação, por mais prejudicados que se considerassem com a liberdade dos índios, não deixaram de louvar a José Borges do Canto o seu procedimento, até pela graça que lhes fêz de proibir aos seus o saco do que êles possuíram.

Contudo, houve um espanhol que se apresentou a José Borges do Canto, queixando-se de um português, que lhe havia tirado um poncho (êste traste é uma espécie de coberta, que serve de noite na cama, e de dia como capote). Mandou José Borges do Canto chamar ao português acusado; negou êste o crime; queria o espanhol justificar-se; porém então lhe disse o comandante: "Basta! não estamos em tempo de controvérsias; aqui tens outro poncho, e fiquemos amigos". E, tirando de si o seu poncho, lh'o deu, e se foi o espanhol satisfeito. E José Borges do Canto se ficou ainda com a glória desta ação, apesar de não ter outro poncho, ser o tempo rigorosamente frio, em que não se podia passar sem aquela alfaia, e não haver fácil providência na situa-

ção em que êle se achava de querer passar por um espírito nobre, generoso e liberal.

Esta política o fêz amado dos índios, de maneira que estavam, êles por tudo o que o comandante queria. E, vendo êste que tinha ganhado os corações e os ânimos de tôda aquela povoação, contou com tudo isto para a conquista de tôdas as outras de Missões.

Com efeito, os índios da povoação de S. João, S. Lourenço, Santo Ângelo e S. Luís, constando-lhes da satisfação em que estavam os de S. Miguel, assentaram de sacudir também o jugo, e entregar-se ao Sereníssimo Príncipe de Portugal, pelo seu honrado comandante José Borges do Canto. Os espanhóis, que com êle viviam, perceberam esta rebelião, e, receiosos de algum motim, no qual morressem às mãos dos índios, os deixaram, refugiando-se nas povoações de S. Nicolau e S. Borja. Então, livre e prontamente se entregaram os índios ao mesmo comandante; o qual mandou dizer a estas duas povoações, que se entregassem também; e por melhores que foram as condições, que lhes propunha, não quiseram entregar-se.

José Borges do Canto, que se via muito socorrido de Portuguezes, que foram concorrendo a engrossar o seu partido e auxiliá-lo no projeto da conquista, em que procedia, e com grande número de índios, que êle remira da escravidão cruel e ímpia, em que haviam estado, e agora agradecidos todos às suas ordens, foi dispendo uma batalha tanto a propósito do seu triunfo, que, chegando, fêz incrível mortandade nos Castelhanos, com perda só de três dos seus. Enfim, tomou as duas últimas povoações, ficando tôdas as sete de Missões na Coroa de Portugal, da qual andaram usurpadas pelos Espanhóis, depois de ganhadas por Gomes Freire de Andrade para esta mesma Coroa, o tempo de quarenta anos, ou pouco menos.

76. Entrando José Borges do Canto nestas povoações, entrava com êle a justiça e a piedade; a ninguém fazia mal, a todos tratava com a maior humanidade e atenção, subia aos templos e era um exemplar do Cristianismo nas ações de graças a Deus, e na veneração das imagens e no Sagrado Culto. Elegia comandantes, que governassem as mesmas povoações; e lhes dava ordens, tôdas a propósito de fazerem um govêrno, que mais parecesse de um pai a respeito de seus filhos, que de um Soberano por seus ministros para com os vassallos da sua Coroa, por não poder ser permanente esta superioridade, e terem de descer à mesma ordem de que interinamente subiram, e lhe convir a igualdade do espírito, em uma e outra condição de fortuna. E tudo assim se observou enquanto o general governador não dispôs outras ordens.

Entretanto remeteu José Borges do Canto ao mesmo governador os seis estandartes das seis povoações que tomara últimamente, expondo tudo o que tinha promovido e determinado. Então tirou o governador o comando a José Borges do Canto e o deixou simples capitão de milícias, e promoveu a governar as povoações de Missões ao sargento-mor Joaquim Félix, com ordem para conferir com José Borges do Canto nos incidentes que sobreviessem de consideração.

Foi esta resolução do governador de desgosto assim para todos os povos portugêses, como para os índios: queriam uns e outros, que José Borges do Canto, ainda que não passasse de maior patente, ficasse governando aquêles, cujos corações havia cativado por termos de humanidade, de honra e de virtude. Não obstante, verem-se os índios a seu pesar sujeitos a outro comandante, sempre ficaram respeitando a José Borges do Canto, consultando-o nas precisões de conselho, e sujeitando-se à sua, ou decisão ou composição.

É certo que o general governador quis pôr no govêrno de Missões um chefe, que mais dignamente representasse a pessoa de Sua Excelência, e que o achou tão felizmente circunstanciado, quanto se podia desejar; porque sucedendo no govêrno de Missões, tratou aos índios com todo o favor e conduziu-se a respeito dos Espanhóis com prudência notável.

Ainda nesta experiência e nesta certeza de felicidade, os índios professavam maior afeição a José Borges do Canto, por ser um homem pobre e assim mesmo de altivo e generoso coração, de perfeita limpeza de mãos, de tais dons, assim da Natureza como da graça, que a nenhum dos seus ofendeu nem desagradou. Em todos os conflitos que êle dirigiu e comandou, mais parecia um leal camarada, do que o chefe e o superior da companhia; em uma palavra, não é José Borges do Canto um homem fidalgo, mas em tôdas estas ações o pareceu, porque não vemos em que o excedesse D. João de Castro e Afonso de Albuquerque, senão na qualidade de nascimento e na aceitação dos Reis e Senhores a quem serviram.

§ VIII — *Ações do mesmo José Borges do Canto, do mesmo Manuel dos Santos Pedroso, do capitão Varela e do alferes Padilha.*

77. Consumada a conquista das sete Povoações Orientais do Rio Uruguai, mandou o governador e capitão general espanhol da província do Paraguai, chamado Lázaro Ribeiro, marchar para as margens ocidentais do mesmo Uruguai um grande cor-

po de tropas milicianas, comandadas pelo coronel Espíndola. A êste tempo já o sargento-mor Joaquim Félix tinha tomado as rédeas do govêrno daquelas povoações, chamadas de Missões; e suplicado pelos capitães bandoleiros e de milícias, para que os deixasse passar o Rio Uruguai, e ir conquistar as terras além dêle, não consentiu nisto o comandante; porque ponderou que o Sereníssimo Príncipe do Brasil e Regente de Portugal, querería dar-se por satisfeito com a posse a que tinha chegado das terras ganhadas à fôrça de armas por Gomes Freire de Andrade, e que deviam ser desta Coroa em virtude do tratado de 16 de janeiro de 1750, bem que muito prejudicial a esta mesma Coroa em conferência com os tratados precedentes sôbre a divisão de limites daquelas terras; e não querería as que pelo sobredito tratado ficaram sendo da Coroa de Espanha, isto é as terras ocidentais ao Uruguai.

Instaram os capitães que ao menos os deixasse ir fazer hostilidades. E então conveio o chefe. Passaram logo além do rio de noite em botes de coiro, Manuel dos Santos Pedroso, o capitão Varela e o alferes Padilha, célebre valentão da Capitania de Rio Grande com oitenta homens. E, ficando a maior parte dêles emboscados, foram alguns ver se aparecia alguém enquanto era noite; porém, só depois que amanheceu, ocultando-se êles com uma barreira, que corre à borda dágua, observando sempre todo o movimento, que houvesse, viram enfim alguns Espanhóis, que iam buscar cavalos a um certo curral aí próximo. Saiam-lhes os Portuguezes da barreira e quiseram prendê-los para tomar língua. Resistiram todos; atiraram-lhes os nossos e mataram dois, e aprisionaram outros dois.

A êstes tiros se juntam os Portuguezes emboscados aos descobertos; e da parte do inimigo aparece uma partida de 30 cavalos. Os Nossos lhe atiraram e a põem em fugida. Pouco depois vem sôbre êstes um poder maior de cavalaria, que chegando à vista dos Portuguezes se abre para os lados, aparecem três peças de artilharia, que vinha na retaguarda. Disparam-se e perdem-se os tiros; porque os Portuguezes tiveram a destreza de abaixarem: e logo, sem embargo de estarem a pé, acometeram a cavalaria, e lhe atiraram até a pôr em fugida. Tomaram-lhe as peças de artilharia, mataram quinze homens e entre êstes um ajudante e aprisionaram nove. Quis esta gente seguir os Espanhóis, sem embargo de estarem a pé. Porém os comandantes, louvando-lhes o valor, não consentiram; e passaram outra vez o rio, com os depojos e prisioneiros.

78. Depois que Manuel dos Santos Pedroso fêz isto na margem ocidental do Uruguai, José Borges do Canto, que se achava na povoação de São Borja com a sua companhia, ouviu um

tiro em uma daquelas noites às dez horas. Mandou logo pôr a gente em armas e partir espias, a registrar o campo. Não se perdeu o tempo; apareceu pois um índio e disse que os Espanhóis tinham passado o Uruguai para o mato do Passo dos Barros, (que fica três léguas abaixo da dita povoação, e à borda d'água do mesmo Rio) e que nele estavam emboscados. Ouvido isto, discorreu o comandante, que como aquela povoação de São Borja foi a que os Espanhóis perderam com mais sangue, talvez o que dizia o índio seria ardil para o comandante desamparar a povoação, e esta se sublevar, refeita de fôrças: pelo que quis ir ao Passo dos Barros descobrir os Espanhóis, porém ficando de guarnição a gente que pareceu bastante, comandada por dois tenentes de cavalaria de milícias, João do Cabo e Francisco de Carvalho, que é o homem mais destemido que há, e que havia feito nos Espanhóis crueldades inauditas.

79. Marchou José Borges do Canto com o tenente Gabriel, e cento e dez homens, todos vestidos de branco, ao modo dos índios; chegou ao sítio do Passo dos Barros, e mandou exploradores pelo mato dentro observar os Espanhóis; e bem informado, não quis acometê-los pela vanguarda, para que êles lhe não escapassem, pela retaguarda. E portanto dividiu a gente, e mandou o seu tenente com parte da tropa à face do Uruguai, piscar ao inimigo pela retaguarda; e quando ouviu os primeiros tiros, entrou no mato com o resto da gente, fazendo fogo aos Espanhóis, virados contra os primeiros agressores, e sentindo-se êles quentes por uma e outra banda, partiram para os lados, treparam para as árvores, donde caíram mortos a tiro de mosquetaria, outros morreram no combate, outros afogados. Escaparam vinte e cinco a nado, para além do rio; ficaram prisioneiros setenta e quatro; vindo a morrer dos inimigos oitenta e cinco; e dos nossos só um. Retirou-se enfim José Borges do Canto para a mesma povoação onde estava de quartel, levando os despojos e enviando os prisioneiros para Pôrto Alegre.

80. Foi esta a única porção de gente espanhola que se atreveu a passar o Uruguai para acometer aos Portuguezes; o que foi para rir, pelo número dos atrevidos e temerários. Constando êste estrago ao sobredito capitão general do Paraguai, bem como a hostilidade, últimamente feita pelos Portuguezes além daquele rio, estimulado com tão repetidos insultos, determinou castigá-los de uma vez para tôda a posteridade, e retomar as terras de Missões: para o que marchou em pessoa para o Uruguai, puxando um segundo exército de respeito, influido em três projetos, a saber: prevenir a sublevação dos índios das trinta e três povoações, ao ocidente do mesmo Rio Uruguai; suspender de

uma vez as hostilidades feitas pelos Portuguezês; e passar aquém do Uruguai para os açoitar.

Chegou enfim, e conseguiu que os desgraçados índios permanecessem na escravidão cruel e tirano jugo, em que estiveram os próximos quarenta anos passados, ficando ainda sujeitos aos açoites, às tarefas e penosíssimo jugo, de que o Santo Padre Benedito XIV os quis aliviar pelo mencionado Breve (nº 61) cominando nele a excomunhão *latae sententiae* contra as pessoas culpáveis na sujeição dos índios.

Também conseguiu que os Portuguezês não tornassem a passar o Uruguai, para fazer hostilidades aos Espanhóis. Mas isto não se verificou porque êles lhe tivessem medo aos seus exercitos. Sucedeu assim, porque o sargento-mor Joaquim Félix não consentiu que os Portuguezês irritassem mais ao pobre espanhol. Não conseguiu porém o general espanhol passar aquém do Uruguai, é certo; que o intentou e que chegou a entrar nas águas dêle; mas como as viu correr de sangue, recuou, desenganou-se e reconheceu, que faria à sua Côrte o maior serviço, que era possível, se defendesse dos Portuguezês as margens e as terras occidentais do Uruguai.

E então ficaram em socêgo todos aquêles povos de uma e outra banda do mesmo rio; e o comércio da Capitania de Rio Grande aumentado com a exportação de dois gêneros, em que as terras de Missões são muito abundantes, a saber algodão e erva-mate, além das outras produções, com que os habitantes se sustentam e regalam, mas que não chegam a tal cópia, que se haja de exportar como o algodão e mate.

81. Esta foi a última ação, que os Portuguezês da mesma Capitania fizeram naquele distrito em serviço da Coroa de Portugal, que sem tal intentar nem pretender, ficou em posse das Sete Povoações orientais do Uruguai, que logo depois de conquistadas aos índios por Gomes Freire de Andrade, foram surpreendidas pelos Espanhóis, que não contentes com elas passaram a usurpar mais terras do que as da divisão de Limites de 1778, tudo perderam desta vez, e tudo possui o Sereníssimo Príncipe do Brasil e Regente de Portugal N. Senhor, sem que para isso despendesse coisa alguma: o simples patriotismo é que influiu nos homens zêlo de justiça, valor, capricho e tudo o que os incitou à resistêcia, ao valor, ao atrevimento e ousadia de passarem onde se acham; só com o pesar de não terem liberdade, nem tempo de levarem os inimigos, como projetavam, às suas terras além do Rio da Prata: em o que êles não têm dúvida, nem dificuldade alguma, senão a vontade do Soberano, e a aceitação de seus serviços.

§ IX — *Ações do capitão Antônio Rodrigues Barbosa e do alferes Hipólito do Couto.*

82. Enquanto José Borges do Canto conquistava as terras de Missões, o exército do Rio Grande, comandado pelo coronel Manuel Marques de Souza, tinha o estado maior na guarda, que este primeiro surpreendera aos Espanhóis, chamada da Lagoa; e esperado no alojamento, que fêz naquele sítio, alguns movimentos dos inimigos, que haviam passado o rio Jaguarão, e se foram reunir, como dissemos a Sêro Largo (nº 72) donde vinham continuamente escoltas, que rondavam de noite, e punham sentinelas de dia em defesa daquele passo, no qual unicamente podiam recear-se dos Portuguezes, porque o resto das margens do mesmo rio são barreiras ou penhas altas e inacessíveis. E quando as mesmas sentinelas avistavam algum dos Nossos, os estimulavam com ameaças e ditos insolentes. Provocado o coronel, tanto pelo desaforo das sentinelas, como pelo desejo próprio e de toda a sua gente, de ver novidades que elle contava de certo haviam de ser favoráveis aos melhoramentos do Estado e da tropa, e dos seus serviços ao Soberano; mandou que passasse além do rio Antônio Rodrigues Barbosa, capitão de milícias, com a sua companhia: o que se executou com trabalho, por ser necessário passarem a nado assim os homens, como os cavalos, levando as armas e a pólvora, em cestos couros, onde se não pudessem molhar. Chegando à outra banda, foi logo vista uma partida de cavalaria espanhola, com trezentos cavalos de reserva; e sendo acometida, fugiu, ficando os mesmos cavalos em poder dos Portuguezes, que logo tornaram a passar o rio também a nado; e isto no fim de setembro de 1801.

83. A cinco de outubro seguinte passou segunda vez o rio o mesmo capitão, com a mesma companhia, e de mais desta alguma gente da legião paga, comandada pelo seu alferes Hipólito do Couto; e encontraram outra partida de inimigos comandada por um capitão; foi acometida pelos Portuguezes, que aprisionaram onze soldados e um alferes, mataram três, e os mais fugiram. Passados alguns dias, se observou que, além do Jaguarão, na serra ocidental dêle, rondava um grande corpo de tropa talvez buscando ocasião de despique das duas hostilidades antecedentes; e então, despediu o mesmo coronel ao mesmo capitão de milícias Antônio Rodrigues Barbosa, com a sua companhia; a outro capitão também de milícias, chamado Antônio Xavier de Azambuja; e ao sobredito alferes Hipólito do Couto com quarenta soldados pagos da legião montada.

Eram todos duzentos e quarenta homens, com ordem de

comandar cada um o seu batalhão, e nos casos consultarem e deliberarem todos, tendo sempre o capitão Antônio Xavier de Azambuja a preferência de patente, que era mais antiga.

Passaram com efeito o rio a nado como sempre, e na outra banda giraram todo o campo a buscar o inimigo, que não apareceu em dois dias. Ao terceiro logo pela manhã, que era o dia dezessete de outubro, foi visto o inimigo, marchando em sítio tão adverso a si próprio, que não podia escapar à peleja com os Portugêses. Correm êstes para os Espanhóis, que eram duzentos homens; êstes, não podendo valer-se, apeiam-se, e peiam os cavalos, para lhes servirem de trincheira, ficando na retaguarda alguns de cavalo para atirarem àquele que fugisse do conflito.

Vendo isto os Portugêses fizeram também alto, para deliberarem sôbre o método da peleja. O voto de Antônio Rodrigues Barbosa foi que se avançasse ao inimigo a peito descoberto; Antônio Xavier de Azambuja disse que não, porque era o perigo recíproco e evidente; e além disto se devia antes de tudo pesquisar se o inimigo traria artilharia na retaguarda; porque então de nenhum modo convinha acometer.

A isto respondeu Antônio Rodrigues Barbosa que não era possível haver artilharia em tropa volante; o que se confirmava com as disposições que se viam no inimigo. Contudo, disse Antônio Xavier de Azambuja, se demorassem um pouco, enquanto êle subia a um certo alto, donde visse se o inimigo trazia, ou não, artilharia. E, ausentando-se, ficou Antônio Rodrigues Barbosa com a gente; e, receiando-se que esta esfriasse com a demora e se perdesse uma ocasião de batalha, a mais oportuna pelo número dos inimigos e pelo sítio, passou a dispor a batalha. Então falou um furriel de milícias, chamado Inácio de Oliveira, e disse que o melhor modo de atacar o inimigo era cercá-lo por todos os lados, dividida a gente em filas separadas, para compreender em roda todo o corpo do inimigo. Pareceu bem ao capitão êste arbítrio, e mandou que se seguisse, acometendo ao inimigo com tiros de clavina, logo de pistolas, enfim à espada. Com todo o referido concordou o alferes Hipólito do Canto.

Enquanto os Portugêses estavam nestes discursos, os Espanhóis lhes diziam que êles Portugêses eram poucos, melhor lhes era retirarem-se e mandar-lhes as mulheres, e outras insolências dêste caráter, as quais cessaram vendo-lhes marchar os Portugêses em roda do seu corpo atirando-lhes e matando-os, perdendo êles, Espanhóis, todos os seus tiros; e, finalmente, sendo-lhes partidas as cabeças a golpes de espada latimosamente. De maneira que, vendo o capitão Antônio Rodrigues Barbosa decidida a vitória pelos seus, foi excessivo, e como êle seu irmão Francisco Rodrigues Barbosa, aplacar os soldados para que não matassem mais.

Suspendeu-se a ação, e então ordenou o capitão, que se dessem três Vivas ao Sereníssimo Príncipe de Portugal, o que os Espanhóis e todos cumpriram prontamente. Então se viu que morreram cinquenta e dois espanhóis, aprisionaram-se dois capitães, um alferes, vários oficiais inferiores e os soldados dos quais saíram vinte e sete feridos. Dos Nossos morreu só o cabo de esquadra chamado por alcunha o Cinco-reis; não houve outra perda.

Imediatamente à suspensão das armas, mandou o capitão que se curassem os feridos, para o que despiu êle a sua camisa, por ser de linho, e o imitaram nessa generosa humanidade todos aquêles Portuguezes, cujas camisas de linho foram necessárias para raspar, desfiar e curar as feridas dos inimigos, aos quais, ligadas as feridas e vedado o sangue, fêz conduzir ao hospital do Rio Grande, onde foram tratados o melhor que era possível; ainda morreram alguns.

No mesmo ato, e por conclusão dêle, despediu com liberdade a dois soldados dos prisioneiros, que fôsem dizer à guarda e forte de Sêro Largo, donde esta gente havia vindo, que mandassem enterrar os mortos; dando-lhes palavra de honra que em tantos dias lhes seria livre de alguns dos Portuguezes o virem ali praticar aquela ação de piedade.

84. Foram com efeito os dois enviados, e chegando a Sêro Largo, contaram da batalha, deram o recado que traziam, e constou depois que os Espanhóis, computando a gente que tinham perdido, e que da última ação era a melhor que tinham; refletindo na generosidade do capitão português a favor dos próprios inimigos, em lhes tapar o sangue, em os fazer conduzir embarcados, livres do sol com tôda a comodidade ao curativo no hospital do Rio Grande; a caridade com que ali foram tratados; sobressaindo a tudo a piedade de não mandar pedir a Sêro Largo pela sepultura dos mortos, que, por terem sido inimigos, pudera o mesmo capitão querer cevar-se na maligna complacência de ali os estar vendo mortos enquanto as feras os não devorassem: tudo isto fêz tal impressão nos Espanhóis, que êles em nenhum tempo tomaram de boa vontade as armas contra os Portuguezes. — Finalmente recolheram-se ao exército os nossos oficiais e soldados, com os prisioneiros, despojos e cavalos do inimigo.

§ X — *Ações do coronel Manuel Marques de Souza.*

85. A vinte e seis de novembro do mesmo ano mandou o mesmo coronel marchar além do Jaguarão parte do exército que êle comandava; compunha-se êste batalhão de oitocentas praças,

de que só a têrça parte era gente paga, duas eram de milicianos, e se dirigiram pelo modo seguinte: fêz passar o rio três esquadrões, um de dragões, outro de cavalaria ligeira, o terceiro de cavalaria milicianiana, para segurarem dos inimigos a passagem do resto do mesmo batalhão, e da artilharia, que constava de três peças, uma de calibre de seis, e duas de quatro; o que se cumpriu. E não foram mais peças, porque estas pareceram bastantes. E tendo esta passado últimamente em jangadas de paus e coiros, se pôs em marcha o exército para o Sêro Largo, dividido em duas colunas, comandadas a direita pelo tenente-coronel Jerônimo Xavier de Azambuja, e a da esquerda pelo sargento-mor Vasco Pinto Bandeira. E, tendo marchado quatro léguas, se pernoitou com as guardas avançadas que pareceram necessárias, assim pela frente, como pela retaguarda, patrulhas, e guarda de campo.

No dia vinte e oito se levantou o arraial, continuou a marcha até o lugar Chuí, diverso de outro do mesmo nome, de que já falamos (nº 7). Ali se passou a noite no alto de uma coxilha, por se ter enganado o vaqueano ou guia, no caminho. E constando do engano ao coronel, mandou, além das patrulhas, guardas avançadas e de campo, que todo o exército estivesse sobre armas aquela noite, por cautela.

No dia vinte e nove, por causa do engano, foi preciso retroceder, até se meter o exército na verdadeira estrada; e então se continuou a marcha até à frente da fortaleza de Sêro Largo, onde chegando pelas três horas da tarde, mandou o comandante pôr em linha de batalha, por lhe parecer o lugar vantajoso para o ataque. Antes de tudo fêz o aviso ao governador da fortaleza pelo ajudante da legião, Manuel Marques de Souza, seu filho, dizendo que entregasse a fortaleza, e se retirasse, do contrário levaria tudo às armas. Não conveio o inimigo, protestando defender-se. Então quis o coronel melhorar de sítio, e mandou meter o exército em coluna e marchar para outra parte do campo, onde deu princípio à ação.

86. Observado isto pelos Espanhóis, se deu na fortaleza uma descarga geral sobre o nosso exército assim de mosquetaria como de peças d'amiudar com metralha. E porque o exército estava muito baixo, não fêz dano a descarga, nem matou-se um simples cavalo.

Deu a fortaleza segunda descarga, a tempo que também a nossa artilharia começou a jogar com gravíssimo dano do inimigo. Entretanto saiu da fortaleza uma grande partida de cavalaria, dirigida a acometer a nossa esquerda. Logo mandou o coronel ao sargento-mor Vasco Pinto Bandeira sair do lado esquerdo com semelhante partida que fôsse encontrar a inimiga. Porém

bastou que os Espanhóis a vissem diante de si, para darem costas, e em confusão tornarem para a fortaleza, por notarem a boa disposição, que o sargento-mor deu à nossa gente, e entenderem que marchavam a encontrar duas adversidades, isto é: ciência militar e valor.

Logo que a nossa artilharia começou a trabalhar, se queimou com dois cartuxos de pólvora o tenente de artilharia Manuel Diógenes; o qual, não vendo o que fazia, e alvoraçado de paixão, não se lembrou de dizer outra coisa senão gritar pelo seu cabo de esquadra Joaquim Luís. Este lhe falou prontamente: então lhe diz o tenente: ó meu Joaquim, aqui só tu podes ser a minha consolação; toma esta peça, meu filho, e faz fogo até morrer. O cabo lhe responde: meu Comandante, não me diga mais; conte com tudo o que pode esperar de mim, e trate de curar-se. Viu o cabo de esquadra que aquela peça não estava na melhor posição de trabalhar, e puxando-a para mais alto, entrou a fazer fogo terrível e de muito estrago na fortaleza.

87. Tinha o inimigo observado que as suas descargas não faziam impressão alguma em o nosso exército; que o dano por êle recebido da nossa artilharia, era pasmoso e lastimável; e que esta ação vinha por instantes a ficar na mesma ordem das outras desta campanha: arriaram a bandeira na fortaleza, e clamaram com repetição: “Viva Sua Majestade Fidelíssima!” vindo logo o ajudante da praça, com autoridade do seu comandante, pedir ao coronel português que quisesse aceitar capitulação; a qual lhe foi concedida, mandando o coronel pôr ao redor da fortaleza guardas competentes, guarnecidas com artilharia.

88. No dia trinta de manhã se retiraram na forma da capitulação, ficando na praça quatro peças, pólvora e balas e cinco mil pesos em dinheiro. Saindo o comandante da praça, e falando ao coronel português, lhe perguntou pelo artilheiro, que batia em tal sítio: e lhe foi apresentado o dito cabo Joaquim Luís, que êle quis ver. E o honrou pela sua agilidade e presteza em o seu ministério; e em obséquio lhe deu um barril de excelente vinho. À vista disto se confirmaram todos, que a honra e o valor até pelos inimigos é sempre louvada, e às vêzes também retribuida.

Na retirada dos Espanhóis desta fortaleza mandou o coronel vir as carretas dos habitantes da povoação que também se chama de Sêro Largo, para levarem os despojos da guerra até o Jaguarão; e sucessivamente mandou demolir a fortaleza, e deitar fogo aos quartéis da tropa, na forma das ordens que havia. A guarnição desta fortaleza constava de setecentos e sessenta e três homens de armas; e tinham saído dela outros tantos,

comandados pelo coronel Quintana para atacar a fortaleza de Rio Pardo, o que não teve efeito por ser advertido o comandante de que nela estava acampando um exército português.

89. No dia trinta se pôs em retirada a nossa gente com os despojos da guerra, e pelo mesmo caminho para o Jaguarão, de onde haviam marchado, vigiando com todo o desvêlo pela retaguarda; e, deixando em Sêro Largo um destacamento comandado pelo tenente Manuel de Paiva, a observar os movimentos dos Espanhóis, e dêles fazer aviso, sendo necessário.

Passou o nosso exército o Jaguarão para a nossa banda, e não é justo que faltemos a dizer que o coronel Manuel Marques de Souza mostrou nesta ação quanto tem de grande soldado: a nada faltou de tudo quanto se observa em um general sábio, prudente e valoroso. Êle soube escolher o sítio, êle soube mandar a sua gente, e foi presente a tôda esta, em tôda a ação, e sempre de sangue frio, olhando para a fortaleza do inimigo, como para um curral de gado manso: viu abatida a bandeira espanhola, mandou suspender o fogo da nossa gente; pediram-lhe capitulação, concedeu-a; e para em tudo ser digno de se comparar a Cesar, foi tão sensível às vozes da clemência e da humanidade, que representado-lhe o inimigo, que lhe importava sair armado, porque, sem armas, podia ser acometido pelos índios e morrer tôda a sua gente às mãos dêles: o que o coronel reconheceu que era provável, e, muito contingente, concedeu-lhe portanto levar armas e nestas a segurança das vidas e a decência das pessoas.

Não consentiu o coronel que se saqueasse a povoação de Sêro Largo; antes mandou que a morador nenhum se fizesse nem a menor violência; permitiu porém o saque do gado sôlto pela campina até o Jaguarão, e desta graça se dedignaram aproveitar-se os milicianos de brio, e de saco se lhes não fôsse vedado; porque nada certamente quereriam. Os soldados, assim pagos, como de milícias, observando no seu intrépido chefe um espírito digno de um general, de quem êles eram dignos soldados, à competência se mostravam animados e valorosos. Não houve um, a quem não se deva êste conceito.

§ XI — Ação do brigadeiro Francisco João Róscio.

90. Passou enfim o exército português o rio Jaguarão para a nossa banda, e logo o coronel comandante dêle teve notícias de que na Europa se havia celebrado a paz entre estas duas Co-roas; e de que o general governador daquela Capitania estava para morrer na Vila de S. Pedro do Sul, onde tinha residido todo

o tempo desta campanha. Uma e outra novidade o convidava a descer para o Rio Grande; e, confiando que era certa a paz, licenciou a gente do exército, menos duzentos homens, que ficaram guardando o passo do Jaguarão, comandados pelo tenente-coronel Jerônimo Xavier de Azambuja.

Chegando o coronel a S. Pedro do Sul, assistiu à morte do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara e ao seu funeral, e ali ficou residindo. Passados dez dias da conquista do Sêro Largo, se retirou daquela povoação o destacamento, que ali ficara, comandado pelo tenente Manuel de Paiva, que passando aquém do Jaguarão, disse que a Sêro Largo havia chegado o Marquês de Sobremonte com três mil homens de armas, proposto a reivindicar as terras, que os Portuguezes haviam tomado à Coroa de Espanha. E, com efeito, de Sêro Largo marchou o dito Marquês até à margem do rio Jaguarão; e, vendo o passo tomado pela guarda que ali comandava o tenente-coronel Jerônimo Xavier de Azambuja, mandou a êste uma carta por um ajudante com a sua guarda; e sendo admitido a falar ao tenente-coronel, recebeu êste a carta, leu para si, e chegando às palavras do Marquês, que *dentro em três horas lhe deixe o passo livre*: aqui falou o tenente-coronel para o ajudante, e lhe disse, *que dentro em três horas? nem em três anos eu lhe deixarei livre êste passo*. E estas palavras foram articuladas com fogo e intrepidez notável ao ajudante espanhol.

Enfim respondeu à carta dizendo com tôda a modéstia e prudência militar, que o seu coronel e o governador da Capitania estavam na Vila de S. Pedro, que conviesse S. Excelência que êle lhes fizesse aviso, e dentro em três dias responderia a S. Excelência decisivamente. No mesmo instante escreveu o tenente-coronel para S. Pedro do Sul, ao coronel, e êste para Pôrto Alegre ao brigadeiro Francisco João Róscio, que ali ficara comandando aquela das três repartições da Capitania na ausência do governador: e também escreveu para fronteira de Rio Pardo ao tenente-coronel Patrício José Corrêa da Câmara, que ali comandava ao segundo corpo do exército português.

Pondo estas notícias por onde quer que passavam a tôda a gente e marcha para o Jaguarão de maneira que a resposta que esperava o Marquês espanhol, não se lhe deu em três dias, nem em todos os que o tenente-coronel pediu de reforma; porque entretanto se enterrou o governador na Vila de S. Pedro do Sul. Depois que constou da morte dêste em Pôrto Alegre, quis o Senado da Câmara, com o dito brigadeiro, tomar as rédeas do govêrno, em observância da Lei ou Alvará de sucessão de govêrno de 12 de dezembro de 1770. Porém, como o brigadeiro queria governar só, esperou que o Senado lhe falasse, e a princípio com eloqüente artifício se conformou com o que lhe propôs o

Senado; depois foi-se abrindo e dizendo que êle precisava ir para a guerra, e seria obrigado o juiz e um dos vereadores a marchar em companhia dêle, visto queriam governar com êle. Não foi necessário mais para se perceber no Senado a política do brigadeiro. Pelo que assentaram o juiz e vereadores em ceder todo o govêrno a um homem, que bem mostrava aversão à sociedade, no ministério; e que nela não seriam as vontades unidas, assim como não era igual a autoridade.

Enfim arrogou a si o brigadeiro Francisco João Róscio o despotismo de governador, desceu para o Rio Grande, fêz partir para o exército o coronel Manuel Marques de Souza, descer da fronteira de Rio Pardo o segundo corpo do nosso exército a unir-se com o do Rio Grande na fronteira e margem do Jaguarão, e êle mesmo marchou em pessoa na frente de tôda a tropa, que se achava na Vila de S. Pedro do Sul, infantaria, artilharia e cavalaria para as guardas do Taim e Albardão a encontrar ou a esperar um pé de exército inimigo, que por ali podia vir surpreender a mesma Vila de S. Pedro do Sul.

Deu ordem ao coronel-comandante do exército de Rio Grande, que se achava na margem do Jaguarão, que cedesse o passo daquele rio ao exército inimigo, e o deixasse tomar campo da banda de cá; e ao comandante do exército de Rio Pardo ordenou que quando chegasse a avistar o exército de Rio Grande, se ocultasse ao exército espanhol até ver que êste atacava ou era atacado pelo de Rio Grande; e que então o batesse também pela retaguarda.

Marchava o exército de Rio Pardo, e faltava um dia só de caminho para se ver com o de Rio Grande na dita margem ou no campo oriental ao rio Jaguarão, quando oficialmente se rompeu a publicação da paz. Mandou logo o brigadeiro aos dois chefes de um e outro exército portuguezes que não executassem as ordens que lhes havia dado contra os Espanhóis; porque a publicação da paz coibia e suspendia todo o movimento de armas que fôsse ofensivo àquela Nação.

Em contraposição a esta última resolução, lhe foi dito que o Marquês general espanhol, sem atenção ao tratado da paz, de que êle era muito sabedor, perseverava no mesmo projeto e em espírito armado. O nosso brigadeiro lhe escreveu dizendo a S. Excelência, que êle de boa vontade mandara passar o nosso exército além do rio Jaguarão para dar a S. Excelência e ao seu exército as boas vindas, e logo o acompanhar até o ver passar a Buenos Aires; porém, que êle o suspendera por observar a ordem do Sereníssimo Príncipe de Portugal e o tratado da paz, que S. Alteza Real havia celebrado com El Rei Católico. Agora via que S. Excelência permanecia na intenção de passar aquém do rio Jaguarão mencionado, com desatenção às mesmas razões da paz,

que suspendiam a marcha e todo o procedimento ofensivo do exército português: isto lhe não parecia bem; contudo, se S. Excelência era servido pôr em execução o seu intento podia adiantá-lo; porém advertisse que não havia de voltar para o seu quartel; porque o acharia perpétuo com todo o seu exército na terra da Coroa de Portugal.

Qual fôsse a aceitação desta carta, qual o conselho do Marquês, e qual a sua resposta, são coisas que se ignoram; que o Marquês tinha à vista um exército triunfador e ufano; e que comandava outro exército esmorecido e desanimado por uma série contínua de hostilidades que havia experimentado sem diferença, nem interrupção de fortuna, que o animasse; e que por honra e felicidade sua se ausentou. É visível que foi grande a felicidade do exército espanhol em se ausentar; porque se passasse o Jaguarão para avançar ao exército do Rio Grande, imediatamente o seguia pela retaguarda o exército do Rio Pardo, que lhe tomou o passo do Jaguarão, e entalado entre um e outro exército era infalível o perder-se. Isto sentem os nossos vivamente, que por dois ou três dias, que se não demorou a notícia da paz perderam êles uma vitória, que ao menos lhes servia de consolação na pena de ficarem vendo os Espanhóis nas terras de Portugal.

Enfim acabou a campanha ficando o rio Jaguarão servindo de limites e divisão entre os Portuguezes e os Espanhóis. Nem uns, nem outros estavam satisfeitos: os Portuguezes querem possuir e habitar tôdas as terras daquele Continente até ao Rio da Prata, como se viu enquanto os Espanhóis não quiseram passar a esta banda; e os Espanhóis querem possuir e habitar todo o mesmo Continente. Os tratados de divisão têm sido repetidos, e nenhum houve que êles não transgredissem e são constantíssimos no projeto de se alargarem para nós, e mostra a experiência que não poderão socegar senão quando se lhe ceder tudo, ou êles temerem as nossas armas.

91. Suspendida a guerra com a notícia da paz, se fêz aviso ao tenente-coronel Patrício José Correia da Câmara, para que nesta certeza tornasse para o Rio Pardo. Recebeu o mesmo aviso na Coxilha Grande em distância de dez léguas do exército de Rio Grande. Foi incrível a pena de tôda a gente daquele corpo que êste chefe comandava; porque em tôda esta campanha não teve lugar ação alguma além das guardas, que tomou aos Espanhóis. Contudo é para louvar que o mesmo tenente-coronel, que comandava esta parte do exército, foi excessivo na vigilância e no desempenho do seu lugar, porque sempre fêz mover-se o exército por tôda aquela fronteira, e esta sempre registada e munida com as guardas necessárias; adoeceu, nem podia andar a cavalo; mas não faltou dia algum a aparecer aos seus soldados, deitado em

uma cama volante, falando aos oficiais, medindo com os olhos a todos os soldados, em cada um dos corpos de tropa, dando as ordens necessárias entre os medicamentos e os incômodos da moléstia.

De toda esta relação se manifesta a matéria deste Capítulo, isto é a opulência e forças da Capitania, cujas milícias não poderiam fazer a conquista referida se as suas forças não fossem tão multiplicadas, nem tivessem as possessões e comércio, que as faz opulentas, o que fica bastantemente individuado no segundo capítulo e provado pelos seus efeitos no presente, de onde se deduz a urgente necessidade de se aumentar assim a gente, como o comércio da mesma Capitania, para sua maior defesa e segurança na Coroa de Portugal, o que fará argumento para o Capítulo que se segue.

CAPÍTULO IV

MOSTRA-SE QUAL E QUANTA PODE VIR A SER A MESMA CAPITANIA

§ I — *Terras incultas.*

92. As melhores terras da Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul para a agricultura infeliz e lastimosamente se acham incultas e perdidas; as mesmas que podem fazer a felicidade de muitas famílias, a defesa e a segurança da mesma Capitania na Coroa de Portugal e um considerável aumento de dízimos e direitos da mesma Coroa, existem como abandonadas, infrutíferas e inúteis. Elas são entre outras as duas serras dos Tapes, e do Eral (17. 18) ambas ao sul da Lagoa dos Patos e paralelas a esta, em distância de três a seis léguas: pela prova que daquelas terras se tem feito, elas propriíssimas para a cultura e produção do trigo e de toda a espécie de legumes e também de vinhas: as mesmas duas serras e suas terras, sendo muito férteis, ainda não são as melhores de todas as que se acham incultas: É pois visível que as terras da Serra Geral são as mais excelentes que há: começa esta no Rio das Tôrres, que, como também se disse (nº 1) divide esta Capitania da de Santa Catarina e corre por espaço de oitenta léguas, até à guarda dos Ferreiros, ou bôca do Monte, com largura de oito léguas e mais.

Podemos dizer que elas são as melhores terras, não só da Capitania do Rio Grande, mas de tôda a América; porque segundo a experiência, que há de algumas, que se têm provado, não só produzem tôda a espécie de legumes, mas também cana de açúcar, com vantagem a tôdas as outras terras do Brasil na produção dêste gênero, e com excesso de trinta a quarenta por cento: o que se vê em alguns engenhos, que ali se acham já estabelecidos; para isto concorrem duas grandes adições; muita madeira e boa; e rios navegáveis para o transporte: de maneira que não haverá lavrador distante da navegação, pela qual possa exportar os efeitos da sua fazenda mais de seis léguas, fáceis a carros. E é tal a fertilidade das mesmas terras, que um quarto de légua em quadro é bastante para o estabelecimento de um engenho de açúcar do lote de cem escravos: quando nas outras Capitánias um engenho de açúcar dêste mesmo lote pede meia légua quadrada.

93. Por êste cálculo é fácil compreender que se podem estabelecer dez mil duzentos e quarenta casais com terra suficiente para edificar outros tantos engenhos. Êste estabelecimento não é tão fácil, que não dependa de anos. Porém é fácilimo distribuir aquelas terras e fazê-las habitar de um para outro ano; fazendo-se transportar a elas casais das Ilhas dos Açores, que é a gente que melhor tem provado naquela Capitania, para a qual se tem feito semelhantes transportes; como também aquêles casais das outras Capitánias que se oferecessem.

E primeiro que tudo começar a distribuição das mesmas terras pelos filhos da mesma Capitania, que tivessem agilidade para cultivar; tanto porque havia certeza da mesma agilidade, muitas vêzes provada na mesma terra; como porque um colono dali natural, tem parentes e amigos de quem pode valer-se para o adiantamento da sua fazenda; e por não estranhar um clima de que é natural; o que pode verificar-se em qualquer dos casais transportados de fora, que ou mais ou menos, sempre estranham a diversidade do clima, além de não terem tão pronto o favor e ajuda dos vizinhos, como o que é natural da terra.

E se o Soberano, como tem sucedido, protegesse a cada um dos mesmos casais com ferramenta, com um casal de escravos e alimento para um ano, o que tudo se segurava com a mesma terra que cada um tomasse; a qual ficava obrigada ao pagamento desta ajuda de custo; seria mais sólido, mais eficaz e infalível o estabelecimento daquelas famílias; e é visível que no fim de dez anos se acharia o Estado indenizado; e a Capitania com um aumento de habitantes assim brancos como pretos, tão útil como a mesma Capitania, e a Coroa há de mister.

A mesma ajuda de custo, além do exemplo de se ter dado,

ficava segura no valor da terra sôbre que ela se dava, com a pena de se dar a mesma terra a outro colono, o qual pagasse ao Estado a importância daquela ajuda de custo; no que não havia risco, tanto porque nem faltaria quem pegasse na terra, como porque esta por pouco trabalhada que esteja, vale incomparavelmente mais que a mesma ajuda de custo.

Corroborar-se êste discurso com a experiência e diversos exemplos, de que semelhantes casais protegidos pelo Estado, indo à custa dêste das Ilhas dos Açores para aquela Capitania, nella têm trabalhado até o excesso de estabelecerem diversas fábricas, que ali há de água ardente.

94. Os mesmos casais não poderiam fazer estabelecimentos de consideração, porque isto depende de anos e de despesas, que neles se tenham adquirido; mas é evidente que logo no primeiro ano promoveriam a agricultura com excesso notável e com grande conveniência do Estado. Por quanto um casal em um ano, além de tirar das terras os frutos necessários para o seu sustento, podia colher pelo menos cinquenta arrobas de algodão, ou qualquer outro equivalente, que por necessária conta no sobre-dito número de casais correspondia ao cômputo anual de quinhentas e doze mil arrobas, cujo dízimo em a mesma terra que o produzia nunca seria menos de 204:800\$000 de réis, supondo-se o preço de cada arroba 4\$000 réis. Isto porém enquanto não tivesse fôrças para estabelecer engenho de açúcar, o que depende de maiores despesas.

95. A cultura do algodão é a mais fácil e por isso a mais útil daquela Capitania. E é lástima que estejam perdidas tantas terras, que o podem produzir; e que o Estado proteja a cultura do linho cânhamo, e não a do algodão sendo-lhe êste mais útil; é pois evidente que uma arroba de algodão vale mais que cinco ou seis do dito linho em bruto; e nenhum lavrador, senão constrangido, cultiva o linho, que suposto se dá bem naquelas terras, contudo depende de mais trabalho; até porque os povos são pouco práticos nesta cultura, e é muito menor o seu valor; porque o linho precisa ser semeado todos os anos, e numa semente de algodão, conforme a terra, produz seis, oito e dez anos. O linho é trabalhado por vários modos, e todos necessários, primeiro que se ponha em estado de se fiar; o algodão, uma vez colhido e cardado, fia-se e não depende mais, nem corar-se.

De onde se manifesta o evidente prejuízo do Estado na cultura do linho, com preferência à do algodão. Assim é que se evita a despesa, que se houvera de fazer no da Rússia; mas perde-se a venda, e seu lucro do algodão daquela mesma Capitania, com a mencionada diferença. Que importa que não gastemos

duzentos mil cruzados em linho da Rússia, se perdemos mais de seiscentos mil cruzados de algodão, que a Capitania não produz em lugar do linho?

96. Em tôda a América não há sítios mais próprios para fábricas de açúcar como nas mencionadas terras incultas daquela Capitania, pela experiência das que lhe são próximas, já reduzidas à cultura, como fica dito, porque quase tôdas têm águas altas, que podem fazer trabalhar os engenhos, o que lhes dá valor de mais uma quarta parte. Todos os alimentos e bestas necessárias se acham mais baratos na Capitania de que falamos, do que em qualquer outra; e o gasto de um engenho nela, ainda de menor labutação, será menor que em outra três ou quatro mil cruzados, pelas comodidades ponderadas.

De tudo o referido se manifesta o gravíssimo prejuízo do Estado pela falta de cultura daquelas terras, e se é considerável o cálculo feito a respeito do primeiro ano da cultura mencionada; que devemos dizer dos anos seguintes à proporção que crescesse o número dos operários e das fôrças? Atendendo também a que o mesmo cálculo foi feito pelo menor preço, que em ocasião de abundância podem ter os gêneros; por exemplo em algodão, que em nenhum caso pode valer menos de 4\$000 rs.

§ II — *Conveniências do Estado em fazer povoar as terras incultas.*

97. A multiplicação dos dízimos e dos direitos que a Coroa recebe dos frutos e exportação dêstes para fora dela; e um número maior de vassallos ricos e felizes são evidentes, e importantíssimas razões de mandar o Soberano distribuir aquelas terras incultas a quem haja de as povoar e cultivar.

É certo que as mesmas terras distribuidas por dez mil e duzentos e quarenta casais, podem fazer a cada um dêstes a sua felicidade; porque são bastantes para cada um sustentar um cento de escravos, e o maior número, que possa ter, de filhos e netos: crescendo aos frutos da terra os lucros do negócio e da agilidade dos homens, segundo a sua inclinação e o seu gôsto naquela Capitania para os diversos modos de ganhar a vida, que ali há, dependentes, como efeitos da cultura das terras. Um pai de famílias, assim estabelecido e abonado, aspira às honras e a todo o gênero de felicidade para a sua família; faz casar os filhos com luzimento, e dirige os filhos, quando êstes por si próprios não procuram a servir ao Soberano, e fazer serviços: sustentando a terra sempre, e cada vez melhor êste esplendor e luzimento; por ser ela e o clima tão fértil e benigno que é rara a família, que tem menos de dez filhos, e são muitas as que têm mais de vinte.

Há três anos morreu uma velha, por nome Lucrecia, de mais de cem anos, que chegou a ver mais de mil descendentes seus: tendo ela nascido e residido muitos anos na Capitania de S. Paulo, desceu para o Rio Grande, onde casou quatro filhas tão fecundas, que em vida da dita mãe tiveram o dito número de filhos e netos primeiros e segundos, que a mesma Lucrecia chegou a ver. E quanto à produção dos frutos, vale mais o trabalho de um homem naquela terra num dia, do que o de três em outra terra.

98. Também concorreria para o aumento da gente da mesma Capitania o não se executar para soldado pago, filho algum da terra, no espaço de vinte anos. Isto à primeira vista parece que diminuiria as fôrças da tropa; mas é certo que estas se aumentariam: primeiramente, porque todos os que deixassem de ser soldados pagos, sempre ficavam sendo soldados milicianos; e desta sorte não havia diminuição nas fôrças militares; restando pelo contrário que elas se aumentavam, em que um miliciano sempre é um homem estabelecido e abonado, e apresenta-se ao serviço do seu Soberano com asseio, com armas, com brio, com valor, com presteza e com honra: acha casamento, o que não sucede a soldado pago, com o qual ninguém quer casar naquela terra; e gosta de servir o Estado, por se honrar e aos seus: o que lhe não é penoso, como ao soldado pago; porque o miliciano tem da sua casa quanto quer e tudo o que lhe pode prestar no Real Serviço. Está portanto pronto para a guerra independente do soldo do seu Príncipe, sem deixar ao mesmo passo de olhar pela sua fazenda, nem de prestar à propagação, tanto por si como por seus filhos.

99. Quanto à multiplicação dos dízimos e dos direitos, é evidente que deve ser objeto de sumo interêsse do Estado; por quanto se calculado o rendimento do dízimo do algodão fabricado por aquêles casais o menos que deve dar são: 256:000\$000 rs. no primeiro ano, em razão das poucas fôrças dos habitantes, e não segundo a capacidade do terreno, que devemos nós inferir do rendimento dos dízimos de todos os demais frutos daquelas terras depois de reduzidas tôdas à cultura; e dos direitos que êles pagam na saída daquele pôrto e na entrada dos outros desta Coroa? O modo porque naquela Capitania se faz êste cálculo é supor-se no fim de vinte anos ter cada casal mais cinco pessoas de serviço, e de rendimento de dízimo duas quantias sôbre a referida iguais a ela, isto é 512:000\$000 rs. isto pelo menos e só no artigo do algodão; sem atenção aos outros frutos da terra e aos das árvores frutíferas, que em dez anos crescem o mais do seu natural costume, e produzem quanto pode esperar-se; o que tudo paga dízimos, bem como as mesmas hortaliças.

100. Sôbre estas conveniências, provindas da povoação e produção das terras mencionadas e incultas, se deve ponderar que outros interêsses são necessárias consequências da distribuição e da cultura delas. É pois necessário inferir que se aumentará a construção naval e a vida marítima dos filhos da Capitania, que a quizerem seguir; o comércio de todos os gêneros, assim da terra como de fora dela; a felicidade daqueles povos; o poder do Soberano; e o aumento do Sagrado Culto e da Religião. Para isto convirá que no ato da distribuição das terras haja reserva dos necessários planos para feiras, Igrejas e suas oficinas e passais dos páracos.

§ III — *Reais providências interessantes à Capitania de que se trata.*

101. Instam finalmente tôdas as razões para que sôbre o referido supliquemos a Sua Alteza Real pelas Providências em que interessam as necessidades públicas e particulares daquela Capitania em benefício geral não menor da Coroa, que dos povos dela. Tôdas se reduzem a fazer povoar as terras incultas, distribuindo-se na forma ponderada, ou como parecer melhor. A animar o comércio, com a isenção de meios direitos por dez anos, como se concedeu ao Ceará Grande pelo alvará de 27 de maio de 1803, em todos os efeitos que se exportam, e importam dêste Reino em direitura àquela Capitania.

A criação de seis vilas, e competentes ministros de justiça, que evitem as desordens e inclemências que os povos sofrem na distância de oitenta e noventa léguas do único ministro da Capitania do Rio Grande.

A concessão de autoridade ao general governador desta mesma Capitania para mandar passar cartas de sesmaria e patentes em todos os casos, em que o fazem os capitães generais, como já se concedeu aos governadores da Paraíba e Ceará, para evitar aos habitantes do Rio Grande a penosíssima dependência do govêrno do Rio de Janeiro, neste particular.

A criação de uma tôrre da marca na barra do Rio Grande, feita de madeira, para maior segurança e facilidade, menos despesa e grande utilidade; porque se perdem muitas embarcações, que, por falta de sinal, não acham a foz nem o pôrto. Os alicerces para a mesma tôrre, como devem ser de pedra, deviam formar uma necessária fortaleza ao norte da barra, e levantar-se do centro da mesma fortaleza, aquela necessária elevação, que bastasse a tôrre.

A tratar o mesmo Soberano com a Coroa de Espanha a reposição dos escravos, que fogem da Capitania para o Montevideu e outras povoações daquela Coroa, com gravíssimo prejuízo dos Portugueses.

A proibida, ou coibir a liberdade de serem os mortos sepultados dentro das igrejas, por serem poucas, pequenas, não caberem nelas os cadáveres, ficarem mal enterrados, e daqui se originarem epidemias, como se tem visto, e com grande estrago da povoação.

Das moléstias curáveis daquela Capitania é uma a de bexigas; e se pode dizer que basta reconhecer um enfêrmo, que as tem, para se desanimar, até o excesso de morrer de susto. Passam-se anos, sem que se padeça êste mal; mas sucede um que leva tudo o que é criança de poucos anos. E porque é manifesto o benefício da vacina contra as bexigas, no qual contudo a gente rústica e ignorante daquela Capitania não quer crer, seria providência digna do Soberano, mandar ao Govêrno que obrigue os povos a êste remédio, a benefício da povoação.

Porém a providência que mais que tôdas é necessária, é proibir a entrada da carne salgada dos Espanhóis nos nossos portos de América, e a exportação dos escravos para as terras de Espanha. O primeiro mal resulta em gravíssimo prejuízo do comércio da Capitania do Rio Grande; e o segundo é perniciosíssimo a todo aquêl Estado de Portugal; porque êste não pode subsistir sem escravos; e por maior que fôsse o número dêles, nunca deixaria de achar terras incultas, em cujo trabalho se empregassem. E quanto maior é o número de escravos que levam os Espanhóis, tanto mais diminuem as nossas fôrças e aumentam as suas.

Há uma lei contra a exportação dos escravos das terras de Portugal para as de fora: contudo os negociantes, atendendo só aos seus interêsses mais que aos do Estado, continuamente transgridem a mesma lei pela particular conveniência de receberem dos Espanhóis montes de prata, não lhes importa o Estado, nem as conveniências dêste. Devera fazer-lhes mágua danificarem os direitos da Coroa, empatar o comércio do Rio Grande, a trazer a agricultura, diminuir as fôrças dos nacionais, e aumentar as dos inimigos, e fazer todos os males, que resultam ao particular, e ao geral do Estado em admitir a carne salgada dos Espanhóis, como de pão e água.

Finalmente suspendamos esta descrição, uma vez que estão tocados todos os artigos, que naturalmente lhe competiam; sem nos dispensarmos de prometer fecundar as matérias dela, instruídas com cartas corográficas, não só da Capitania em geral, mas também das fazendas de maior lote, lagoa, serras e povoações mais notáveis.

DOCUMENTO ANEXO

Aos Senhores que a presente virem, Nós abaixo assignados Procuradores, e Advogados nesta Villa de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre do Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Attestamos em fé de Nossos Officios em como Domingos Jozé Marques Fernandes veio criar nesta Villa o Officio de Escrivão das Sismarias no anno de 1798, e nelle se tem sempre conservado athe o presente, exercendo-o com muita honra e actividade, e desinteresse sem que em todo este tempo se perdece alguma causa por êrro, ou negligencia sua, antes dando provas em todo o seu processo, demonstrando-se benigno com todas as pessoas que em razão de seu Officio o procuravão tanto em seu Cartorio como ainda em qualquer parte onde acontecia: por cujos beneméritos comportamentos, e outros muitos que nele se encontram tem merecido hum geral louvor dos Povos deste Continente principalmente de todas as pessoas empregadas em Officios publicos.

Passamos o referido na verdade para que conste aonde convier somente por nós assignada.

Porto Alegre 21 de Fevereiro de 1803. — Ignacio de Souza Maciel — Salvador Lopes de Araujo — Manoel Luiz Fernandes da Silva — Francisco de Oliveira e Souza.

Zusammenfassung: Vorliegende Veröffentlichung enthält die bisher ungedruckte *erste Geschichte von Rio Grande do Sul*. Der Verfasser ist ein portugiesischer Offizier, der die damalige Capitania de São Pedro do Rio Grande aus beruflicher Tätigkeit kannte und dem Prinzregenten, dem nachmaligen König João VI., diesen ausführlichen Bericht über den südlichsten Teil Brasiliens überreichte (1804).

Da der westliche Teil des Landes schon mehr als ein Jahrhundert früher von den Guarany-Reduktionen unter der Leitung der Jesuiten besetzt war, befasst sich die Schrift wesentlich mit der Osthälfte des heutigen Staates Rio Grande do Sul. In vier Kapiteln werden behandelt: die geographische Eigenart des Landes; Viehzucht, Landwirtschaft und Industrie; die erfolgreichen

Grenzkriege gegen die Spanier und die daraus folgende Einverleibung des Reduktionsgebietes in die portugiesische Kolonie Brasilien; und die Aussichten für die zukünftige Entwicklung des Landes.

Um diese Entwicklung zu beschleunigen und zu festigen, schlägt der Verfasser die Errichtung der vier ersten Municípios (Verwaltungskreise) vor, nämlich der alten portugiesischen Siedlungen Pôrto Alegre, Rio Grande (Stadt und Hafen) Rio Pardo und Viamão: dazu mahnt er zur Ansiedlung tüchtiger Kolonisten zur Förderung der wenig entwickelten Landwirtschaft.

Diese praktischen Vorschläge machen dem Wirklichkeitssinn des Verfassers alle Ehre und wurden durch die spätere Entwicklung glänzend gerechtfertigt.

Das Manuskript befindet sich im Arquivo Histórico Militar von Lissabon.

Abstract: The present article is an unpublished manuscript from the Portuguese Military Archives, Lisbon, containing the first written history of the then *Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul*, the modern Brazilian State of the same name. The author, a Portuguese officer who knew the territory well from his service years, wrote it in the year 1804 for the Portuguese Prince Regent, afterwards King João VI.

As the western half of the *Capitania* had been occupied, more than a century before, by the Guarany Missions under the Jesuits, most of the attention gyrates around the eastern sector where the Portuguese (Azorians) and colonial Brazilians had taken an ever increasing foothold since 1719. In four chapters, the autor dwells on the following topics: geographical description of the country; cattle breeding, agriculture, industry; frontier wars with the Spaniards and incorporation of the former Missions into the Portuguese Colony Brazil; future development of the *Capitania*, provided the government was willing to follow the ideas proposed: erection of four Municípios (administration centers, counties): Pôrto Alegre, Rio Grande, Viamão, Rio Pardo; and the introduction of foreign colonists.

History has brilliantly justified the author's practical proposals.

ÍNDICE

Prefácio	5
Dedicação	11
Mapa da Capitania do R. G. Sul	13
Cap. I — MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA ESTA CAPITANIA PELOS EFEITOS DA CRIAÇÃO, DA NATUREZA E DA DIVINA PROVIDÊNCIA	15
§ I — Confronta-se a Capitania, aponta-se e descreve-se o seu único pôrto no mar Oceano	15
§ II — Extensão da Capitania e sua divisão, feita pela natureza com rios, que a cortam, pelo Poente do Rio Grande	16
§ III — Descrevem-se os rios ao Poente do Rio Grande, dito, e Lagoa dos Patos, até o rio Camaquã	19
§ IV — Descrevem-se outros rios que entram na Lagoa dita dos Patos, e Rio de Pôrto Alegre, entre os rios de Camaquã e Rio Pardo. (Figueira braba)	21
§ V — Descreve-se o Rio Pardo e os que com êle entram no grande lago de Pôrto Alegre	22
§ VI — Descreve-se o lago de Pôrto Alegre e as correntes que nele entram, além da de Rio Pardo	24
§ VII — Notícia das águas, que correm do Nascente para a Lagoa dos Patos, Rio Grande e para o Oceano. (Peixe miraguaia)	25
§ VIII — Ilhas entre as águas desta Capitania	26
§ IX — Serras e Montes da Capitania, a que ali chamam Coxilhas	27
§ X — Serros	28
§ XI — Trato interior da Capitania, assim pela navegação como por estradas	30
Cap. II — MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA A MESMA CAPITANIA PELOS EFEITOS DA PROPAGAÇÃO E DA INDÚSTRIA E PROVIDÊNCIA HUMANA	33
§ I — Orça-se o número dos habitantes, indicam-se as principais povoações e trata-se da mais antiga	33
§ II — Cria-se a Vila de Pôrto Alegre, Capital do Rio Grande	35
§ III — Trata-se da povoação de Rio Pardo	40
§ IV — Das povoações: Triunfo e Conceição do Arroio	41

§ V — Dos colonos que possuem terras na Capitania e da criação de gado bravo	42
§ VI — Criação de gado manso	44
§ VII — Exportação dêstes gêneros	46
§ VIII — Animais ferozes adversos aos gados	48
§ IX — Da caça e fruta da mesma Capitania	50
Cap. III — MOSTRA-SE QUAL E QUANTA SEJA A CAPITANIA DE S. PEDRO DO SUL PELA SUA OPULÊNCIA E FÔRÇAS ..	51
§ I — Referem-se alguns progressos de que se deduz esta matéria	51
§ II — Continua a mesma relação	54
§ III — Move-se a guerra de 1801 entre os Portuguezes desta Capitania e os Espanhóis	58
§ IV — Providências do governador, declarada a guerra	59
§ V — Ações do capitão Simão Soares da Silva, e do tenente José Antunes da Porciúncula	61
§ VI — Ações de Antônio Alves, de Manuel dos Santos Pedroso e de José Borges do Canto	63
§ VII — Continuam as conquistas de José Borges do Canto	66
§ VIII — Ações do mesmo José Borges do Canto, do mesmo Manuel dos Santos Pedroso, do capitão Varela e do alferes Padilha	69
§ IX — Ações do capitão Antônio Rodrigues Barbosa e do alferes Hipólito do Couto	73
§ X — Ações do coronel Manuel Marques de Souza	75
§ XI — Ação do brigadeiro Francisco João Róscio	78
Cap. IV — MOSTRA-SE QUAL E QUANTA PODE VIR A SER A MESMA CAPITANIA	82
§ I — Terras incultas	82
§ II — Conveniências do Estado em fazer povoar as terras incultas	85
§ III — Reais providências interessantes à Capitania de que se trata	87
DOCUMENTO ANEXO	89
Zusammenfassung	89
Abstract	90

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE HISTÓRIA

1. A FILMOTECA HISTÓRICA DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 14-67.
2. ISABEL, CONDESSA D'EU, VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL — Dioclécio de Paranhos Antunes — Pesquisas 1, 1957, 68-92.
3. LA COMPANIA DE JESÚS EN EL ANTIGUO GUAIRÁ — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 93-120.
4. PESQUISAS HISTÓRICAS EM LAVRAS DO SUL — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 3-19.
5. O GOVERNO TEMPORAL DAS MISSÕES E O PADRE ANTÔNIO SEPP — Mansueto Bernardi — Pesquisas 2, 1958, 21-33.
6. ALGUMAS ADVERTENCIAS TOCANTES AL GOBIERNO TEMPORAL DE LOS PUEBLOS (com tradução portuguesa) — Antônio Sepp, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 35-54.
7. UM NAUFRÁGIO NAS PRAIAS DO TRAMANDAI — Melchior Strasser, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 55-73.
8. PÂNICO NOS VICE-REINADOS ESPANHÓIS EM 1750; «SAN SEPÉ» EM 1751 — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 75-79.
9. A NOBREZA DOS CACIQUES GUARANIS, DO PRIMITIVO RIO GRANDE DO SUL — Pesquisas 2, 1958, 81-112.
10. A CATA DE TESOUROS JESUÍTICOS — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 9-27, 1 mapa, 3 fot.
11. O SISTEMA DE PROPRIEDADE DAS REDUÇÕES GUARANÍTICAS — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 29-198.
12. A EXPULSÃO DA COMPANHIA DE JESUS DO BRASIL em 1760: Exame Crítico-Histórico no seu Bicentenário — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 1960, História nr. 12, 64 pg.
13. O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI, I — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 1960, História nr. 13, 110 pg.
14. O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI, II — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 5, 1961, História nr. 14, pg. 113 a pg. 212.

COLEÇÃO JESUÍTICA NO SUL DO BRASIL

- I. OS TRÊS MÁRTIRES RIO-GRANDENSES, os Beatos Roque Gonzáles de S. Cruz, Afonso Rodrigues e João del Castillo, da Companhia de Jesus.
Autor: **Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.**
2.^a edição melhorada — 391 páginas ilustradas — encadernado Cr\$ 150,00
- II. BIOGRAFIA COMPLETA DO P. JOÃO BAPTISTA REUS.
Autor: **Leo Kohler, S. J.**
399 páginas ilustradas — encadernado .. Cr\$ 100,00
- III. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — I parte.
Autor: **Aurélio Pôrto**
2.^a edição revista e melhorada por Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — 434 páginas — encadernado Cr\$ 160,00
- IV. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — II parte.
Autor: **Aurélio Pôrto**
2.^a edição revista e melhorada por Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — 462 páginas — encadernado Cr\$ 160,00
- V. A TRANSMIGRAÇÃO DOS SETE POVOS.
Autor: **P. Juan Escandón, S. J.** — 1760
Versão do espanhol por Arnaldo Bruxel, S. J.
Em preparação.
- VI. A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL
Autor: **Baldúino Rambo, S. J.**
2.^a edição — 458 páginas ilustradas — encadernado Cr\$ 200,00

LIVRARIA SELEACH

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Pedidos diretamente ou através de qualquer livraria